



O uso de notícias televisivas ou de imprensa na aula de História e Geografia: um estudo com os alunos do 9º ano de escolaridade.

Diana Maciel

UMINHO 2013



**Universidade do Minho**  
Escola de Educação

Diana Patrícia Ferreira Maciel

**O uso de notícias televisivas ou de imprensa na aula de História e Geografia: um estudo com os alunos do 9º ano de escolaridade.**

Março, 2013



**Universidade do Minho**

Escola de Educação

Diana Patrícia Ferreira Maciel

**O uso de notícias televisivas ou de imprensa na aula de História e Geografia: um estudo com os alunos do 9º ano de escolaridade.**

Relatório de Estágio  
Mestrado em Ensino de História e de Geografia no  
3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Professora Doutora Isabel Barca**

Março, 2013



Universidade do Minho  
Instituto da Educação

Diana Patrícia Ferreira Maciel

**O uso de notícias televisivas ou de imprensa na aula de História e Geografia: um estudo com os alunos do 9º ano de escolaridade.**

Relatório de estágio  
Mestrado em Ensino de História e de Geografia no  
3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Professora Doutora Isabel Barca**

Março de 2013

Nome: Diana Patrícia Ferreira Maciel

Endereço eletrónico: [diana.ferreiramaciел@hotmail.com](mailto:diana.ferreiramaciел@hotmail.com) Telefone: 913628788

Número de Bilhete de Identidade: 11850518

Título do Relatório:

O uso de notícias televisivas ou de imprensa na aula de História e Geografia: um estudo com os alunos do 9º ano de escolaridade.

Supervisora:

Professora Doutora Isabel Barca

Ano de conclusão:2013

Designação do Mestrado:

Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 6 de Março de 2013

Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à minha orientadora Isabel Barca pela paciência que teve comigo e pela compreensão nos momentos menos bons, que me permitiu continuar este trabalho, desde o tempo de estágio até à realização deste relatório.

Às orientadoras cooperantes da escola de estágio pela sua experiência e sobretudo à professora Patrícia pelo apoio e compreensão num momento menos bom na minha vida.

Aos meus amigos e companheiros dos últimos 6 anos, Fátima Tavares e António Marques. Obrigada aos dois pela insistência e não me deixar desistir, sobretudo ao António, sem ele não chegava onde cheguei.

À minha amiga Ana Cristina pela ajuda e pelas palavras de apoio na fase mais complicada do meu trajeto, a fase de estágio.

Aos meus pais que sempre me apoiaram, sobretudo à minha mãe pela confiança independentemente das decisões tomadas por mim.

Por último ao meu namorado, Luís, por estar sempre presente a cada minuto da minha vida, dando-me amor, esperança, ânimo e força para concluir esta fase.

## RESUMO

O presente Relatório apresenta um projeto desenvolvido em contexto real de aprendizagem das disciplinas de História e de Geografia, numa turma do 9.º ano de escolaridade. Elegeu-se como tema o uso por alunos de notícias televisivas ou de jornais na sala de aula, para responder à seguinte questão:

*Como os alunos interpretam a informação veiculada pela notícia televisiva e pela notícia de jornal, e que compreensão histórica e geográfica obtiveram?*

Assim, as nossas finalidades foram, simultaneamente, analisar a interpretação histórica e geográfica e identificar os conhecimentos históricos e geográficos que os alunos constroem a partir dessas fontes.

A temática selecionada para a História diz respeito ao “Portugal Democrático: a Revolução do 25 de Abril e o processo revolucionário” e focaliza o período da implantação da democracia a partir da Revolução dos Cravos (1974). No que diz respeito à Geografia, a temática escolhida foi “O efeito de estufa: consequências e medidas”, que explana os problemas associados ao aumento do efeito de estufa.

No caso da História, foram recolhidas duas notícias coevas de jornais diferentes que descrevem o mesmo acontecimento, as manifestações do povo português no dia 25 de Abril de 1974. Foi elaborado um questionário com base no confronto das duas fontes que pretendia perceber a interpretação histórica que os alunos fizeram. Para a Geografia, o instrumento utilizado era constituído por uma notícia da RTP videogravada e um questionário composto por um conjunto de questões, tendo como objetivo a interpretação das mensagens principais da notícia pelos alunos e a problematização da importância do assunto para a sociedade atual. Os dados obtidos nas duas disciplinas foram analisados com o objetivo de perceber como os alunos interpretam a informação veiculada pelas mensagens das notícias, como elemento de compreensão histórica e geográfica.

Esta intervenção pedagógica possibilitou o enriquecimento como profissional de ensino de História e de Geografia, no domínio investigativo, e assumiu também importância no aspeto reflexivo sobre as práticas do ensino, ao permitir compreender o processo de interpretação de fontes históricas e geográficas pelos alunos.

## ABSTRACT

This Report presents a project carried out in a real learning context of history and geography subjects, in a 9<sup>th</sup> grade classroom. The selected theme was the using of televisions or newspapers news by students in the classroom context, intending to answer the following question:

*How students do interpret the information conveyed by television and newspaper and how students and what historical and geographical understanding do they get?*

Therefore our purposes were simultaneously to analyse the geographical and historical interpretation and identify the historical and geographical knowledge that students construct from those sources.

The theme selected for the History relates to the "Democratic Portugal: the Revolution of April 25 and the revolutionary process" and focuses on the period from the establishment of democracy since the Carnation Revolution (1974). Regarding to geography, the theme was "The greenhouse effect: consequences and measures", which explains the problems associated with the increasing greenhouse effect.

In history lessons two different newspapers on contemporary news describing the same event, the demonstrations of the people on April 25, 1974 were collected. A questionnaire was designed based on the cross analysis of these two sources to realize the historical interpretation developed by the students. In Geography the instrument used consisted of television news, video recorded, and a questionnaire composed of a set of questions aiming the message interpretation by students, and their questioning of the importance of the issue for the current society. The data obtained in the two subject matters were analysed in order to perceive how the students interpret the information conveyed by the messages of those news, as elements of the historical and geographical understanding.

This pedagogical intervention provided personal empowerment as professional in the teaching of history and geography, in the investigative domain, and also was seen as important in the reflective process about teaching practices, permitting to understand the process of source interpretation in history and geography by the students.

# Índice

Capítulo I - Contextualização Teórica .....	1
1. A televisão e a imprensa na sala de aula .....	2
1.1. A televisão .....	3
1.2. A imprensa .....	4
2. A investigação em ensino de História .....	5
3. A investigação em ensino de Geografia .....	10
Capítulo II - Metodologia.....	19
1. Objetivos e questão de investigação .....	19
2. Caracterização dos alunos participantes.....	20
2.1. Caracterização do contexto escolar .....	20
2.2. Caracterização da turma participante .....	21
3. Instrumentos Utilizados.....	23
Capítulo III – Análise de dados.....	25
1. Na disciplina de História .....	25
1.1. Análise qualitativa dos dados .....	25
1.2. Análise quantitativa dos dados.....	32
2. Na disciplina de Geografia .....	33
2.1. Análise qualitativa dos dados .....	33
2.2. Análise quantitativa dos dados.....	39
Capítulo IV – Reflexões Finais .....	40
1. O resultado do estudo: comparação de dados de História e de Geografia .....	40
2. Limitações do estudo.....	43
3. Implicações para o desenvolvimento profissional.....	45
Referencias Bibliográficas.....	46
Anexos .....	48

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1 – Frequência de respostas dos alunos por categorias de análise em História. Alunos participantes: 20.....	32
Tabela 2- As palavras-chave mais usadas nas respostas dos alunos.....	35
Tabela 3- Frequência de respostas dos alunos por categorias de análise em Geografia. Alunos participantes: 22.....	39
Tabela 4- Frames da notícia videogravada da RTP apresentado aos alunos na aula de Geografia .....	59

## **Anexos**

Anexo 1- Notícias de jornal e questionário dado aos alunos na aula de História.....	49
Anexo 2- Plano de aula em que foi implementado o projeto de História.....	52
Anexo 3- Questionário dado aos alunos na aula de Geografia.....	55
Anexo 4- Plano de aula em que foi implementado o projeto de Geografia.....	56
Anexo 5- Tabela de frames do vídeo apresentado na aula de Geografia.....	59

## Capítulo I - Contextualização Teórica

*“Uma perspectiva construtivista da aprendizagem sugere uma abordagem do ensino que oferece aos alunos a oportunidade de uma experiência concreta e contextualmente significativa, através da qual eles podem procurar padrões, levantar as suas próprias questões e construir os seus próprios modelos, conceitos e estratégias.”* (Fosnot, 1996,p. 9)

É com esta ideia de Fosnot que iniciamos este ponto, e que nos leva a refletir sobre a aprendizagem dos alunos em contexto de sala de aula, atualmente. Nesta perspectiva construtivista, segundo Fosnot, o aluno pode adquirir/desenvolver o seu conhecimento a partir da ação entre ele e o meio, quer físico quer social. Isto é, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada. Aqui o papel do professor é extremamente importante como educador e fornecedor desse conhecimento. O professor se estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: “aprender a interpretar o mundo conceptual dos seus alunos [...] para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceptualização dos alunos”. (Barca, 2004, p.133)

O método com que o professor trabalha em aula tem vindo a mudar, no sentido de que o professor deixa de ser um mero transmissor de conhecimentos, deixa de ser a figura central na sala de aula. Assim, o aluno como sujeito no contexto de sala de aula passa a ter um papel mentalmente ativo, no sentido de aprender e refletir sobre as temáticas que lhe são propostas. O aluno possui a função de ser um construtor dos seus conhecimentos.

No entanto, Cachapuz (2002) menciona na sua obra o facto de existirem lacunas neste tipo de ensino, em que é fornecido ao aluno, encarado agora como sujeito, factos hierarquicamente organizados e, apesar de guiado, é-lhe permitido gerar conceitos. Isto é, há um processo de pensamento espontâneo e natural no aluno que o leva desenvolver determinadas ideias. Segundo o autor, o professor passa a ter um papel mais rigoroso, exato e pormenorizado

de organizar ““o” contudo científico” dando, desta forma, ênfase à análise da “estrutura do assunto a aprender e muito pouca ao contexto de aprendizagem” (Cachapuz, 2002,p. 149). Para tal sugere que o erro deve ser evitado a todo o custo e as experiências devem ser incentivadoras. O autor apela para o trabalho prático que deve ser feito com os alunos, aquilo que ele chama de trabalho experimental (em ciências) e defende maior autonomia do aluno.

O professor dos dias de hoje apresenta uma forma de organização de planeamento de aulas ao longo do ano letivo. Os planos de aula, são hoje exigidos em grande parte das escolas portuguesas. Estes “são naturalmente integrados em planos mais abrangentes, os planos anuais, de período ou de unidade e, todos eles, para serem coerentes com as propostas curriculares atuais, precisam de ser organizados com um enfoque nas competências a desenvolver e não nos conteúdos a ‘dar’ (Barca, 2004:135). É essencial que o professor faça esta preparação de aulas “pois os grandes alvos de aprendizagem referem-se ao desenvolvimento de competências [...] são apresentadas numa progressão de complexidade ao longo da escolaridade obrigatória” (ibidem, p. 136).

## **1. A televisão e a imprensa na sala de aula.**

Este trabalho desenvolveu-se num “novo” contexto de sala de aula, o de uma aula oficina (Barca, 2004). Que ambicionou trabalhar o conhecimento dos alunos e como estes o adquiriram, através do uso de notícias televisivas e de imprensa como recurso didático dentro da sala de aula. Segundo António Moderno (1995), “o processo de ensino tem necessidade de uma ligação constante e estreita com o mundo exterior, com a prática, com os problemas concretos e os conflitos com que se debate a sociedade” (p.32). E o que se pretende neste ponto é mostrar a utilidade destes instrumentos pedagógicos (a televisão e os jornais) como fontes de conhecimento para que os alunos possam fazer esta importante ligação com o mundo exterior. Deste modo, espera-se a que “ o aluno encontrará, por si mesmo, o essencial das noções a adquirir, o encadeamento dos factos, e pouco a pouco, o seu desejo de explicar, de analisar, de compreender e de julgar estará mias desperto” (Moderno, 1995, p.35). Torna-se assim num momento de aprendizagem que leva o aluno à participação demonstrando o seu esforço e trabalho.

## 1.1. A televisão

Refletindo um pouco sobre a relação da televisão e a escola, denota-se ainda uma preocupação do seu uso como instrumento pedagógico na sala de aula. A televisão é vista como “uma tecnologia para o ensino em que as técnicas audiovisuais creditam o seu valor por uma apresentação massiva de informação icônica e os aparelhos consideram-se uma ajuda ao ensino que facilitam e ampliam os processos de instrução – sob esta perspectiva a televisão é no fundo, uma forma de modernizar as aulas” (Pinheiro, 2010, p. 66). Apesar das críticas que se fazem à televisão, por ignorar os conteúdos programáticos de cariz mais pedagógico, como diz O. Moreira (2002) um instrumento de comunicação e ao mesmo tempo de educação. Contudo, não deixa de ser também um instrumento que apesar de dar muita informação, esta pode ser fútil e enganosa.

A verdade é que a televisão tem uma influência enorme sobre os jovens nos dias que correm. E como o uso de instrumentos audiovisuais é um recurso preferencial dos alunos cabe ao professor adaptar-se a este novo contexto de sala de aula e compete-lhe ainda atender à informação que os jovens aprendem dos *media*.

*Torna-se pois importante que as instituições educativas procurem compreender a presença dos media na vida das crianças [...] sempre que possível, ouvindo as próprias crianças, considerando os seus pontos de vista.* (Pereira, 2001, p. 4).

Pretende-se então que as escolas se adaptem às sociedades, aos alunos e não o inverso. Será uma forma de captar o interesse dos alunos pela escola, pelas temáticas e melhorar a sua atitude na sala de aula, uma atitude que se quer ativa e crítica. Ou seja, a escola deve ser estimulante à construção do conhecimento do aluno. Como afirma Roberto Carneiro de uma forma veemente, “uma escola plenamente consciente da mais-valia educativa do seu tempo e uma televisão pujante e volátil mais respeitadora de uma inteligente divisão de tarefas entre os meios formativos diferenciados podem constituir a combinação explosivamente produtiva para uma nova educação” (Carneiro, 1995, p. 24).

A televisão não oferece à sua audiência tempo para refletir, não é um meio para estruturar argumentações complexas (McArthur, 1980). No entanto, esta pode ser usada pelo

professor e este pode trabalhá-la na sala de aula para que o aluno argumente e critique de forma coerente e, sobretudo, como fonte de construção do seu próprio conhecimento.

## **1.2. A imprensa**

Manuel Pinto (1995, p.39) refere a imprensa como instrumento pedagógico que proporciona “um alargamento notável dos recursos e das fontes de informação disponíveis” e “pode tornar-se num suporte significativo de novas metodologias de ensino-aprendizagem, mais activas e participativas, centradas mais na procura e na construção do saber do que propriamente numa assimilação mais ou menos acrítica do saber já constituído”.

Pacheco de Andrade (1995, p.50), no seu trabalho com os alunos relativo à utilização das notícias em sala de aula, afirma que “parecem, no entanto, os jornais que mais atraem a atenção dos jovens” e que estes “podem ser escola paralela à escola e exercer, em relação a esta, uma função de complementaridade”. A imprensa pode revelar-se assim num instrumento de ensino-aprendizagem na sala de aula. O professor pode trabalhar um jornal em torno de causas, consequências e contextos de um determinado problema, levando o aluno a procurar e construir saber.

Pretende-se o uso destes importantes instrumentos pedagógicos que estão adaptados às necessidades, em termos de comunicação, dos alunos nos dias que correm. Como forma de contrariar o tipo de aula dada apenas para a transmissão de saberes, pretende-se, com estes mecanismos mais modernos incentivar os alunos de modo que estes alimentem o saber, que incite nos alunos um carácter ativo e investigador e que promova a progressão do seu conhecimento.

## 2. A investigação em ensino de História

Em concreto sobre a disciplina de História são poucos os autores que fazem investigação sobre a sua experiência nas aulas de História com o uso das fontes aqui em estudo. Existem contudo vários trabalhos sobre o uso de fontes por alunos a um nível avançado, como é o caso dos de R. Ashby (2003), G. Moreira (2005) e Simão (2007).

R. Ashby (2003)<sup>1</sup> no seu trabalho considera ser fundamental o conceito de evidência e identifica e discute algumas das preconcepções, ideias alternativas com que os alunos podem estar a trabalhar nesta área de aprendizagem. A autora considera que o conceito de evidência é um complemento importante para melhorar os níveis de aprendizagem através da compreensão da evidência histórica. Esta evidência “situa-se entre o que o passado deixou para trás (as fontes dos historiadores) e o que reivindicamos do passado (narrativas ou interpretações históricas)” (p.42). Considera que os alunos mostram dificuldades em distinguir o passado e a História e o passado e a evidência. Propõe que o professor deve elevar o aluno a um nível superior que passa pelo tratamento de fontes como evidência.

A respeito da compreensão da evidência histórica, Lee, Ashby e Dickinson (1995) fizeram algumas investigações, que estão mencionadas no *Projeto Chata* (Concepts of History and Teaching Approaches)<sup>2</sup>, a respeito das ideias dos alunos sobre a evidência que foram aplicadas de forma progressiva em 6 níveis:

“Nível 1: Imagens do passado

Nível 2: Informação

Nível 3: Testemunho

Nível 4: Tesoura e cola

Nível 5: Evidência em isolamento

Nível 6: Evidência em contexto” (Ashby, 2003, p.44).

---

<sup>1</sup> Rosalyn Ashby, da Universidade de Londres, integra o seu estudo “the concept of historical evidence: curriculum demands and children’s understandings” nas actas das 2ª Jornadas Internacionais da Educação Histórica.

<sup>2</sup> Projeto fundado pelo ESRC, levado a cabo no Instituto de Educação da Universidade de Londres. O projeto explorou os conceitos dos alunos acerca da investigação histórica e explicação histórica.

Nestes seis níveis foram aplicados, de forma hierarquizada, “ideias mais ou menos poderosas com que os alunos parecem operar, quando tratam fontes materiais e em resposta a questões levantadas às fontes” (p.44), isto porque não se pretende que o aluno interprete uma fonte de forma simples.

No projeto foram apresentadas ideias de alunos do 3º, 4º e 7º ano, nos quais tiveram que realizar tarefas de forma a explorar as suas compreensões acerca do conceito evidência e avaliar as suas afirmações históricas. As tarefas foram distintas consoante o ano de escolaridade do aluno. Para os alunos do 3º ano, foi-lhes dado o seguinte material: “foram dadas duas afirmações históricas (apresentadas como História A e História B) e quatro fontes (apresentadas como pistas); aos outros grupos etários foram dadas três afirmações históricas (apresentadas como História A, História B e História C) e seis fontes (apresentadas como pistas)” (p.45). Como tarefas, os alunos tiveram que através do que já sabem e as fontes que possuem, decidir qual das histórias era a melhor e explicar a escolha. Interessava neste caso o uso, pelos alunos, das fontes como um conjunto, além de entendê-las como evidência. Contudo, vários alunos fizeram as suas escolhas rejeitando as fontes, atribuindo o facto à quantidade de informação contida nas fontes; no entanto, os alunos consideram-nas fontes válidas. Outro facto é de que alguns alunos trataram as fontes considerando, pormenores como nomes, datas e números, factos que evidenciam a sua validade. Para outros, é referida também a importância de uma história detalhada, expansiva, estimulante ou mais longa, em relação a uma história mais simples e generalizada nas suas afirmações. Muitos alunos tinham propensão a isolar detalhes nas afirmações e tratá-las somente para a informação que apoiava essas particularidades, ignorando eventuais conflitos que existiam nas afirmações. Estes poderiam ser detetados se os alunos tivessem usado as fontes como um conjunto e como evidência, daí que os alunos que “revelaram uma compreensão sofisticada” trataram as fontes como um conjunto e “reconheceram o valor de algumas fontes que os ajudou a medir a credibilidade da informação apresentada por outra” (Ashby, 2003, p. 49). O estudo revelou que os alunos mais velhos revelaram uma compreensão da evidência mais sofisticada mas que há alunos mais novos que mostraram pensar a níveis mais elevados que alguns alunos mais velhos.

Ashby termina questionando o que se poderá fazer para conseguir desenvolver as ideias tácitas dos alunos de forma a promover compreensões mais complexas e contestar ideias alternativas permitindo o progresso dos alunos. Reportando para o facto de muitas vezes se

considerarem, erradamente, as fontes como não credíveis, a autora defende que estas “podem ser consideráveis credíveis ou não, no contexto do seu uso como evidência” (p.49), isto é, deve-se dar uma resposta fundamentada e sustentada uma teoria que valide a informação. Para compreender uma fonte como evidencia os alunos terão que ter capacidade para “fazer distinção entre a natureza intencional de uma fonte e a sua natureza não intencional”; como tal o aluno deve questionar sobre “o a que fonte nos quer dizer? O que esta fonte pode dizer-nos, sem que jamais tenha tido intenção de fazê-lo?” (ibidem). É importante que os alunos aprendam a analisar eficazmente uma fonte, sobretudo, questionando-a.

G. Moreira (2005) explorou a construção do conhecimento sobre a Revolução agrícola e industrial, por alunos do 8º ano, com base na utilização de fontes (escritas e iconográficas) veiculadas no manual adotado na escola desses alunos. Concluiu, entre vários resultados que os alunos fazem inferências históricas sobretudo a partir de fontes escritas; eles gostam de fonte iconográficas mas dizem que muitas vezes não as conseguem interpretar.

Surgem também alguns trabalhos no Brasil, como é o caso do trabalho de Pereira e Seffner (2008) que abordam o uso das fontes nas aulas de História. Os autores referem que nos dias que correm, o professor usa os documentos/fontes históricas como base da sua aula. Quer isto dizer que estes apoiam a utilização destas fontes como fundamentação do que estão a lecionar, para dar uma certa realidade ao tema abordado. Os autores consideram que mais importante do que simplesmente ler com os alunos o documento e dar veracidade ao que está a ser dito, o professor deve trabalhar esses documentos com os alunos de forma a “estimulá-los a elaborar a crítica das representações que hoje produzimos sobre nosso próprio passado”. (p. 119). Pereira e Seffner (2008,p.127), para além de outros fatores inerentes ao ensino da História, consideram importante “ensinar aos estudantes a especificidade da narrativa histórica em relação a outras narrativas do passado (como a televisão e os jornais) [...] queremos que o estudante se torne alguém capaz de reconhecer na História o estatuto de uma ciência, com seus limites e suas possibilidades”. Desta forma o professor estaria a dar oportunidade ao aluno de pensar por si próprio, ter uma opinião e pensar criticamente sobre o conteúdo científico que lhe foi apresentado. O uso de fontes na sala de aula é extremamente vantajoso pois revela ao aluno “a complexidade da construção do conhecimento histórico e tira do documento o caráter de prova, desloca o estudante da noção de verdade que utiliza no cotidiano e, sobretudo, permite abordar o relato histórico como uma interpretação” (Ibidem, p.127).

Em Portugal, no campo da televisão na sua relação com aprendizagem da História, Olga Moreira (2002)<sup>3</sup>, questiona a validade do conhecimento jornalístico e televisivo, dado que a informação transmitida pela televisão, é geralmente deita de forma fragmentada, “ como uma sucessão de factos isolados, sem nenhuma ligação uns com os outros” (Moreira, 2002, p.26). A autora vai abordando a importância do papel dos pais em refletir com os filhos as mensagens televisivas. Nas escolas tem sido crescente a utilização de fontes audiovisuais e, por isso, será importante apostar na formação crítica para os conteúdos de multimédia e, sobretudo, os de carácter informativo. Por outro lado, a autora refere a ligação entre a História e o trabalho jornalístico uma vez que “ para a história, os acontecimentos sociais, transformados em factos históricos, é que vão determinar a maneira pela qual se compreende o presente, a transformação das sociedades, a partir da processualidade e da sucessão destes acontecimentos. (Said cit. Por Moreira, 2002, p.30). Os jornalistas escrevem as notícias sobre esses acontecimentos, que posteriormente serão elevados à condição de factos históricos (ibidem).

Também Wanderley cit. por Huyssen (2012) considera que o trabalho jornalístico, na produção de matérias relacionadas com o passado, necessita de ser complementado com o dos historiadores. Assim, o autor (2012, s/ p.) refere que “embora o jornalismo investigativo sério seja essencial para a construção pública de discursos de memória nacional, o seu enquadramento temporal é necessariamente limitado ao presente e ao passado recente, por isso o jornalismo precisaria ser complementado pelo trabalho historiográfico”.

Ao longo do seu trabalho, O. Moreira vai enfatizando a utilização das imagens em movimento, por parte dos professores na sala de aula. Desta forma os alunos reconhecem nas imagens que veem os factos históricos que lhes foram ensinados ao longo do seu percurso académico e que lhes poderá incitar a curiosidade e incutir-lhes ambições criativas, por exemplo numa tarefa prática e crítica, implementada pelo docente. Aqui coloca-se a questão da autenticidade das imagens visualizadas, como tal é importante facultar um documento histórico escrito como forma de comparação com as imagens em movimento, pois os alunos terão “ diferentes pontos de vista para se trabalhar a evidência contida nas imagens fílmicas”(Gunnig cit. por Moreira, 2002, p.111).

---

<sup>3</sup> Na tese de mestrado, Olga Moreira aborda a questão da perceção dos alunos em relação aos conteúdos televisivos e a aprendizagem histórica. Utiliza como fonte de estudo os documentários e o Telejornal. Um estudo feito com alunos do 7º ano.

Em conclusão da sua investigação, com alunos do 7º ano de escolaridade e que pretendia perceber as concepções dos alunos acerca da relação televisão e aprendizagem histórica, Moreira (2002, p. 192) sugere que os alunos têm consciência “do papel da televisão como fonte de aprendizagem da História” e que estes “problematizam essa informação embora muitas vezes ao nível da deteção do certo ou errado, pelo confronto da informação transmitida pelo professor”.

Mais do que uma fonte de motivação, o professor deve utilizar as imagens em movimento de uma forma mais “desafiadora no plano cognitivo”, deve organizar essas fontes de forma estratégica e “construtivista, que estabeleçam pontes entre o conhecimento transmitido pela TV e o conhecimento histórico”. Como tal deve enfatizar na aula a “discussão e reflexão sobre as variadas opiniões ou visões do mesmo fenómeno ou realidade [...], cruzar fontes secundárias e primárias, incluindo programas televisivos, formular tarefas problematizantes e não meramente a velha rotina de simples perguntas a uma fonte isolada” (Moreira, 2002, p.194).

### **3. A investigação em ensino de Geografia.**

Na área de ensino da Geografia em Portugal, são raros os trabalhos referentes a esta área de estudo. No entanto têm surgido alguns trabalhos do Brasil que têm proposto a experiência com a utilização de notícias na sala de aula.

Por exemplo, Rosa Martins (2008)<sup>4</sup> começa o seu artigo pelo contributo da globalização na mudança da sociedade e para um conhecimento cada vez mais centralizada em todas as áreas, e que resultam em grandes mudanças na história da humanidade. Refere-se à chamada economia de mercado, que surge neste século, devido à revolução técnico-científica, e que elimina barreiras geográficas entre países e continentes. Segundo a autora, daqui têm surgido novas realidades e projetos “repensados e redefinidos, abrindo discussões de aspetos sobre o local e regional, a integração e fragmentação do espaço” (p. 2).

Assim, todas estas transformações têm interferido diretamente na escola no sentido em que a educação também pode ser afetada pelos conflitos da sociedade, daí que tenha como função criar condições para que os alunos possam analisar e compreender a realidade vivida, podendo participar nela de forma consciente e participativa. Deve também, a escola, assegurar ao aluno a compreensão da realidade para que haja novos conhecimentos e que este saiba se situar no espaço e no tempo. Daí que, como afirma Martins (2008), “ a reflexão sobre questões que envolvam a vida cotidiana contribui para levar os educandos a uma consciência dos fenómenos que eles vivenciam o presenciam no dia-a-dia” (p.3).

Martins alerta para a necessidade de repensar os conceitos e conhecimentos definidos, pois é importante reconhecer as modificações e dinâmicas ocorridas no espaço geográfico bem como a contextualização histórica e social desse espaço. Neste sentido, considera ser fundamental, perceber como estas mudanças têm influenciado o ensino da geografia na escola básica. Como tal, “para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona [...]. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro” (Santos cit. por Martins, 2008, p. 4).

---

<sup>4</sup> Rosa Martins no seu trabalho “ O ensino da Geografia e o uso de notícias na sala de aula” pretende fazer uma reflexão sobre a importância e o compromisso da disciplina de geografia na educação básica de conduzir o aluno a compreender a organização espacial da sociedade que o homem transformou através da sua intervenção. O trabalho envolveu a pesquisa em jornais, revistas, internet, de notícias sobre o Brasil, tendo como objetivo proporcionar o desenvolvimento das habilidades de leitura e análise e a reflexão sobre questões que envolvem a vida quotidiana dos alunos.

A autora refere ainda a contribuição da Geografia como ciência, com informações úteis necessárias para perceber os avanços e domínios dos territórios, destacando a importância de promover a educação do povo de um estado-nação. Deste modo pretende-se “criar uma identidade para os cidadãos pelo estudo do território, dos mapas, da população, dos recursos naturais e do sistema político e econômico” (Martins, 2008, p. 4).

Refletindo sobre o papel da escola no que diz respeito às questões contemporâneas, a autora assegura que o cidadão tende a adquirir competências de acordo com o tempo e o espaço em que vive. Daí que a escola surge como pilar da educação, desde cedo, do cidadão em saber estar no mundo e torná-lo num cidadão crítico e criativo. Refere, para isso, a Geografia como disciplina apropriada para esta ação de “formar” o aluno para a compreensão da organização do espaço, que o próprio Homem tem vindo a transformar pela sua intervenção, pela sua atitude e estar em sociedade. Defende que para isso é importante que na escola e na disciplina de Geografia se adote novas temáticas ligadas e mais próximas do quotidiano dos alunos. No entanto, reconhece a complexidade desta “tarefa”, não é um tema em voga, mas é fundamental compreendê-la. Para isso o contributo da Geografia, como ciência social, é primordial para a compreensão destes aspetos.

Constata um desafio que deve ser encarado pelos docentes da disciplina de Geografia, na promoção de um ensino que inclua a prática em fontes diversas de informação, nomeadamente a TV, filmes, documentários, jornais e trabalhos de campo. Pois é, através da exploração destes recursos, possível que o aluno esteja inserido na realidade em que vive e, desta forma, adquirir uma aprendizagem significativa para a sua formação como cidadão, no sentido de saber interpretar e relacionar fatos desse espaço ou dessa realidade que está inserido.

Martins (2008, p. 7) pretende conseguir, no espaço da sala de aula, grandes e importantes momentos de interação com o intuito de preparar os alunos “para a vida social, para a consciência, para o exercício da cidadania e o entendimento de que é urgente repensar essa sociedade onde há tanta discrepância social e baixa qualidade de vida”.

No que se refere à metodologia do seu trabalho investigativo, desenvolvido com duas turmas da 6ª série, a autora pretende tornar as aulas mais dinâmicas, participativas e ligadas ao quotidiano dos alunos. A sua experiência em sala de aula centra-se num tema que diz respeito

às características do território brasileiro, nomeadamente, o processo que envolve a estruturação socioeconómica, o quadro natural, a constituição do Estado e a população. Pretendeu desenvolver as competências de observação e análise de jornais, revistas, notícias online. Os alunos foram divididos em cinco grupos, cada um responsável por pesquisar uma região do Brasil. Antes de avançar com o projeto foram feitos, nas duas aulas anteriores, análise, comentários e diálogos com os alunos sobre o que se iria fazer de modo a prepará-los para as aulas seguintes. Martins considera fundamental esta fase de preparação dos alunos para este tipo de estímulo e que para os envolver são vários os desafios que mobilizam a aprendizagem, tanto por parte do professor como do aluno. Para ter este tipo de aulas, há muito trabalho e responsabilidade na recolha e seleção da informação e o envolvimento de todos os intervenientes é essencial “para que o trabalho tenha um caráter científico e a sala de aula seja um local onde há interação da Geografia com o mundo” (Martins, 2008, p.8). Cada grupo realiza a sua pesquisa por temas relacionados à sua região, seleciona imagens e textos de jornais, revistas, ou extraídos da internet. As notícias devem respeitar temas atuais e relacionados com fatos da sua região, de forma a desenvolver nos alunos a “reflexão, o questionamento e o confronto de ideias” (ibidem, p.8).

Martins destaca pontos positivos e negativos. Na sua experiência, embora não apresente uma análise sistemática dos dados, destaca a motivação e o interesse dos alunos em continuar a ler jornais e revistas, quanto ao segundo, destaca a falta de responsabilidade de alguns membros dos grupos na recolha do material para a apresentação do trabalho. Não obstante, reconhece a necessidade de realizar com maior frequência este tipo de atividades em grupos para estimular a competência de organização e cooperação, e divisão de tarefas entre os elementos dos grupos. Considera que os alunos se envolveram com a pesquisa e com a leitura de jornais e revistas, e assim puderam estabelecer uma relação entre o conhecimento adquirido nas aulas de Geografia e o mundo real. Sendo assim, este projeto pode ser uma boa alternativa para motivar e despertar o interesse dos alunos pelas aulas da disciplina.

A autora defende que é preciso acabar com a ideia que a Geografia é só ter conhecimento de informação geográfica, é preciso, portanto, que os alunos saibam relacionar essas informações com o seu quotidiano. Que possam, ainda, compreender a sua dimensão e nele interaja, participe, interprete e analise criticamente a complexidade de elementos que se interligam. Isto para que saiba usar esse conhecimento a seu favor, isto é, que seja

independente e que aprenda contornar as transformações sociais de uma sociedade que se quer mais humana e menos desigual.

Noutro trabalho do género da autora anterior, Alves e Cardoso (2008)<sup>5</sup> trabalharam com os alunos com o objetivo de tornar a Geografia mais próxima do seu quotidiano e que o professor pode utilizar os meios de comunicação da sala de aula, “possibilitando que os estudantes investiguem, critiquem e questionem as informações obtidas através da mídia e realizem uma interligação com os conteúdos trabalhados nas aulas de Geografia” (p.19). Uma forma de motivar os alunos para aprender a estudar esta disciplina de uma forma integral e consciente.

Reportando-se para os parâmetros curriculares nacionais do ensino médio, estes autores destacam o grande objetivo em aproximar a Geografia para a vida real do aluno, que se torne útil no seu dia-a-dia e que os auxilie na sua formação como cidadão crítico, ativo e participante em todos os aspetos da sua vida. Isto é uma forma de estimular os alunos a possuírem o interesse geográfico. O facto de se memorizar os conceitos e outras informações geográficas não significa que houve compreensão e, portanto, é importante a contextualização do conceito científico e assegurar-se de explicar com casos reais. De forma a aproximar a Geografia do aluno, o professor tem um papel fundamental pois se pretende dele “ a organização de atividades, levando em conta as necessidades individuais e sociais dos alunos, as condições concretas em que o ensino se realiza e os modos mais adequados de tratamento de conteúdos [...] é o de buscar clareza quanto à utilidade dos conhecimentos que a Geografia veicula para a vida das pessoas em geral e para a dos alunos” (Cavalcanti cit. por Alves & Cardoso, 2008,p. 20) Deste modo, o aluno será capaz de saber interpretar corretamente as informações de que tem acesso e ao mesmo tempo reconhece que estas fazem parte da sua vida.

Alves e Cardoso referindo-se aos conflitos entre os meios de comunicação e a escola dizem que tem sido uma constante. Relativamente à televisão, a mais contestada, por razões já discutidas neste trabalho, considera que “ao invés de reclamarmos da TV, como ela sendo a grande inimiga do processo educacional, devemos trazê-la para o nosso lado, utilizando-a como instrumento de ensino” (2008, p. 21). Devemos aproveitar a sua influência na sociedade e torná-la cúmplice. Por sua vez, o jornal é um instrumento mais fácil de utilizar na aula e mais de

---

<sup>5</sup> Alves e Cardoso, no seu artigo “Geografia e a mídia na sala de aula” pretendem demonstrar a utilização dos meios de comunicação, em especial das notícias publicadas nos jornais impressos, no processo de ensino/aprendizagem de Geografia. Foram aplicadas algumas atividades em sala de aula envolvendo notícias de jornal e sobre conteúdos de Geografia do Brasil.

questionar a informação. Neste sentido, compete ao professor auxiliar o aluno na interpretação da notícia. No entanto, há um outro fator que poderá deixar dúvidas quanto à sua utilização, a persuasão a que o leitor está sujeito. Quer isto dizer que o jornalista, pela forma como escreve pode formar e conformar o ponto de vista do leitor, sendo então que “ a sua capacidade de influenciar na vida das pessoas é consideravelmente grande, pois ele age diretamente no pensamento crítico dos indivíduos” (Ibidem, p. 21). Desta forma, esta persuasão e depois como cada indivíduo a assimila, irá ditar as direções tomadas pela sociedade em geral.

Ora, o uso dos conceitos científicos na aula de Geografia, permitirá ao aluno ser capaz de se afastar dessa persuasão pois terá a competência de conseguir distinguir o conteúdo geográfico da notícia, de compreender termos usados e estabelecer uma relação entre a notícia e os conteúdos. Logo, formarão uma opinião própria a respeito da notícia e nas discussões sobre a mesma. Isto tudo leva a que, através do questionamento e da pesquisa, muitas vezes se evite que as informações erradas passem despercebidas e se poderá preencher possíveis lapsos.

Relativamente à presença de notícias da sala aula, estas ” são uma ótima oportunidade para os professores debaterem com os alunos a maneira como eles percebem o mundo em que vivem, compreendendo as relações do homem com a natureza, as relações do homem em sociedade” (Ibidem, p. 22) e, conseqüentemente na interferência dessas relações com a realidade de cada aluno. Nesta perspectiva de debate defende-se que é primordial ouvir o que o aluno tem a dizer para que o docente perceba se este interpreta de forma correta o que está a ser dito ou lido. Os autores defendem que o diálogo é fundamental no contexto de sala de aula e a utilização do jornal vem acentuar estes momentos de interação, porque provoca no aluno a ânsia de compreender o que está a ser lido no jornal. Este recurso é uma ótima ferramenta para alargar os horizontes de um docente no sentido de que este “ amplia a sua capacidade de educar, de transmitir conhecimentos, de auxiliar na formação do pensamento crítico do aluno na relação ensino/aprendizagem” (Ibidem, p. 22).

Desta forma, as aulas tornam-se mais atraentes e dinâmicas e havendo esta interação entre professor e aluno, a aula acaba por ser benéfica para ambos. O aluno percebendo a importância do que se está a ser discutido na sala aula saberá aproveitar e usar dos conhecimentos adquiridos, nessas interações, para o seu dia-a-dia.

No que respeita à metodologia desta experiência relatada neste artigo, constata-se que o trabalho desenvolvido com os alunos foi aplicado em duas fases distintas e com notícias distintas.

Na primeira fase, foram utilizadas notícias relacionadas com os problemas sociais da população brasileira. Durante os diálogos de discussão da notícia houve margens para assunto que não estava diretamente ligados ao assunto em questão. O tema foi proposto por ser um tema atual e que ajuda a perceber o modelo de urbanização atual das cidades brasileiras uma vez que todas elas podem ser atingidas pela violência. O medo gerado pela violência conduz a transformações nas sociedades e nos espaços em que se inserem, na medida em que estas adotam outras atitudes, optam por outros caminhos para fugir da violência. Desde logo, achou-se importante, antes de passar as notícias propriamente ditas, falar um pouco desta temática, fazer uma breve introdução ao tema de forma a inteirar os alunos com o assunto da violência urbana no seu contexto histórico e social brasileiro. Depois de fornecido o material, em pares ou grupos de três os alunos leram individualmente a notícia e depois discutiram em grupo as ideias do texto e a impressão que cada um teve a respeito do tema. Durante os diálogos que foram fazendo deu-se especial atenção a possíveis relatos de que conhecessem alguém próximo ou que cada um tivesse vivido alguma situação relacionada com a criminalidade. E constatou-se que muitos já viveram ou conheceram alguém que passou pela experiência de ser assaltado nas ruas. De seguida, foi discutida a influência do medo, pela criminalidade no processo de produção espacial ligada “ao processo de segregação urbana, em parte motivado pelo acirramento das desigualdades sociais, fruto do modelo de desenvolvimento económico do país” (Queiroz cit. por Alves & Cardoso, 2008, p.23). Este foi o ponto debatido que os autores consideraram ser o que mais ênfase teve na sala de aula. Foi proposto aos grupos que redigissem um texto de 25 linhas de acordo com a sua perceção acerca da violência urbana na cidade. Depois de analisadas as respostas percebeu-se que a maioria dos textos tinha em comum a associação da educação com a violência e outros problemas sociais brasileiros.

A notícia de jornal funcionou como um instrumento de contextualização do conteúdo e originou discussões/ debates entre o professor e os alunos, tendo em consideração diversos pontos de vista. Considera-se que os alunos foram estimulados a elaborar pensamentos e opiniões, tiveram contatos com outras apreciações e discutiram ideias próprias. Com esta atividade foi possível perceber que com a Geografia se pode e deve discutir os aspetos de

violência urbana. No debate “ estão embutidas as relações sociais, as características de ocupação e formação do espaço, os aspetos económicos e políticos que atingem a sociedade brasileira, o modo de produção que acaba gerando a exclusão social dos integrantes das camadas não beneficiadas por ele” (Alves & Cardoso, 2008, p.24).

Na segunda fase do estudo, que foi aplicada da mesma maneira que o anterior, diferindo apenas na temática da notícia, refere-se à temática da População Económica Brasileira. A notícia de jornal trata do crescimento do desemprego na região Metropolitana de Porto Alegre. Nesta notícia houve uma maior necessidade de explicar os vários conceitos presentes no texto escrito. De seguida foi debatido com os alunos como que o trabalho e as suas relações tem influência na formação da sociedade e do espaço e consequentes transformações territoriais. Por exemplo, um cidadão desempregado procura melhoras condições de vida mesmo que isso implique mudar de cidade ou de país. Neste caso, a notícia escrita serviu como base e exemplo para que alunos pudessem compreender melhor os conceitos científicos integrados nos temas discutidos em grupo na sala de aula, bem como uma melhor interpretação da notícia em questão.

Na sua investigação, Alves & Cardoso (2008) consideram que o trabalho com os alunos foi positivo, bem como a resposta dos mesmos e que, unir as informações obtidas no quotidiano vivido fora da escola aos conceitos científicos trabalhados na sala de aula, se resumiu num elevado interesse pelo assunto. Isto porque incentiva o aluno em querer saber mais detalhes, as dúvidas surgem e se intensifica os diálogos entre professor e alunos. Como vimos com a experiência, Alves e Cardoso destacam o papel mais participativo do aluno na aula. Os autores deixam duas ideias fundamentais e que se resumem ao motivo da realização deste estudo, para alertar que é um dever da educação geográfica formar cidadãos participantes e ativos na sociedade e que consciencializem que isto é importante para o rumo do país. Ao docente compete aproximar os alunos à realidade e criar a possibilidade de que este tenha a perceção que a Geografia está ao seu redor e que a exploração dos meios de comunicação comprova essa noção.

Em Portugal, C. Martinha (2009) mostra-nos a sua experiência com alunos da Universidade Júnior do Porto<sup>6</sup>. O seu projeto denominado de “Vem para Fora cá dentro”, incluiu a participação de alunos do ensino secundário, com idades compreendidas entre os 15 e 17 anos. Neste projeto misturam-se competências e atividades pedagógicas da área da Geografia e da História e foi projetado fora do contexto formal de aprendizagem, ou seja, para lá das atividades convencionais, o “ que promove aprendizagens importantes e diferentes no âmbito do conhecimento geográfico e histórico da cidade do Porto” (p. 181).

Com o principal objetivo de desenvolver competências geográficas mas também históricas nos alunos, o projeto passou, numa primeira fase, pela realização de percursos pela cidade do Porto. Os alunos tiveram que fotografar e gravar pequenos filmes pelos diferentes locais por onde passavam. A fase seguinte e já com a informação adicional sobre esses locais os alunos tiveram que, em contexto de sala de aula e juntando o material recolhido (textual e iconográfico), realizar pequenos filmes que retratassem a sua perspetiva histórica e geográfica acerca da cidade do porto. Pretendia-se com este trabalho tornar a sala de aula mais produtiva e, sobretudo, promover o gosto pelo conhecimento geográfico, seguindo um conjunto de competências adequadas a este projeto, como a localização, leitura e utilização de mapas e leitura da paisagem. A questão essencial para “entender como está organizada a cidade do Porto, nas suas mais diversas vertentes; a informação é obtida através de observação direta e pesquisa documental; [...] apresentam a “sua” resposta à questão de forma adequada e proactiva” (Martinha, 2009, p. 183), podendo mostrar argumentos sobre eventuais problemas com que os alunos se depararam na aérea que percorreram. A autora considera que os alunos aderiram bem a este projeto pelo facto de poderem conhecer melhor a cidade e por ser algo diferente do que estão habituados nas aulas. Foi possível a articulação entre a História e a Geografia, com o uso nas duas áreas de competências básicas, que por si só apelam “a uma abordagem do processo de ensino-aprendizagem pelo prisma da interdisciplinaridade” (p.184). Termina, apelando à promoção o conhecimento da Geografia e História local através de “atividades inovadoras e trabalho didático “mais livre” das orientações curriculares para os professores e onde estes poderiam desenvolver a sua criatividade, valorizando as aprendizagens dos alunos de forma mais significativa e conectada com a sua realidade local” (ibidem).

---

<sup>6</sup> A universidade acolhe alunos do 5º a 11º ano de escolaridade. Este programa que funciona no verão pretende preparar o aluno para o ambiente universitário. São propostas diversas atividades e projetos em áreas tão diversificadas como as ciências, as tecnologias, as humanidades, as artes ou o desporto

Pelos estudos acima mencionados podemos considerar que a imprensa pode revelar-se assim num instrumento de ensino-aprendizagem na sala de aula. O professor pode trabalhar um jornal, por exemplo em torno de causas, consequências e contextos de um determinado problema, que muitas vezes pode ser próximo do aluno, levando este a procurar e construir saber. Também o trabalho de campo, como vimos no estudo de Martinha (2009), será importante para a proximidade do aluno a determinado problema. Nestes tipos de exercícios, o trabalho de fontes textuais e iconográficas foram fundamentais para o desenvolvimento de competências básicas tanto em História como em Geografia. É de ressaltar que independentemente da fonte que se esteja a usar na sala de aula é importante que se evidencie “ a importância da aprendizagem da perspectiva do outro, do diálogo entre pontos de vista diferentes, da construção fundamentada de pontos e de consenso e de divergência e da assunção de decisões coletiva e livremente tomadas” (Pinto, 1995, p. 37). Cabe ao professor mediar estes pontos e cumpri-los ao máximo, fundamentais para o bom funcionamento da aula e sobretudo para auxiliar a formação do aluno e de um bom cidadão.

## Capítulo II - Metodologia

### 1. Objetivos e questão de investigação

Neste campo pretendeu-se explorar em sala de aula duas notícias de jornal sobre uma determinada temática em História, e uma notícia em vídeo em Geografia. Nas duas disciplinas, a tarefa de alunos consistiu em, após a leitura das notícias ou a visualização do vídeo resolverem um questionário para interpretação das fontes. A intenção era que, em Geografia, os alunos interpretassem no vídeo o que se relaciona com os conteúdos da aula. A mesma atividade foi feita nas aulas de História com o uso de jornais. No caso do uso dos jornais há a considerar o uso dos jornais da época, que veiculam perspetivas coevas da política da época. No caso da imprensa portuguesa antes do 25 de Abril, sabemos que era altamente censurada, apenas relatando ou assumindo-se como forma de propaganda do governo; posteriormente, ela assume o direito à liberdade de expressão e, por isso, transmite-nos com mais autonomia os pontos de vista dos seus autores.

As questões foram feitas com o objetivo de perceber como os alunos interpretam a informação veiculada pelas mensagens das notícias televisivas ou das notícias jornalísticas, que compreensão histórica e geográfica os alunos obtiveram e que relações fazem com a temática abordada na aula ou com outras abordadas anteriormente. A partir dos resultados na atividade pretendeu-se perceber que estratégias os alunos usaram na resolução do questionário.

Depois de ter analisado os dados obtidos em Geografia e em História, procurou-se perceber como os alunos deram determinado tipo de resposta e se houve diferenças de resultados na interpretação dos dois tipos fontes apresentadas. Ou seja, em qual das situações os alunos tiveram mais facilidade ou dificuldade em interpretar, qual dos questionários tiveram maior ou menor número de respostas adequadas. Das respostas, tentei perceber as suas opiniões em relação ao seu contributo para a sociedade atual e se estabeleceram alguma relação com o seu quotidiano.

Com a análise dos dados recolhidos procurei responder essencialmente à questão chave desta investigação:

**- Como os alunos interpretam a informação veiculada pelo notícia televisiva e pela notícia de jornal, e que compreensão histórica e geográfica obtiveram?**

## **2. Caraterização dos alunos participantes**

### **2.1. Caracterização do contexto escolar**

É necessário conhecer o contexto da escola na qual se desenvolve uma investigação pedagógica. Como tal, segue-se uma breve caracterização da escola/agrupamento em que ela se realizou. Esta baseia-se nos dados disponíveis no Projeto Educativo do Agrupamento, nas informações disponíveis no *site* da escola e também no documento de avaliação externa de escolas realizado em 2008.

A escola E.B. 2 e 3 foram inauguradas em 1971/72 e insere-se nas escolas do ciclo preparatório do ensino secundário (CPES) que foram criadas pelo Dec. Lei n° 47480, de 2 de Janeiro de 1967. A escola foi legalmente instituída através da constituição da república portuguesa, através da Lei de Base (LBSE) e dos decretos-lei 43/98/115 A/98 e Lei 24/99. Abriu com aproximadamente 1900 alunos que se dividiam por turmas aproximadamente de 30 a 31 alunos.

A escola situa-se no centro da cidade de Braga, num local com bons acessos e concentração de serviços, tornando-se assim num pólo atrativo para a frequência dos alunos. A escola EB 2,3 está inserida na configuração de escolas desde 2001 até à reorganização definitiva da rede escolar em 2003, funcionando atualmente como sede do agrupamento de escolas.

Segundo o relatório de avaliação externa de escolas de 2008, o agrupamento era frequentado por 2.447 alunos. A sede do agrupamento acolheu, em 2012, 554 alunos no 5º ano e 285 alunos no 6º ano dos quais 58 são de origem estrangeira dominando a origem romena seguindo-se a brasileira. No 3º ciclo totalizavam 691 alunos dos quais 252 frequentam o 7º ano, 216 frequentam o 8º ano e 213 frequentam o 9º ano. No terceiro ciclo, 66 alunos eram de origem estrangeira provenientes do Brasil, seguindo a Angola. No 3º ciclo, existia para além do ensino regular uma turma constituída pelo Cef, com 26 alunos, assim como os Efas ministrados no estabelecimento prisional de Braga, mas sem qualquer aluno inscrito. No 3º ciclo de ensino regular as idades dos alunos variavam entre os 12 anos e os 17 anos de idade, predominando no 7º ano 194 alunos com 12 anos. O 3º ciclo no ano 2009/10 abrangia 274 alunos contemplados pelo benefício de auxílio económico, metade abrangidos pelo escalão A e a outra metade pelo escalão B. Relativamente á sua área espacial e através da observação da

planta, esta sede de agrupamento é constituída por vários equipamentos dos quais importa destacar, a Biblioteca (PBX).

Julgo que as instalações boas ou más de uma escola interferem com a prestação escolar de um aluno. Pela minha experiência e pelo que pude observar das salas de aulas em que leccionei (duas), nenhuma delas tinha condições favoráveis ao ensino e aprendizagem. A sala das aulas de Geografia era bastante fria, e que motivações têm os alunos encasacados e com frio para escrever, ou prestar atenção? O chão em cimento, com cabos elétricos cobertos com uma tábua. O projetor de má qualidade não projetava a cor real das imagens, e as mais escuras nem se viam, por exemplo numa das aulas em que apresentei imagens, destas, algumas não eram perceptíveis, obrigando-me a descrevê-las nos seus elementos básicos. A sala era bem iluminada mas nem sempre isso é favorável pois metade da sala era composta por janelas viradas para o recreio escolar. A sala de História era bem melhor que a de Geografia, mas no dia em dava aulas naquela sala podíamos ouvir a aula de outra turma da docente de francês. Era bem audível a voz da professora do outro lado da sala, bem como dos alunos, e o barulho próprio de qualquer aula. Pude perceber enquanto observava as aulas das colegas de estágio que, numa das salas, nos dias de chuva, pingava água do teto e que caía na mesa e material escolar dos alunos. Viam-se baldes por entre os corredores das mesas a amparar a água que pingava do teto. Contudo, a escola encontra-se, atualmente, em fase de reconstrução.

## **2.2. Caracterização da turma participante**

A turma H do 9º ano era constituída por 23 alunos, com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos, sendo que 21 alunos tinham 14 anos e apenas dois alunos com 15 e 17 anos de idade. Destes, 16 eram do sexo masculino e 7 do sexo feminino. Relativamente aos apoios sociais, 7 alunos usufruíam o escalão A e 3 alunos o escalão B, os restantes 13 alunos não tinham qualquer escalão. Na turma não havia nenhum aluno com necessidades educativas especiais. No entanto, 5 alunos tinham um plano de recuperação na disciplina de História, e em Geografia desconhece-se se há alunos com planos de recuperação, contudo poucos eram os alunos com negativa a esta disciplina.

O número de pessoas constituintes do agregado familiar dos alunos varia de 1 a 3 elementos. Os pais dos alunos tinham idades compreendidas entre os 33 e os 54 anos de idade,

com profissões muito díspares, variando entre os setores secundário e terciário, sendo que 9 são desempregados. As habilitações literárias predominavam entre o 4º ano e o 12º ano de escolaridade verificando-se apenas um pai com licenciatura.

O contexto social do aluno é importante mas pode ou não ter influências na sua prestação escolar. Por exemplo, um aluno que tenha pais/ e ou encarregados de educação com habilitações literárias mais elevadas poderá ter uma maior prestação na sua vida escolar, podendo contar com a ajuda destes na elaboração de tarefas e escolar bem como apoios e motivações para o seu desempenho académico. Um ambiente familiar orientado para a escola favorece determinadas crianças. Pais atentos são mais rápidos a detetar eventuais dificuldades e a remediá-las. São fatores que podem muito bem influenciar e a aprendizagem dos alunos.

Desde início foi-nos dito pelas professoras orientadoras que a turma tinha algumas dificuldades na aprendizagem e nos níveis de comportamento, era uma turma bastante faladora e distraída. No entanto, desde os anos anteriores veio a melhorar o seu comportamento.

### **3. Instrumentos Utilizados**

#### **Em História.**

O projeto de intervenção na disciplina de História foi implementado na quarta e última aula de 90 minutos de História referente à temática “Portugal Democrático: a Revolução do 25 de Abril e o processo revolucionário”. O instrumento é constituído por duas notícias de jornal, uma do Jornal do Comércio do Porto e outro do Jornal de Notícias também do Porto, com notícias que retratavam os acontecimentos na baixa portuense no dia da revolução e um questionário sobre essas notícias (ver anexo 1, p. 49 a 51).

O questionário era composto por um conjunto de questões sobre as duas notícias de jornais, contemporâneas dos acontecimentos do 25 de Abril de 1974. Essas questões tinham como objetivo a interpretação de fontes e a relação das respetivas mensagens com a sociedade atual.

Os alunos teriam que ler as duas notícias que retratavam um momento particular da revolução e responder ao questionário elaborado por mim que incluía no confronto das mensagens das duas fontes. A tarefa foi dada praticamente no início da aula e antes de iniciar a temática. Antes de realização da tarefa, as notícias foram lidas em voz alta por alunos escolhidos pela docente, para captar a sua atenção para todo o texto, uma vez que na leitura individual, silenciosa, os alunos poderiam não ler o texto na íntegra. A tarefa levou mais 15 minutos do que o tempo previsto (25 minutos) quando realizado o plano de aula.

Os alunos mostraram-se pouco ativos na resolução do exercício do projeto. Não reagiram muito bem quando viram o tamanho do texto das notícias. Desde logo pude averiguar que os alunos não estavam habituados a procurar diferenças e semelhanças entre uma e outra notícia, facto que pude constatar com as dúvidas que os alunos me colocavam.

## **Em Geografia**

O projeto de intervenção na disciplina de Geografia foi implementado numa segunda aula referente à temática “O efeito de estufa: consequências e medidas” com a duração de 90 minutos. O instrumento era constituído por uma notícia da RTP vidogravada, que abordava uma das consequências do aquecimento global: o aumento efeito de estufa (ver anexo 3, p. 55).

O questionário era composto por um conjunto de questões com o objetivo de os alunos interpretarem as mensagens principais da notícia e de problematizarem a importância do assunto para a sociedade atual.

Os alunos teriam que visualizar a notícia televisiva, depois de recebido o questionário entregue pela professora, com cerca de 2 minutos de duração. No final os alunos teriam que responder ao questionário que consistia essencialmente na interpretação da mensagem que a fonte tenta passar. A tarefa levou mais ou menos 10 minutos, o tempo planeado.

## Capítulo III – Análise de dados

### 1. Na disciplina de História

#### 1.1. Análise qualitativa dos dados

As respostas dos alunos ao questionário foram analisadas de forma indutiva, segundo quatro categorias:

Válidas

Não válidas

Desajustadas

Sem resposta

As duas primeiras questões (3a e 3b) eram mais simples. Na primeira das questões, de resposta imediata, da identificação dos jornais, todos os alunos apresentaram uma resposta válida. Na segunda questão (3b), que perguntava o acontecimento histórico de que tratavam as notícias e que requeria uma interpretação global das mensagens, alguns alunos não responderam ao que realmente tratava a notícia (podemos atribuir tal facto à falta de interpretação cuidada da notícia destes alunos). Estes responderam de acordo com as ideias prévias que possuem, referido a factos ligados ou que resultaram do dia retratado nas notícias, a revolução de 25 de Abril de 1974. Como exemplo, um aluno responde “ refere-se à queda do regime de Salazar”, outro responde “ o dia da liberdade” A grande maioria das respostas foram consideradas globalmente válidas, dado que de facto as notícias referem-se à revolução do dia 25 de abril de 1974.

A terceira questão (4) que pergunta o que tem em comum as duas notícias, foram poucos os alunos que responderam de forma objetiva. Ambas as notícias referem confrontos das manifestações com a polícia na baixa portuense e grande parte dos alunos respondeu de uma forma muito superficial mencionando apenas o acontecimento histórico. Estes responderam “ambas as notícias falam do 25 de Abril”. Este tipo de resposta leva-me a pensar que os alunos não se deram ao trabalho de ler os pormenores das notícias, de encontrar factos em comum às duas notícias. Outros alunos dão respostas desajustadas como:

- “ ambas foram lançadas no mesmo dia”
- “ o grande acontecimento é o 25 de Abril”

Nesta questão pretendia-se que os alunos referissem aspetos presentes na notícia, como é o caso destas respostas que revelam mais factos e que andaram mais perto de uma resposta considerada válida:

- “ As duas notícias retratam confrontos entre a guarda e a população no dia do 25 de Abril”.
- “...ambas falam dos confrontos com a população e a polícia. Ambas até falaram dos agentes da PSP dispararem contra população.

Na quarta questão (4.1) onde se pedia a justificação da resposta da pergunta anterior, 4 alunos limitaram-se a não responder à questão ou a dizer que já tinham respondido na resposta anterior, como se a resposta anterior servisse de qualquer justificação. Nesta questão pretendia-se que os alunos justificassem o que responderam anteriormente de uma forma fundamentada, com argumentos do texto ou até com recurso a expressões das duas fontes (A e B) para comprovar os pontos que têm em comum. Alguns alunos respondem de forma desajustada:

- “ Na fonte A estão a decorrer os acidentes e na fonte B está a notícia retratada, no dia anterior”.
- “ O dia foi muito importante para o povo português e por isso falam no jornal”.

Há 2 alunos que utilizaram expressões dos textos, mas referem-se a situações factuais diferentes; estes dois alunos apresentam exatamente as mesmas expressões, revelando que um deles copiou pelo outro:

- “Na fonte A temos “entretanto, na Praça da Liberdade os civis apoderavam-se de pedras e atacavam a policia que procurou refúgio”, na fonte B temos “ vozes em unísono proclamavam «o povo unido jamais será vencido».” ”.

Neste caso o aluno em questão ao citar a Fonte B deveria citar em paralelo com a fonte A: “ Estes socorreram-se de algumas pedras. Alguns policiais recuam em fuga forçada para a praça...”.

A maioria da turma responde de forma vaga pois, apesar dos seus argumentos serem aceitáveis, não justificaram a resposta. Estes apresentaram uma resposta muito simples e incompleta, e grande parte deles dando praticamente a mesma respostas da questão anterior:

- “As notícias têm em comum os confrontos entre os manifestantes e a polícia”.

Um aluno respondeu de forma mais completa e, além de explicar que as notícias descrevem ao pormenor os acontecimentos decorridos na baixa portuense, deu um exemplo de detalhes de que ambas falam:

- “ Ouviram-se com frequência vivas às Forças Armadas” e “vozes em uníssono proclamam «o povo unido jamais será vencido» ”.

Seguidamente, a quinta questão (5) pedia que os alunos mencionassem as diferenças entre as duas fontes. Esta questão julga-se ser mais fácil uma vez que existem vários pontos que diferem uma notícia da outra. Desta vez apenas um aluno não respondeu, e a julgar pelo seu questionário foi por falta de tempo, pois não respondeu a nenhuma das questões 4, 4.1, 5 e 5.1. Nesta questão 8 alunos deram uma resposta adequada, a maioria respondeu, e quase nas mesmas palavras, da seguinte forma:

- “ Na fonte A mostra mais a revolução da população e na fonte B especifica mais a intervenção dos comandos”.

Este tipo de resposta é válida mas seria mais completa se os alunos acrescentassem para além da intervenção dos comandos também o da PSP. Apesar da resposta ser considerada válida fica a ideia que estes alunos responderam de uma forma genérica e denota-se que estes ficaram com esta ideia vaga por lerem por alto o texto.

Os outros dois alunos responderam diferentemente dos anteriores destacando-se por terem abordado factos pormenorizados, e que revela a sua atenção na leitura das duas fontes como podemos ver nas seguintes respostas.

- “ No Jornal de Notícias os manifestantes atacaram a polícia e no Jornal Comércio diz que a polícia atacou os manifestantes”

- “ Só numa fonte se usa o conceito comandos”.

Prosseguindo com a análise, 5 alunos deram uma resposta não válida a esta questão. É possível que 2 destes alunos tivessem copiado, uma vez que apresentam a mesma resposta e apenas um é que refere a fonte:

- “Uma notícia correu sem algum incidente (fonte A) e na fonte B correu com muitos incidentes”.

Com uma resposta parecida com a anterior, outro aluno responde que:

- “ Na fonte A, a PSP não intervém e na fonte B a PSP intervém”.

Estes alunos mais distraídos revelam que não leram com atenção as notícias e sobretudo o título, que são fundamentais para saber do que fala a notícia. Neste caso a Fonte A tem como título “ Recontros com a polícia na avenida dos aliados” que por si só revela logo que houve incidentes. Ora, o termo “recontros” está especificamente marcado com uma nota de rodapé em que explica o significado da palavra (confrontos), e estes alunos não a leram, quando no início da leitura das fontes a professora chamou atenção para o termo utilizado.

Quanto às respostas consideradas desajustadas, 3 alunos, nesta situação, responderam reportando-se para as diferenças nos títulos das fontes e os outros 3 para o facto de os jornais terem nomes diferentes.

A questão 5.1 onde se pedia a justificação da resposta dada na questão anterior, pareceu mais difícil para os alunos dado que a maioria ou respondeu mal ou nem respondeu. Apenas dois alunos responderam relativamente de forma válida. Uma vez que esta questão está ligada com a resposta antecedente, destaco em primeiro lugar a resposta com alguma validade do aluno que destaca, no JN, alusão aos confrontos em que os manifestantes atacaram a polícia (embora após uma primeira carga policial) e, no Jornal C. do Porto, um excerto que diz o contrário. O aluno justifica com expressões do texto:

- “ No jornal de Noticias diz “ ... os civis apoderaram-se de pedras e atacam a polícia que procurou refugio” e no jornal Comércio diz “ Elementos da PSP surgem repentinamente da Praça da Liberdade armados... afastando alguns manifestantes. Estes socorreram-se de algumas pedras”.

O outro aluno, que anteriormente respondeu que a primeira fonte fala mais da revolução das populações e a segunda dos movimentos dos comandos cita, para o primeiro caso, os gritos

de saudações do povo e no segundo a ida do pelotão dos comandos para o quartel da CICA. Os restantes alunos voltaram a escrever o mesmo que na resposta anterior, e os que haviam dado respostas válidas citaram os títulos dos jornais para justificar a sua resposta. Uma das respostas podia ser também a forma entusiástica que a primeira fonte descreve os acontecimentos utilizando expressões como “ vivia-se...um clima de ansiedade”, “ a praça encheu-se de gente”, “pessoas que beijavam o capitão”, “ os civis apoderavam-se de pedras” e “ milhares de pessoas que se apinhavam”. São expressões que são pormenorizadas e que mostra bem a intenção de mostrar o entusiasmo do povo e a vontade das pessoas em querer estar ali e defender algo que era do interesse de todos. Os títulos dos jornais, que tanto os alunos destacaram mas não por razões aceitáveis, também mostram essa diferença. A primeira fonte destacava desde logo o cerne da questão, a que realmente se refere a notícia (aos confrontos com a polícia) e que acaba por criar maior interesse que “grandes manifestações”.

Quanto à questão 6, que pedia a principal mensagem de cada um dos jornais, três alunos não responderam a questão. No entanto, esta teve um tipo de resposta mais equilibrado pois, a grande maioria da turma deu importância a união do povo, como é o exemplo das respostas seguintes:

-“Os jornais tentam mostrar que o povo tem direito à liberdade e que unido consegue aquilo que quer”.

- “Cada um dos jornais tenta passar a mensagem de que se o povo não fizer nada, não se unir, nada consegue contra a corrupção do estado”.

Esta última mensagem leva a supor que este aluno ao falar de uma temática do passado faz uma ligação com a atualidade quando utiliza a expressão “corrupção”, muito utilizada nos dias de hoje. Dentro do mesmo padrão de resposta e fazendo uma ligação também com os dias de hoje, observei duas respostas e passo a citar uma delas:

- “ ...para hoje não fazemos o que se fez antigamente, para não cometermos os mesmo erros”.

Presumo que estes alunos se refiram ao descontentamento das populações, que levou ao ponto de se revoltarem alertando para a importância de não ter de se fazer o mesmo, para

que as populações se possam manifestar de forma mais apaziguada e sem os incidentes que as notícias mencionam.

Nas restantes respostas os alunos basearam-se em factos que falam basicamente no que aconteceu “ as manifestações da população” ou naquilo que resultou nelas alguns referem que a ditadura de Salazar tinha acabado, o que se pedia era contextualizar o significado do que aconteceu e no que representou para as populações.

Finalmente na questão 7, que questiona a importância da notícia para a sociedade atual, não foram consideradas respostas não válidas uma vez que se tratava de uma resposta que pedia um ponto de vista pessoal. Apenas considerei as respostas válidas e as desajustadas, nos casos em que os alunos mencionaram factos que nem são abordados nas notícias.

Apenas 2 alunos não responderam á questão. Os restantes tiveram uma posição muito diversificada, umas mais avançadas do que outras. Temos como por exemplo algumas respostas que não abordam de facto a importância para a sociedade atual: “ foi um dia importante para o nosso país”, “ já não vivemos num regime autoritário”, “ acabou a ditadura”, “ Portugal conseguiu a liberdade”, opiniões que abordavam indiretamente a importância para a sociedade de hoje porque de facto foi muito importante o que aconteceu nesse dia pois não seríamos o povo que somos hoje, não cresceríamos como nação e certamente não tínhamos a liberdade que temos hoje. Entretanto um outro aluno respondeu de forma curiosa, dizendo que estas notícias são um “alerta” para a sociedade atual pois:

- “ ...Se não fizermos nada os representantes de Portugal fazem de nós “marionetas” com que possam brincar”.

Este aluno considerou que as manifestações são um direito do povo e que se não estivermos contentes com a política do governo devemos manifestarmo-nos e mostrar isso mesmo, esse descontentamento. Não nos devemos manter calados pois estamos a concordar com as medidas que nos são impostas. Terá o aluno feito alguma ligação com o que vê nos noticiários ou ouve no seu meio? Há um grande aumento do número notícias nas televisões que mostram o descontentamento, as manifestações e as greves numa altura de crise e que cada vez se tem que fazer mais sacrifícios.

Houve outro tipo de respostas que referem pelo que passaram as pessoas e no que tiveram que lutar para conseguir o que queriam. Para terminar, um aluno<sup>7</sup> fez um comentário curioso mostrando claramente o seu gosto pela disciplina, como já tinha confidenciado, responde de uma forma curiosa que passo a citar:

- “ A História ensinou-me que não existe nenhum regime autoritário que dura para sempre, o mesmo aconteceu em Portugal, o povo lutou pela sua independência e com algum esforço conseguiu-o. Também aprendi que devemos aprender com os erros do passado, com os erros que nós estudamos, para que não se repita em diante. Vivemos no regime democrático e fazemos tudo por tudo para que não violemos as leis da democracia. Acima de tudo, liberdade!”.

O conteúdo deste aluno revela a forma como a História é significativa para ele, com um papel importante de ...no tempo presente.

---

<sup>7</sup> Este aluno, de nacionalidade angolana, confidenciou nos que quando for grande quer ser político no seu país de origem.

## 1.2. Análise quantitativa dos dados

A tabela 1 resume, numa abordagem quantitativa, a frequência de respostas dos alunos em cada item, pelas quatro categorias de análise.

**Tabela 1 – Frequência de respostas dos alunos por categorias de análise em História. Alunos participantes: 20**

Questões	Válidas	Não Válidas	Desajustadas	Sem Resposta
Q3a)- Indica o nome e a data dos jornais	20	0	0	0
Q3b)- Qual o acontecimento histórico de Portugal a que se referem as notícias?	17	0	3	0
Q4- O que têm em comum as duas notícias?	6	3	11	0
Q4.1- Justifica a resposta.	4	5	7	4
Q5- O que têm de diferente as duas notícias?	8	5	6	1
Q5.1 – Justifica a tua resposta.	2	9	1	8
Q6 - Indica a principal mensagem que cada um dos jornais tenta passar.	9	4	4	3
Q7 – Qual a importância da notícia para a sociedade atual?	7	0	11	2

Nota: Neste questionário, falta a resposta de três alunos da turma que não estavam presentes na aula.

## **2. Na disciplina de Geografia**

### **2.1. Análise qualitativa dos dados**

Na questão 1 que perguntava qual a principal mensagem veiculada pela notícia, 6 alunos não responderam de forma válida podem se ler respostas como: “o efeito de estufa”, “os gases do efeito de estufa” e o “aquecimento global”. Estes alunos responderam de uma forma simples e responderam como se a questão fosse qual o tema abordado no vídeo. Os alunos limitaram-se a usar palavras soltas e mencionar o problema em questão. Os restantes alunos mencionaram uma resposta válida, dividindo-se em duas respostas:

- “gases de efeito de estufa estão a aumentar / piorar “

-“ as alterações do clima como o aumento da temperatura”

As respostas destes alunos seriam mais completas se abordassem estes dois factos, isto é o problema e o resultado desse problema, que são o principal alerta que a notícia tenta passar. Então a resposta seria mais completa se referissem que os gases de estufa estão a aumentar consideravelmente provocando alterações no clima, sobretudo o aumento da temperatura.

Porém, ao contrário destes alunos que referiram o problema em questão, quatro alunos mencionaram a solução do mesmo:

“ ... para usar energias alternativas para diminuir o efeito de estufa”.

Considereei estas respostas como desajustadas, pois apesar de serem cientificamente válidas, não são a principal mensagem da vídeo. Este mostra um alerta para o mundo de que os gases do efeito de estufa estão a aumentar e que isso trará consequências graves para o clima, sendo realçado o aumento da temperatura.

A questão 2, que pede que os alunos mencionem as palavras-chave do vídeo, foi feita com o intuito de perceber se os alunos conseguiram retirar do vídeo o mais importante. Nesta questão, 4 alunos não responderam ao que era pedido. De facto, alguns deles nem sabiam o

que era para responder a questão, não sabiam o que significa escolher as palavras-chave e que palavras deveriam escolher<sup>8</sup>.

Foram dadas respostas do género: “energias alternativas para diminuir os gases de efeito de estufa”, “ O aquecimento global e o efeito de estufa estão aumentar sucessivamente” (resposta que servia perfeitamente para a primeira questão e que este aluno respondeu de forma incompleta) e “poluição na atmosfera”. O outro aluno dá uma resposta interessante, apesar de não responder corretamente à questão, por mencionar factos que não são mencionados no vídeo e que demonstra ter conhecimentos da temática:

- “ Nas mudanças climáticas a temperatura, pluviosidade e a nebulosidade tendem a estar mais elevados, ficando assim espécies em extinção, migrações ambientais e recessão de economia”.

Este aluno tentou mostrar que tem conhecimentos à cerca deste assunto mas acabou por errar quando fala de factos soltos sem ligação e usa termos que tinham sido abordados na aula antes da realização desta tarefa.

O uso de palavras-chave são importantes para perceber do que fala o vídeo e neste caso, mencioná-las por ordem que surgem no vídeo poderemos perceber com clareza a mensagem principal da notícia. Todas as respostas foram diferenciadas uns a mencionarem mais palavras que outros. Na tabela 2 podemos ver as palavras mais mencionadas e a frequência com que foram mencionadas.

---

<sup>8</sup> Nesta questão os alunos iam-me chamando para lhes dar exemplos de palavras-chave pois não sabiam o que responder e, por isso, foi-lhes explicado o conceito de palavra-chave. Apenas no caso de um aluno que continuava com dúvidas foi-lhe dado um exemplo mas de um tema completamente diferente.

Tabela 2- As palavras-chave mais usadas nas respostas dos alunos.

Palavras-Chave	Nº de respostas dadas
Dióxido de Carbono	8
CO <sub>2</sub>	2
Monóxido de Carbono	2
<b>Aquecimento Global</b>	<b>9</b>
<b>OMM (organização mundial de meteorologia)</b>	<b>5</b>
Atmosfera	4
Gases	7
<b>Energias alternativas</b>	<b>4</b>
Efeito de estufa	12
Clima	1
<b>Alterações climáticas</b>	<b>1</b>
<b>Gases de efeito de estufa</b>	<b>2</b>
Metano	1
<b>Mudanças na Temperatura</b>	<b>1</b>
Radiações solares	1
Temperatura	5
Calor	2

Pela tabela anterior podemos observar que os alunos mencionaram as palavras-chave relacionadas com a mensagem principal da notícia, ainda que estas devessem ser mais abrangentes como as que podemos ver a negrito na tabela. Estas palavras-chave mais adequadas foram as menos utilizadas pelos alunos, à exceção do termo Aquecimento Global.

Quanto à questão 3, pretendia-se que os alunos mencionassem situações apresentadas no vídeo e que as ligassem com conteúdo<sup>9</sup> que estava a ser tratado na aula onde foi elaborado o

<sup>9</sup> Antes da realização do questionário foi abordado com os alunos o processo do efeito de estufa, os fatores que têm contribuído para o aumento desse efeito, nomeadamente a atividade industrial. Foi ainda mostrado aos alunos quais os gases do efeito de estufa e como estes se comportam na atmosfera, o que leva ao aumento do efeito de estufa e ao consequente aumento da temperatura.

questionário. A grande maioria dos alunos respondeu citando uma frase do Secretário-geral Adjunto da OMM:

- “Entre 1990 e 2010 houve um aumento no aquecimento do nosso clima devido aos gases de efeito de estufa”.

Estes alunos apenas citaram uma passagem do vídeo mas não a relacionaram com a matéria que estava a ser dada. Outros responderam conforme as imagens que foram passando referindo as secas extremas numa região e as cheias na outra. Houve quem acrescentasse que sobretudo em Africa há muitas dificuldades em utilizar os terrenos para agricultura devido a estas alterações climáticas. Embora fossem poucos os alunos que relacionaram uma passagem da notícia com a matéria dada, um aluno responde:

-“ O grande aumento de gases com efeito de estufa que não se via desde a revolução industrial e a poluição que a agricultura moderna está a causar”.

Este aluno fala da revolução industrial, uma vez que as múltiplas atividades humanas contribuem para a libertação de gases que provocam o aumento do efeito de estufa e, nesta ação do Homem, estão incluídas as atividades industriais e a pecuária que vem de encontro à agricultura moderna, como menciona o aluno.

Na questão 3.1, que pede que se justifique a resposta anterior, nesta questão um aluno não respondeu e outros dois alunos responderam com frases copiadas do manual escolar e por isso, as respostas não foram consideradas suficientemente válidas. Usaram expressões retiradas das legendas das imagens que tinham sido previamente analisadas na aula. Esta questão revelou dificuldades dos alunos em fundamentar autonomamente a sua resposta, já que mais de metade dos alunos deram respostas válidas na questão anterior não tiveram sucesso na sua justificação. Apenas 4 alunos conseguiram justificar a razão de escolherem determinada passagem do vídeo. Por exemplo, dois alunos que referiram, na resposta anterior, as percentagens de aumento do efeito de estufa respondem da seguinte forma:

-“ Estes valores são um alerta para as pessoas, porque entre 1990 e 2010 a temperatura aumentou tanto, e que se as pessoas não poluírem menos pode vir aumentar mais”.

- “ Esta afirmação mostra claramente que há um descuido da nossa sociedade porque os gases na superfície terrestre estão a aumentar sucessivamente”.

A primeira resposta alerta para que algo seja feito, neste caso para diminuir a poluição, pois os resultados serão piores. E na segunda há um apontar de dedo à sociedade que não pensa nos efeitos que a sua ação pode provocar na estabilidade do planeta. No seguimento desta resposta, um outro aluno que havia respondido da mesma forma que este, na Q3, dá uma justificação algo dramática:

- “ É importante porque da para ver se a cada 20 anos o CO2 aumenta 29%, dentro de 70 anos o nosso planeta irá ter 101,5% de aumento de CO2, ou seja se ninguém fizer nada em relação a isso em 2080 o nosso planeta irá ser CO2 por completo”.

Este aluno fez as contas para saber que, se em 20 anos houve este aumento, quanto seria daqui a 70 anos, mostrando que com esses valores não seria possível viver na terra e, como tal é urgente fazer alguma coisa, tomar medidas para não deixar aumentar os gases de efeito de estufa.

Finalmente na questão 4, o resultado surpreendeu-me pela positiva pois os alunos conseguiram-se expressar melhor e desenvolver mais a sua ideia. Contudo, houve dois alunos com respostas inválidas, pois responderam mais ou menos dentro deste registo: “ a importância é o aumento do efeito de estufa”. Três alunos deixaram um comentário confuso e sem indicar o que pedia a questão.

A maioria dos alunos que responderam de forma válida basicamente indicaram o cerne da questão. Uns de forma mais completa que outros dizem que a notícia serve para alertar as pessoas de que o planeta está a passar por alterações climáticas graves, das quais estamos já a sofrer as consequências, e que devemos tomar medidas o mais rápido possível. Essas medidas passam pela utilização crescente de energias renováveis. Seguidamente, passo a citar os comentários dos alunos que refletem esta ideia:

- “... para as pessoas deixarem de poluir e reduzir nas atividades que contribuem para o aquecimento global, como por exemplo a desflorestação que

diminui a absorção de CO<sub>2</sub> pelas árvores... isto afeta as temperaturas médias da terra.”

- “É importante para alertar a sociedade atual que estamos a sofrer as consequências dos nossos atos, e que precisamos de fazer mudanças para vivermos num mundo melhor”.

- “... temos que encontrar alternativas nas energias renováveis para diminuir o problema do aumento do efeito de estufa”.

- “ ...deve-se ao facto de o homem ser um ser ganancioso porque ele mesmo provoca a poluição, e sabe o que pode acontecer e a continuar assim poderá não existir vida para as gerações futuras ”.

Estes quatro comentários dos alunos mostram a importância desta notícia para os alunos. Conseguiram produzir uma ideia pensada autonomamente sem influências do que foi dito na notícia. Eles próprios chegaram à conclusão de que é um problema grave e é preciso consciencializar a sociedade de hoje.

## 2.2. Análise quantitativa dos dados

A tabela 3 resume, numa abordagem quantitativa, a frequência de respostas dos alunos em cada item, pelas quatro categorias de análise.

**Tabela 3- Frequência de respostas dos alunos por categorias de análise em Geografia. Alunos participantes: 22.**

Questões	Válidas	Não Válidas	Desajustadas	Sem Resposta
Q1- Indica a principal mensagem que a notícia tenta passar.	12	6	4	0
Q2- Assinala, com base no que visualizaste, as palavras-chaves à cerca do tema.	18	4	0	0
Q3 - Indica algumas passagens mais importantes do vídeo face ao tema em estudo.	9	4	9	0
Q3.1- Justifica a resposta.	4	4	13	1
Q4 – Qual a importância da notícia para a sociedade atual?	17	2	3	0

Nota: Neste questionário, falta a resposta de um aluno que não estava presente na aula.

## Capítulo IV – Reflexões Finais

### 1. O resultado do estudo: comparação de dados de História e de Geografia

Neste ponto, irei fazer um balanço do que foi analisado anteriormente quer na disciplina de História quer na de Geografia.

No que diz respeito ao uso de notícias de jornal em História, desde cedo os alunos à medida que iam respondendo ao questionário iam colocando várias questões à professora, colocando dúvidas sobretudo sobre o que deveriam responder em determinada questão. Leva-me assim à conclusão que os alunos apresentam algumas dificuldades de interpretação das questões de cruzamento de fontes escritas relativamente extensas, em formato de notícias de jornal.

É importante que se leia sempre todas as questões antes de responder para não acontecer o que aconteceu com alguns dos alunos que deram respostas que poderiam ser válidas mas para outras questões. Os alunos deveriam ter lido as questões de forma a não repetir a mesma resposta ou colocar factos que devem ser respondidos na resposta seguinte, como aconteceu no caso da História, nomeadamente nas questões 4 e 5. Daqui podemos supor pelos dados recolhidos que os alunos não leram na íntegra as fontes apresentadas, pois muitos recorreram apenas aos títulos e as informações dadas pela docente no final de cada notícia, nomeadamente as notas e a informação da notícia (o dia em que foi escrita e o jornal que difundiu a notícia)

Pude também perceber pela maioria das respostas dos alunos que estes leram com mais atenção a segunda fonte (fonte B) em relação à primeira (fonte A), talvez por a Fonte B ser mais pequena. São ilações que pude retirar das respostas incompletas e por justificações que abordavam apenas os factos da segunda fonte.

Algumas das respostas estavam exatamente iguais, houve 4 casos de alunos que copiaram pelo colega do lado.

A análise de fontes em História revelou-se ser mais difícil, pois há uma confrontação de fontes e que levou muitas respostas demasiado genéricas ou que não foram respondidas, sobretudo as questões que pediam respostas mais desenvolvidas. Como podemos observar na tabela 1, as últimas três questões foram as que ficaram mais em branco, talvez por cansaço, falta de motivação, preguiça ou o facto de terem levado muito tempo a elaborar as primeiras questões.

Concluo que a turma apresentou bastantes dificuldades na interpretação das notícias e das questões que lhes foram apresentadas, obrigando a docente a dar mais tempo que o planeado. Os alunos levaram 40 min a responder ao questionário e, mesmo assim, nem todos conseguiram acabar, daí que as últimas questões não foram respondidas.

No que diz respeito à interpretação do vídeo em geografia, embora menos que em História os alunos iam colocando dúvidas, sobretudo quanto ao que deveriam responder em determinada questão. Leva-me assim a pensar que, mais uma vez, a maioria dos alunos apresentaram algumas dificuldades de interpretação das questões colocadas.

Foram poucas as respostas copiadas pelos colegas do lado. Em contrapartida, algumas respostas dos alunos foram copiadas pelo manual. Ainda assim, nesta área os alunos apresentam maiores conhecimentos relacionados com o vídeo, talvez por ser uma questão mais atual e que está inserida no seu quotidiano. É um facto que a temática do ambiente sempre foi um dos temas que mais agradam e motivam os alunos.<sup>10</sup>

Fiquei com a sensação de que os alunos, sobretudo na área da Geografia, poderiam ter desenvolvido mais as suas respostas, talvez por uma questão de preguiça em escrever mais, uma vez que notava-se que estes alunos percebiam a matéria e possuem alguns conhecimentos. Isto porque alguns alunos não se limitaram a escrever o que a notícia falava, iam mais além, mencionando aspetos que foram abordados nas aulas.

Os alunos levaram menos tempo na elaboração de respostas a este questionário - que era mais breve. Este facto pode ser também explicado pelo grau de dificuldade do questionário de História ser mais elevado e por haver confrontação de notícias extensas.

Quanto aos resultados quantitativos, por categorias, podemos concluir que, na última questão, os alunos tiveram respostas mais elaboradas no questionário da Geografia, quer pelo maior número de respostas válidas, e menor número de respostas não válidas. Houve nos dois casos respostas desajustadas. Isto prova que estes alunos, independentemente da fonte que interpretam, possuem dificuldades na construção de uma resposta válida e fundamentada com coerência. Também se notam diferenças no número de alunos que realizaram as questões: em geografia apenas um aluno não fez uma questão, e em História, sobretudo nas que pediam maior desenvolvimento, os alunos não responderam à pergunta.

---

<sup>10</sup> Um facto que foi logo abordado pelas duas professoras orientadoras como forma de nos despreocupar com a possibilidade de não conseguirmos prender a atenção dos alunos.

Em ambos os questionários foram notórias dificuldades na resposta, a grande maioria dava respostas muito curtas e diretas, sem explicar ou fundamentar a sua resposta. É possível que estes alunos estejam habituados a perguntas de resposta direta e sem grandes desenvolvimentos. Em história houve apenas um aluno que respondeu autonomamente e com uma resposta mais desenvolvida sendo claro o seu gosto pela disciplina. Em geografia, na última questão do questionário verifiquei que os alunos desenvolveram mais as suas respostas. Outro facto que se verificou é que em ambas as disciplinas, nas questões que se pretendia a justificação das respostas anteriores, uma minoria apresentou uma justificação fundamentada e construtiva. Os restantes davam justificações muito incompletas que pouco ou nada tinham a ver com a resposta anterior.

Notei que foi mais difícil captar a atenção dos alunos perante as notícias de jornal enquanto que a fonte multimédia despertou maior atenção, daí que talvez os resultados obtidos fossem melhores em geografia. Em resumo, talvez o tema tivesse influenciado os alunos, o tipo de fontes, o facto de na Geografia o tema ser mais familiar do que o de História cujo o questionário exigia mais dos alunos, apresentando-se mais longo e um grau de dificuldade mais elevado em relação ao questionário da Geografia.

## **2. Limitações do estudo**

Foram várias as limitações que se verificaram ao longo desta experiência, mas foi sobretudo na fase de implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica que houve maiores dificuldades. Logo no primeiro semestre, as aulas curriculares e os trabalhos e o desenho no projeto impediram a presença nos contextos de intervenção, pois, para além de iniciarmos tarde este processo, foram poucas as horas disponibilizadas para assistir às aulas das orientadoras e assim conhecer melhor o comportamento da turma e, em particular, alguns alunos mais problemáticos ou aqueles com mais dificuldades na aprendizagem.

Já na fase de implementação do Projeto, no segundo semestre, o tempo não ajudou. Foram poucas as aulas distribuídas pelas estagiárias nas duas disciplinas. Desta forma foram 3 aulas para a disciplina de História e três aulas e meia (45 minutos) para a disciplina de Geografia. Estas aulas foram intercaladas com a outra professora estagiária que estava na mesma turma e o professor cooperante, algo prejudicial sobretudo na disciplina de Geografia. Não foi possível garantir um fio condutor a nível de conteúdos entre algumas das aulas lecionadas. Outro constrangimento com que me deparei foi a exigência de cumprir à regra os conteúdos programáticos, por imposição da escola. Uma exigência compreensível uma vez que os alunos são avaliados nos testes e precisam de ter as temáticas em ordem para esses momentos de avaliação, mas a verdade é que essa imposição acabou por afetar as aulas de implementação do projeto. O apertado calendário<sup>14</sup> e a preocupação em cumprir o plano de aula obrigou-me a acelerar alguns conteúdos, inclusive o tempo estipulado para aplicar os questionários que sustentaram este projeto de intervenção pedagógica, bem como a intenção de apresentar um outro questionário para perceber as ideias dos alunos relativas à aprendizagem que adquiriram com o trabalho das fontes que lhes foram fornecidas. Ainda a respeito dos conteúdos, até bem pouco tempo antes da leção das aulas permanecia a incerteza das temáticas que me cabia lecionar. Permanecia dependente de outra professora estagiária, sempre na incerteza se cumpriria o seu plano, o que me levou à elaboração dos planos de aula pouco tempo antes das aulas que tinha de lecionar. Ora esta incerteza limitou-me na escolha do para implementar o projeto. Assim, o tempo para encontrar o recurso (as notícias) adequado e prepará-lo para a aula era diminuto. Outra grande dificuldade neste projeto foi o cumprimento do plano de aula, foram poucas as aulas em que estes foram cumpridos. O fraco desempenho na

globalidade da turma participante foi evidente a quando da análise de dados ao nível da escrita e da interpretação.

Relativamente aos recursos da escola, também mencionado neste relatório considero que as medianas condições espaciais e sonoras das salas de aula influenciaram o rendimento escolar dos alunos.

Finalmente, no que concerne à realização deste relatório, houve algumas dificuldades em descobrir fundamentação que me ajudasse no tipo de intervenção que adotei e com os recursos que utilizei tanto em História como em Geografia. A produção teórica deste trabalho foi realizada após uma intensiva procura de trabalhos que me auxiliasse no que pretendia. Por outro lado, na análise de dados não foi tarefa fácil enquadrar as respostas dos alunos nos vários níveis de resposta.

Apesar destas limitações com que me deparei no decorrer destes meses da sua realização acabo por fazer um balanço positivo e que de facto apesar das adversidades, aprendi bastante quer na minha experiência como professora, no que diz respeito à minha interação com os alunos, na discussão de matérias ou na realização dos exercícios, no planeamento das aulas, mas também na realização deste relatório. Assim, esta experiência foi bastante gratificante.

### **3. Implicações para o desenvolvimento profissional**

Apesar das limitações evidenciadas no ponto anterior, considero que este projeto foi uma mais-valia para a minha aprendizagem como futura professora. Daí que numa nova experiência eu tomaria opções diferentes. Aprendi com alguns erros cometidos, sobretudo no planeamento das aulas e de algumas tarefas e é com uma nova faceta e forma de encarar as adversidades que pretendo melhorar esses erros.

Constatarei que o professor é um constante investigador e que o leva a refletir sobre as suas práticas pedagógicas. Neste sentido, o professor deve centrar-se na forma como os alunos desenvolvem as suas competências, procurar trabalhar e desenvolver essas competências com os alunos, para ajudar a formar jovens reflexivos. Os próprios professores devem ser autorreflexivos no seu trabalho e perceber se estão a fazer um bom trabalho, se as suas tarefas são desafiadoras ao ponto de exigir aos alunos trabalhar essas competências. Não basta apresentar uma fonte rica e não trabalhá-la adequadamente com os alunos, não basta ter ideias inovadoras e captar atenção dos alunos e chegar à conclusão de que eles não aprenderam nada ou que não interpretaram a mensagem, que apresentarem fontes que não exigem ao aluno a ação de pensar, refletir ou problematizar essa fonte. Julgo que este trabalho deve ser feito gradualmente e com um grau de dificuldade crescente para que o aluno possa desenvolver cada vez mais competências.

Esta experiência alertou-me para a importância da realização de fichas de metacognição, que acabei por não usar e que seriam essenciais para que o aluno melhorasse o seu conhecimento e as suas aprendizagens. São úteis para os professores perceberem o nível de conhecimento, perceber os seus pontos fracos quando existem e tentar melhorá-los.

No final deste relatório vejo-me a refletir e a repensar a forma como irei desenvolver as minhas práticas docentes no futuro. Deverá ser um exercício que todos os professores devem fazer de forma a melhorar a sua atividade de ensino e o processo de aprendizagem dos alunos.

Finalmente fica a ideia que esta experiência deveria ser mais prolongada. O curto período de aulas disponíveis, a par da implementação do projeto, desviou-nos do grande objetivo que deveria estar centrado no trabalho reflexivo com os alunos e no desenvolvimento de competências que favorecessem tanto o processo de ensino como o de aprendizagem.

## Referências Bibliográficas.

ABRANTES, J. Carlos (org.) et al (1995). *A Imprensa, A Rádio e a Televisão na Escola*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

ALVES, Murilo & CARDOSO, Eduardo (2008). Geografia e a Mídia na sala de aula, *Geografia: ensino & pesquisa*, Santa Maria, v.12, n° 2, p. 18-26.

ASHBY, R. (2003). O conceito de evidência histórica: exigências curriculares e concepções de alunos. In: BARCA, I. (org.). *Educação histórica e museus*. Braga: Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, p. 37 - 57

BARCA, Isabel (2004). *Aula Oficina: do Projeto à Avaliação*. In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED) / Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, p. 131 – 144.

CACHAPUZ, A. et al (2002). *Ciência, educação em ciência e ensino das ciências*. Ministério da Educação, Lisboa.

CAVALCANTI, Lana de Souza (1998). *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus.

FOSNOT, Catherine Twoney (1996). *Construtivismo e Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

MARTINHA, Cristiana (2009). *Reflexão em torno do Desenvolvimento das competências geográficas. O caso de actividade da “universidade Júnio” da Universidade do Porto*. In BARCA, I & Pinto, Helena (org) *Actas da IX Jornadas Internacionais em Educação Histórica*. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED) / Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, p. 177 – 185. Não publicado.

MARTINS, Rosa (2008). *O ensino da Geografia e o uso de notícias na sala de aula*. *Geo UERJ*, ano 10, v.2, n°18, p.198-207.

MCARTHUR, C. B. (1980). *Television and History. Television Monograph 4*. London: British Film Institute.

MOREIRA, M. G. (2005). *As Fontes Históricas propostas no Manual e a construção do conhecimento histórico*. Braga: Instituto da Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

MOREIRA, Olga (2002). *As concepções dos alunos e acerca da relação Televisão e Conhecimento histórico*. Braga: Instituto da Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

PEREIRA, N. Mullet & SEFFNER, Fernando (2008). *O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula*. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128.

PEREIRA, Sara (2001). *Os desafios educativos dos media na educação de infância*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

PINHEIRO, R. Lopes (2010). *A Televisão e os adolescentes: preferências e expectativas face à programação educativa*. Braga: Instituto da Educação da Universidade do Minho.

PINTO, Manuel (1995). *A Televisão no Quotidiano das crianças*. Braga: Instituto das Ciências Sociais da Universidade do Minho

WANDERLEY, Sonia (2012) *Cultura histórica, mídia e ensino de história: problemas políticos de ensinar e aprender*. XV Encontro Regional da História: Ofício do Historiador, ensino e pesquisa da Associação Nacional de História (ANPUH), Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

## **Anexos**



Mestrado de Ensino de História e Geografia do 3º ciclo do ensino básico e secundário 2011/2012

Estágio - Escola EB 2,3 André Soares

Nome aluno: \_\_\_\_\_ 9º H

Professora estagiária- Diana Maciel, pg 18085

### Projeto de Intervenção – 23 de Maio de 2012

**1. Lê atentamente as notícias que se seguem sobre o mesmo conhecimento. Deves ter em atenção a, a data, a localização do acontecimento noticiado e o jornal em que foi escrita a notícia.**



#### “Recontros<sup>1</sup> com a polícia na avenida dos aliados”

Pouco depois do meio-dia vivia-se na Baixa portuense um clima de ansiedade. Comentava-se em vários tons os acontecimentos da madrugada e da manhã, ainda mal definidos – apesar de os comunicados da Forças Armadas terem sido divulgados através da Rádio. Aos poucos, a Praça da Liberdade encheu-se de gente. Passara-se dos murmúrios às conversas abertas.

O tempo corria. Ouviram-se com frequência vivas às Forças Armadas. Calmos os guardas da PSP viviam com expectativa sem intervirem nos acontecimentos. Mas, a dado momento, um grupo de jovens iniciou uma manifestação reclamando bem alto «amnistia»<sup>2</sup>.

Entretanto, um grupo de civis corria da Praça da Liberdade para a Rua de Elísio de Melo, sob uma carga da PSP. Tanto bastou para que os «comandos» saltassem dos veículos e fossem oferecer proteção aos civis. A PSP retrocedeu, perante a intransigente atitude dos homens das Forças

Armadas. Logo ali, entoaram uns, o hino nacional outros, vitoriaram as forças revolucionárias. Chegou-se ao ponto de haver pessoas que beijavam o capitão dos «comandos».

Entretanto, na Praça da Liberdade os civis apoderavam-se de pedras e atacavam a Polícia que procurou refúgio. Mais tarde, uma outra força daquela corporação surgiu na Praça de Almeida Garrett. Procurou tomar posições estratégicas. Não o conseguiu porque a população, portuense (particularmente os jovens) obrigou os guardas a retroceder. Foi igualmente corrida à pedrada. Houve feridos.

Mais tarde, o pelotão dos «comandos» manobrou para o quartel do CICA 1- local onde estão instaladas as forças de Lamego. Cercas das 18 horas e quando, precisamente, duas forças da PSP se instalavam juntos Paços do Concelho, ladeando-o, alguns civis manifestaram-se contra essa atitude, apedrejando quer o edifício do Palácio

dos Correios, quer ainda o da Câmara Municipal. Ato contínuo, os guardas da PSP dispararam alguns tiros, os homens da PSP alvejaram a população.

Algum tempo depois, as forças da PSP desapareciam da Avenida. Mas o povo, esse manteve-se firme: gritavam-se os nomes dos generais Spínola e Costa Gomes.

Alguns minutos depois das 19 horas e quando alguns portuenses teimavam em ficar na Baixa, ignorando os apelos para que regressassem a casa, uma companhia de «comandos» saiu para a rua, tendo sido aclamada durante todo o percurso por milhares de pessoas que se apinhavam. Viam-se pessoas nas janelas, que acenavam aos militares. Formou-se um cortejo automóvel, buzinando.

*Jornal de Notícias, 26 de abril de 1974  
Pag. 7 (sem nº de serie) (adaptado)*

1- Entende-se por confronto; encontro.

2-Entende-se por perdão; anulação ou diminuição de algo que foi imposto.



## “Grandes Manifestações na baixa portuense”

No dia de ontem, após o almoço, começaram a verificar-se na baixa citadina pequenas aglomerações populares, discutindo entre si as últimas informações acerca do acontecimento cujas dimensões eram, ainda nesta hora, desconhecidas. A partir das 15 horas os grupos começaram a engrossar. A expectativa era enorme. Aguardavam-se as últimas notícias, os últimos comunicados. Concretamente, o maior ajuntamento de pessoas começara a esboçar-se exatamente em toda a Praça da Liberdade e pela Avenida dos Aliados.

Um ‘placard’ anuncia que o presidente da República, o chefe e membros do governo estavam cercados no quartel da GNR, do Carmo e no Regimento de Lanceiros 2. Vozes em unísono proclamavam «o povo unido jamais será vencido». Grupos aqui e além começam a gritar «Amnistia, Amnistia». Inicia-se, então, o desfile que

se prolongaria pela tarde fora e a constante entoação de vários «Slogans». Elementos da PSP surgem repentinamente da Praça da Liberdade armados, de longos cassetetes e sobem pela avenida, afastando alguns manifestantes.

Estes socorreram-se de algumas pedras. Alguns polícias recuam em fuga forçada para a Praça, enquanto que outros avançam contra os manifestantes. Alguns são atingidos, com as pedras. Em corrida com as metralhadoras aferradas, aparecem elementos do exército, comandados por um tenente, vindos da Rua Elísio de Melo. Acompanhados pelos manifestantes dirigem-se aos elementos da PSP, obrigando-os a retirar. Os militares são vitoriosos e ovacionados pela multidão.

Foi, então que o mais grave incidente se registou. Quando as

centenas de pessoas se aproximava, da Praça do Município, novos elementos da PSP surgem do lado esquerdo da Câmara Municipal e abrem fogo. Estabeleceu-se grande confusão de atropelos e corridas desvairadas. A multidão dispersa pelas várias artérias que desembocam na Avenida para reaparecer meia hora depois, mais compacta, agitando casacos feitos bandeira e entoando ritmadamente «o povo unido jamais será vencido». Pelas 22h10, a Baixa animou-se novamente. No fundo da Praça surge uma coluna composta por seis viaturas peçadas de militares seguida de dezenas de carros que festivamente buzinaavam em saudação às forças armadas.

*Comércio do Porto, 26 de Abril de 1974,  
Pag. 7, nº 114, (adaptado)*

---

### 2. Responde às seguintes questões.

3 a) Indica o nome e a data dos jornais.

---

---

b) Qual o acontecimento histórico de Portugal a que se referem as notícias?

---

---

4 - O que têm em comum as duas notícias?

---

---

4.1 – Justifica a tua resposta.

---

---

---

---

5 - O que têm de diferente as duas notícias?

---

---

---

5.1 – Justifica a tua resposta.

---

---

---

---

6 - Indica a principal mensagem que cada um dos jornais tenta passar.

---

---

---

---

7 – Qual a importância da notícia para a sociedade atual?

---

---

---

---

Obrigada pela tua colaboração.

A professora.



Mestrado de Ensino de História e Geografia do 3º ciclo do ensino básico e secundário 2011/2012

Estágio - Escola EB 2,3 André Soares

### **4º Plano de Aula História**

---

Professora estagiária- Diana Maciel, pg 18085

Professora cooperante- Patrícia Braga

---

#### **4ª aula - História – 9º H – Sala 20 – 10.05h às 11.35h – 23 de Maio de 2012**

---

#### **Sumário:**

Portugal Democrático: a Revolução de Abril e o processo revolucionário.

A independência das colónias e os retornados.

Os problemas do desenvolvimento económico; a integração europeia.

---

#### **Visão Geral da aula.**

Descontentes com a política de continuidade de Marcelo Caetano, os militares do MFA (criado em 1973) organizaram-se num movimento que conduziu à Revolução de 25 de Abril de 1974. A continuidade da guerra colonial, a falta de liberdade e as dificuldades económicas levaram os militares, com o apoio da população, a por fim ao regime. O poder fica entregue à Junta de Salvação Nacional, criada pelos militares sob a presidência do general Spínola. Segundo os principais medidas impostas no programa criado pelo MFA, destaca-se abolição de todas as estruturas repressivas e da censura, a libertação de presos políticos e a criação de eleições livres, que levou à Constituição da República em 1976.

O fim do regime em Portugal despertou alegria nas colónias portuguesas, que após várias reuniões entre políticos portugueses e africanos, no espaço de um ano foi-lhes concedido a sua independência. Porém, esta liberdade não foi benéfica para os portugueses que viviam

nas colónias, seguiram-se períodos ataques aos portugueses. Estes viam-se obrigados a deixar tudo para trás e regressar a Portugal.

---

A economia portuguesa nas vésperas da revolução estava em decadência, fundamentalmente pelos imensos gastos com a guerra colonial. Porém, a perda dos territórios africanos significou a perda de mercados coloniais agravando ainda mais a situação económica.

Uma dos objetivos do MFA era democratizar e desenvolver Portugal e a opção é a integração de Portugal na CEE. Passado quase uma década do pedido de adesão, em 1986 Portugal torna-se, finalmente, membro da Comunidade Europeia.

---

**Competências:** Análise e interpretação de fontes diversas, incluindo, as diferentes mensagens.

---

### **Questões Orientadoras:**

Como se encontrava Portugal a nível político, social e económico depois da Revolução de Abril?

Que dificuldades enfrentaram os portugueses que viviam nas colónias, após a independência desses territórios?

Que valores defendia a CEE que explicam a insistência da adesão de Portugal?

---

**Conceitos:** Democratização

Descentralização

Autonomia Regional

Poder Autárquico

MFA

---

### **Experiências de Aprendizagem:**

1º Momento – Depois de ditar o sumário aos alunos, será feito um levantamento das ideias prévias dos alunos relativos a noção de Democratização e Descentralização. Ideias essas que serão registadas no quadro negro as quais irão ser reconstruídas ao longo da aula. (15 min – Av. Diagnostica)

2º Momento – Depois de uma breve abordagem sobre o que levou à Revolução de Abril e o processo revolucionário, será dado aos alunos, uma ficha do projeto de intervenção. Esta é

composta de duas notícias escritas, sobre um momento particular da revolução, e perguntas, das quais os alunos deverão responder. (25min – Av. Formativa)

3º Momento – Neste momento será projetado um quadro que diz respeito às características políticas, económicas e sociais do Portugal democrático. Os alunos devem passar, o quadro para o caderno diário e preencher. Será fornecido aos alunos, as paginas que devem ver para poderem preencher. A correção desta atividade é, depois de ouvir as repostas dos alunos, projetada e ao mesmo tempo explicada pela professora. (20min – Av. Formativa)

4º Momento – Neste momento será abordado a questão da independência das colónias e a situação dos retornados e das dificuldades que encontraram em Portugal depois de terem deixado tudo o que tinham nas colónias. Assim, os alunos serão chamados atenção para o documento 8 A e B da Página 193. (20 min – Av. Formativa)

5º Momento – Para terminar a aula, será abordado o processo da entrada de Portugal na CEE, quase uma década depois da sua adesão. Será mostrado aos alunos, através do documento 10 e 11 da página 195, os motivos que levaram a insistência de Portugal na adesão à Comunidade Europeia. (10 min – Av. Formativa)

---

**Instrumentos Utilizados ao longo da aula:** Manual escolar, Caderno diário, PPT, Ficha de Trabalho.

---



Mestrado de Ensino de História e Geografia do 3º ciclo do ensino básico e secundário 2011/2012

Estágio - Escola EB 2,3 André Soares

**Projeto de Intervenção – 02 de Maio de 2012**

Nome aluno: \_\_\_\_\_ 9º H

Professora estagiária- Diana Maciel, pg 18085

**Depois de visualizares a notícia responde às seguintes questões.**

1- Indica a principal mensagem que a notícia tenta passar.

---

---

2 - Assinala, com base no que visualizaste, as palavras-chaves à cerca do tema.

---

---

3 - Indica algumas passagens mais importantes do vídeo face ao tema em estudo.

---

---

3.1 – Justifica a resposta.

---

---

---

4 – Qual a importância da notícia para a sociedade atual.

---

---



Mestrado de Ensino de História e Geografia do 3º ciclo do ensino básico e secundário 2011/2012

Estágio - Escola EB 2,3 André Soares

## **2º Plano de Aula Geografia**

---

Professora estagiária- Diana Maciel, pg 18085

Professora cooperante- Manuela Afonso

---

### **2ª aula - Geografia – 9º H – Sala 20 – 10.05h às 11.35h – 2 de Maio de 2012**

---

**Sumário:** Mudanças climáticas a nível regional e local.

O efeito de estufa: consequências e medidas

Impactos do efeito de estufa em Portugal.

---

#### **Visão Geral da aula.**

As mudanças climáticas verificam-se não só a nível global como também a nível regional e local. As cidades estão sujeitas a formação de cúpulas de poluição, devido aos movimentos ascendentes do ar. Apresentam hoje o chamado clima urbano devido aos maiores níveis de poluição e temperatura mais elevada em relação as zonas rurais, resultante da poluição industrial e emissões de CO dos transportes.

Graças à Atmosfera, cria-se um efeito de estufa natural permitindo que as temperaturas sejam amenas à superfície terrestre. No entanto, devido às atividades humanas e alguns processos naturais levam a modificações do efeito de estufa natural, através da maior presença dos gases de efeito de estufa, acentuando o seu processo e provocando, sobretudo, aumento da temperatura e outras consequências que levam o desequilíbrio da natureza (desertificação, subida do nível do mar, alterações de ecossistemas, etc.)

**Competências:** Leitura e interpretação documentos, mapas e gráficos.

---

**Questões Orientadoras:** Que relação existe entre a poluição e o efeito de estufa?

Que medidas para reduzir o efeito de estufa?

---

**Conceitos:** Cúpulas de poluição

Clima Urbano

Efeito de estufa.

---

### **Experiências de Aprendizagem:**

1º Momento – Depois de ditar o sumário aos alunos, é feita a revisão da matéria da aula anterior. Será entregue aos alunos um crucigrama sobre os principais conteúdos da aula anterior. A correção é feita oralmente. (15 min – Av. Formativa)

2º Momento - Será feito um levantamento das ideias prévias dos alunos relativos a noção de efeito de estufa. Ideias essas que são registadas no quadro negro e que irão ser reconstruídas ao longo da aula. (5 min – Av. Diagnóstica)

3º Momento – Momento expositivo sobre as mudanças climáticas a nível regional e local, exigindo sempre a intervenção dos alunos às perguntas que lhes são colocadas acerca do conteúdo e das imagens que serão analisadas, fig. 26 e 27 (p.108), em simultâneo de modo a que percebam que a temperatura nos espaços urbanizados é mais elevada em relação à periferia. E para a fig. 29 da página 109 que diz respeito à concentração de poluentes em várias cidades do mundo. (10min – Av. Formativa)

4º Momento – Momento mais expositivo em que será explicado aos alunos que o efeito de estufa é um fenómeno natural, positivo e importante para manter o equilíbrio térmico da Terra. Este momento será explicado dando o exemplo com duas bolas (representam a terra), uma delas está coberta (representa a camada atmosférica que protege a Terra), em frente a uma lareira (representa o sol) e fazer uma série de questões que levem o aluno a construir o seu próprio conhecimento a respeito do processo do efeito de estufa. No entanto, a ação do Homem, através da emissão dos gases poluentes para a atmosfera, tem acentuado o efeito de estufa, aumentando assim a temperatura. Para mostrar como este processo (o acentuado efeito de

estufa) se desencadeia, serão analisadas as imagens 36 e 38, das páginas 112 e 113, respetivamente. A professora pede a um aluno que interprete a imagem e só depois dará a explicação. O mesmo processo será feito com a outra imagem. (25 min – Av. Formativa)

5º Momento – Neste momento será implementado uma parte do projeto de estágio, assim, será mostrado aos alunos, um vídeo/notícia (cerca de 2min) sobre o aumento do efeito de estufa. A professora entregará uma ficha com algumas questões nas quais os alunos deverão responder e entregar à professora. (10 min – Av. Formativa)

6º Momento – Para alertar os alunos que o aumento global da temperatura média do planeta, causado pelo crescente efeito de estufa, tem provocado desequilíbrios da natureza, como representa o quadro 5 da página 114, que diz respeito as consequências do efeito de estufa. O quadro será analisado com os alunos e com o apoio de imagens do PPT, referentes ao degelo, a consequente subida do mar e com o exemplo de Portugal. A professora chamará atenção para a fig31 da página 110, para que os alunos percebam o que poderá acontecer, a longo prazo, com a continuada subida do mar. Em consequência, será igualmente analisado o quadro 6 (p.115), referente à solução aos problemas referidos anteriormente, também com o apoio de imagens, do PPT, de forma a exemplificar as medidas mencionadas no manual.

De seguida será pedido a um aluno que leia o documento 10 da mesma página, para que a turma perceba que os países, responsáveis pela emissão de gases de efeito de estufa, têm consciência do problema, através da realização de conferências e acordos internacionais, neste caso o Protocolo de Quioto. Mas que, nem todos aceitam as medidas ou não conseguiram cumpri-las dentro dos prazos estabelecidos, neste último temos o exemplo de Portugal, como retrata a fig. 39. Para terminar, os alunos terão que responder às questões da atividade da página 115. A correção é feita oralmente. (25 min – Av. Formativa)

---

**Instrumentos Utilizados ao longo da aula:** Notícia televisiva em vídeo, Manual escolar, Caderno diário, ficha de trabalho, PPT.

---

Tabela 4- Frames da notícia videogravada da RTP apresentado aos alunos na aula de Geografia

<p>0:09 seg.</p>	<p>0:16 seg.</p>	<p>0:20 seg.</p>
<p>0:34 seg.</p>	<p>0:40 seg.</p>	<p>0:43 seg.</p>
<p>0:50 seg.</p>	<p>0:58 seg.</p>	<p>1:20 min.</p>
<p>1.22 min.</p>	<p>1.40 min.</p>	

Nome: Diana Patrícia Ferreira Maciel

Endereço eletrónico: [diana.ferreiramaciел@hotmail.com](mailto:diana.ferreiramaciел@hotmail.com) Telefone: 913628788

Número de Bilhete de Identidade: 11850518

Título do Relatório:

O uso de notícias televisivas ou de imprensa na aula de História e Geografia: um estudo com os alunos do 9º ano de escolaridade.

Supervisora:

Professora Doutora Isabel Barca

Ano de conclusão:2013

Designação do Mestrado:

Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 6 de Março de 2013

Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à minha orientadora Isabel Barca pela paciência que teve comigo e pela compreensão nos momentos menos bons, que me permitiu continuar este trabalho, desde o tempo de estágio até à realização deste relatório.

Às orientadoras cooperantes da escola de estágio pela sua experiência e sobretudo à professora Patrícia pelo apoio e compreensão num momento menos bom na minha vida.

Aos meus amigos e companheiros dos últimos 6 anos, Fátima Tavares e António Marques. Obrigada aos dois pela insistência e não me deixar desistir, sobretudo ao António, sem ele não chegava onde cheguei.

À minha amiga Ana Cristina pela ajuda e pelas palavras de apoio na fase mais complicada do meu trajeto, a fase de estágio.

Aos meus pais que sempre me apoiaram, sobretudo à minha mãe pela confiança independentemente das decisões tomadas por mim.

Por último ao meu namorado, Luís, por estar sempre presente a cada minuto da minha vida, dando-me amor, esperança, ânimo e força para concluir esta fase.

## RESUMO

O presente Relatório apresenta um projeto desenvolvido em contexto real de aprendizagem das disciplinas de História e de Geografia, numa turma do 9.º ano de escolaridade. Elegeu-se como tema o uso por alunos de notícias televisivas ou de jornais na sala de aula, para responder à seguinte questão:

*Como os alunos interpretam a informação veiculada pela notícia televisiva e pela notícia de jornal, e que compreensão histórica e geográfica obtiveram?*

Assim, as nossas finalidades foram, simultaneamente, analisar a interpretação histórica e geográfica e identificar os conhecimentos históricos e geográficos que os alunos constroem a partir dessas fontes.

A temática selecionada para a História diz respeito ao “Portugal Democrático: a Revolução do 25 de Abril e o processo revolucionário” e focaliza o período da implantação da democracia a partir da Revolução dos Cravos (1974). No que diz respeito à Geografia, a temática escolhida foi “O efeito de estufa: consequências e medidas”, que explana os problemas associados ao aumento do efeito de estufa.

No caso da História, foram recolhidas duas notícias coevas de jornais diferentes que descrevem o mesmo acontecimento, as manifestações do povo portuense no dia 25 de Abril de 1974. Foi elaborado um questionário com base no confronto das duas fontes que pretendia perceber a interpretação histórica que os alunos fizeram. Para a Geografia, o instrumento utilizado era constituído por uma notícia da RTP videogravada e um questionário composto por um conjunto de questões, tendo como objetivo a interpretação das mensagens principais da notícia pelos alunos e a problematização da importância do assunto para a sociedade atual. Os dados obtidos nas duas disciplinas foram analisados com o objetivo de perceber como os alunos interpretam a informação veiculada pelas mensagens das notícias, como elemento de compreensão histórica e geográfica.

Esta intervenção pedagógica possibilitou o enriquecimento como profissional de ensino de História e de Geografia, no domínio investigativo, e assumiu também importância no aspeto reflexivo sobre as práticas do ensino, ao permitir compreender o processo de interpretação de fontes históricas e geográficas pelos alunos.

## ABSTRACT

This Report presents a project carried out in a real learning context of history and geography subjects, in a 9<sup>th</sup> grade classroom. The selected theme was the using of televisions or newspapers news by students in the classroom context, intending to answer the following question:

*How students do interpret the information conveyed by television and newspaper and how students and what historical and geographical understanding do they get?*

Therefore our purposes were simultaneously to analyse the geographical and historical interpretation and identify the historical and geographical knowledge that students construct from those sources.

The theme selected for the History relates to the "Democratic Portugal: the Revolution of April 25 and the revolutionary process" and focuses on the period from the establishment of democracy since the Carnation Revolution (1974). Regarding to geography, the theme was "The greenhouse effect: consequences and measures", which explains the problems associated with the increasing greenhouse effect.

In history lessons two different newspapers on contemporary news describing the same event, the demonstrations of the people on April 25, 1974 were collected. A questionnaire was designed based on the cross analysis of these two sources to realize the historical interpretation developed by the students. In Geography the instrument used consisted of television news, video recorded, and a questionnaire composed of a set of questions aiming the message interpretation by students, and their questioning of the importance of the issue for the current society. The data obtained in the two subject matters were analysed in order to perceive how the students interpret the information conveyed by the messages of those news, as elements of the historical and geographical understanding.

This pedagogical intervention provided personal empowerment as professional in the teaching of history and geography, in the investigative domain, and also was seen as important in the reflective process about teaching practices, permitting to understand the process of source interpretation in history and geography by the students.

# Índice

Capítulo I - Contextualização Teórica .....	1
1. A televisão e a imprensa na sala de aula .....	2
1.1. A televisão .....	3
1.2. A imprensa .....	4
2. A investigação em ensino de História .....	5
3. A investigação em ensino de Geografia .....	10
Capítulo II - Metodologia.....	19
1. Objetivos e questão de investigação .....	19
2. Caracterização dos alunos participantes.....	20
2.1. Caracterização do contexto escolar .....	20
2.2. Caracterização da turma participante .....	21
3. Instrumentos Utilizados.....	23
Capítulo III – Análise de dados.....	25
1. Na disciplina de História .....	25
1.1. Análise qualitativa dos dados .....	25
1.2. Análise quantitativa dos dados.....	32
2. Na disciplina de Geografia .....	33
2.1. Análise qualitativa dos dados .....	33
2.2. Análise quantitativa dos dados.....	39
Capítulo IV – Reflexões Finais .....	40
1. O resultado do estudo: comparação de dados de História e de Geografia .....	40
2. Limitações do estudo.....	43
3. Implicações para o desenvolvimento profissional.....	45
Referencias Bibliográficas.....	46
Anexos .....	48

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1 – Frequência de respostas dos alunos por categorias de análise em História. Alunos participantes: 20.....	32
Tabela 2- As palavras-chave mais usadas nas respostas dos alunos.....	35
Tabela 3- Frequência de respostas dos alunos por categorias de análise em Geografia. Alunos participantes: 22.....	39
Tabela 4- Frames da notícia videogravada da RTP apresentado aos alunos na aula de Geografia .....	59

## **Anexos**

Anexo 1- Notícias de jornal e questionário dado aos alunos na aula de História.....	49
Anexo 2- Plano de aula em que foi implementado o projeto de História.....	52
Anexo 3- Questionário dado aos alunos na aula de Geografia.....	55
Anexo 4- Plano de aula em que foi implementado o projeto de Geografia.....	56
Anexo 5- Tabela de frames do vídeo apresentado na aula de Geografia.....	59

## Capítulo I - Contextualização Teórica

*“Uma perspectiva construtivista da aprendizagem sugere uma abordagem do ensino que oferece aos alunos a oportunidade de uma experiência concreta e contextualmente significativa, através da qual eles podem procurar padrões, levantar as suas próprias questões e construir os seus próprios modelos, conceitos e estratégias.”* (Fosnot, 1996,p. 9)

É com esta ideia de Fosnot que iniciamos este ponto, e que nos leva a refletir sobre a aprendizagem dos alunos em contexto de sala de aula, atualmente. Nesta perspectiva construtivista, segundo Fosnot, o aluno pode adquirir/desenvolver o seu conhecimento a partir da ação entre ele e o meio, quer físico quer social. Isto é, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada. Aqui o papel do professor é extremamente importante como educador e fornecedor desse conhecimento. O professor se estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: “aprender a interpretar o mundo conceptual dos seus alunos [...] para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceptualização dos alunos”. (Barca, 2004, p.133)

O método com que o professor trabalha em aula tem vindo a mudar, no sentido de que o professor deixa de ser um mero transmissor de conhecimentos, deixa de ser a figura central na sala de aula. Assim, o aluno como sujeito no contexto de sala de aula passa a ter um papel mentalmente ativo, no sentido de aprender e refletir sobre as temáticas que lhe são propostas. O aluno possui a função de ser um construtor dos seus conhecimentos.

No entanto, Cachapuz (2002) menciona na sua obra o facto de existirem lacunas neste tipo de ensino, em que é fornecido ao aluno, encarado agora como sujeito, factos hierarquicamente organizados e, apesar de guiado, é-lhe permitido gerar conceitos. Isto é, há um processo de pensamento espontâneo e natural no aluno que o leva desenvolver determinadas ideias. Segundo o autor, o professor passa a ter um papel mais rigoroso, exato e pormenorizado

de organizar ““o” contudo científico” dando, desta forma, ênfase à análise da “estrutura do assunto a aprender e muito pouca ao contexto de aprendizagem” (Cachapuz, 2002,p. 149). Para tal sugere que o erro deve ser evitado a todo o custo e as experiências devem ser incentivadoras. O autor apela para o trabalho prático que deve ser feito com os alunos, aquilo que ele chama de trabalho experimental (em ciências) e defende maior autonomia do aluno.

O professor dos dias de hoje apresenta uma forma de organização de planeamento de aulas ao longo do ano letivo. Os planos de aula, são hoje exigidos em grande parte das escolas portuguesas. Estes “são naturalmente integrados em planos mais abrangentes, os planos anuais, de período ou de unidade e, todos eles, para serem coerentes com as propostas curriculares atuais, precisam de ser organizados com um enfoque nas competências a desenvolver e não nos conteúdos a ‘dar’ (Barca, 2004:135). É essencial que o professor faça esta preparação de aulas “pois os grandes alvos de aprendizagem referem-se ao desenvolvimento de competências [...] são apresentadas numa progressão de complexidade ao longo da escolaridade obrigatória” (ibidem, p. 136).

## **1. A televisão e a imprensa na sala de aula.**

Este trabalho desenvolveu-se num “novo” contexto de sala de aula, o de uma aula oficina (Barca, 2004). Que ambicionou trabalhar o conhecimento dos alunos e como estes o adquiriram, através do uso de notícias televisivas e de imprensa como recurso didático dentro da sala de aula. Segundo António Moderno (1995), “o processo de ensino tem necessidade de uma ligação constante e estreita com o mundo exterior, com a prática, com os problemas concretos e os conflitos com que se debate a sociedade” (p.32). E o que se pretende neste ponto é mostrar a utilidade destes instrumentos pedagógicos (a televisão e os jornais) como fontes de conhecimento para que os alunos possam fazer esta importante ligação com o mundo exterior. Deste modo, espera-se a que “ o aluno encontrará, por si mesmo, o essencial das noções a adquirir, o encadeamento dos factos, e pouco a pouco, o seu desejo de explicar, de analisar, de compreender e de julgar estará mias desperto” (Moderno, 1995, p.35). Torna-se assim num momento de aprendizagem que leva o aluno à participação demonstrando o seu esforço e trabalho.

## 1.1. A televisão

Refletindo um pouco sobre a relação da televisão e a escola, denota-se ainda uma preocupação do seu uso como instrumento pedagógico na sala de aula. A televisão é vista como “uma tecnologia para o ensino em que as técnicas audiovisuais creditam o seu valor por uma apresentação massiva de informação icônica e os aparelhos consideram-se uma ajuda ao ensino que facilitam e ampliam os processos de instrução – sob esta perspectiva a televisão é no fundo, uma forma de modernizar as aulas” (Pinheiro, 2010, p. 66). Apesar das críticas que se fazem à televisão, por ignorar os conteúdos programáticos de cariz mais pedagógico, como diz O. Moreira (2002) um instrumento de comunicação e ao mesmo tempo de educação. Contudo, não deixa de ser também um instrumento que apesar de dar muita informação, esta pode ser fútil e enganosa.

A verdade é que a televisão tem uma influência enorme sobre os jovens nos dias que correm. E como o uso de instrumentos audiovisuais é um recurso preferencial dos alunos cabe ao professor adaptar-se a este novo contexto de sala de aula e compete-lhe ainda atender à informação que os jovens aprendem dos *media*.

*Torna-se pois importante que as instituições educativas procurem compreender a presença dos media na vida das crianças [...] sempre que possível, ouvindo as próprias crianças, considerando os seus pontos de vista.* (Pereira, 2001, p. 4).

Pretende-se então que as escolas se adaptem às sociedades, aos alunos e não o inverso. Será uma forma de captar o interesse dos alunos pela escola, pelas temáticas e melhorar a sua atitude na sala de aula, uma atitude que se quer ativa e crítica. Ou seja, a escola deve ser estimulante à construção do conhecimento do aluno. Como afirma Roberto Carneiro de uma forma veemente, “uma escola plenamente consciente da mais-valia educativa do seu tempo e uma televisão pujante e volátil mais respeitadora de uma inteligente divisão de tarefas entre os meios formativos diferenciados podem constituir a combinação explosivamente produtiva para uma nova educação” (Carneiro, 1995, p. 24).

A televisão não oferece à sua audiência tempo para refletir, não é um meio para estruturar argumentações complexas (McArthur, 1980). No entanto, esta pode ser usada pelo

professor e este pode trabalhá-la na sala de aula para que o aluno argumente e critique de forma coerente e, sobretudo, como fonte de construção do seu próprio conhecimento.

## **1.2. A imprensa**

Manuel Pinto (1995, p.39) refere a imprensa como instrumento pedagógico que proporciona “um alargamento notável dos recursos e das fontes de informação disponíveis” e “pode tornar-se num suporte significativo de novas metodologias de ensino-aprendizagem, mais activas e participativas, centradas mais na procura e na construção do saber do que propriamente numa assimilação mais ou menos acrítica do saber já constituído”.

Pacheco de Andrade (1995, p.50), no seu trabalho com os alunos relativo à utilização das notícias em sala de aula, afirma que “parecem, no entanto, os jornais que mais atraem a atenção dos jovens” e que estes “podem ser escola paralela à escola e exercer, em relação a esta, uma função de complementaridade” . A imprensa pode revelar-se assim num instrumento de ensino-aprendizagem na sala de aula. O professor pode trabalhar um jornal em torno de causas, consequências e contextos de um determinado problema, levando o aluno a procurar e construir saber.

Pretende-se o uso destes importantes instrumentos pedagógicos que estão adaptados às necessidades, em termos de comunicação, dos alunos nos dias que correm. Como forma de contrariar o tipo de aula dada apenas para a transmissão de saberes, pretende-se, com estes mecanismos mais modernos incentivar os alunos de modo que estes alimentem o saber, que incite nos alunos um carácter ativo e investigador e que promova a progressão do seu conhecimento.

## 2. A investigação em ensino de História

Em concreto sobre a disciplina de História são poucos os autores que fazem investigação sobre a sua experiência nas aulas de História com o uso das fontes aqui em estudo. Existem contudo vários trabalhos sobre o uso de fontes por alunos a um nível avançado, como é o caso dos de R. Ashby (2003), G. Moreira (2005) e Simão (2007).

R. Ashby (2003)<sup>1</sup> no seu trabalho considera ser fundamental o conceito de evidência e identifica e discute algumas das preconcepções, ideias alternativas com que os alunos podem estar a trabalhar nesta área de aprendizagem. A autora considera que o conceito de evidência é um complemento importante para melhorar os níveis de aprendizagem através da compreensão da evidência histórica. Esta evidência “situa-se entre o que o passado deixou para trás (as fontes dos historiadores) e o que reivindicamos do passado (narrativas ou interpretações históricas)” (p.42). Considera que os alunos mostram dificuldades em distinguir o passado e a História e o passado e a evidência. Propõe que o professor deve elevar o aluno a um nível superior que passa pelo tratamento de fontes como evidência.

A respeito da compreensão da evidência histórica, Lee, Ashby e Dickinson (1995) fizeram algumas investigações, que estão mencionadas no *Projeto Chata* (Concepts of History and Teaching Approaches)<sup>2</sup>, a respeito das ideias dos alunos sobre a evidência que foram aplicadas de forma progressiva em 6 níveis:

“Nível 1: Imagens do passado

Nível 2: Informação

Nível 3: Testemunho

Nível 4: Tesoura e cola

Nível 5: Evidência em isolamento

Nível 6: Evidência em contexto” (Ashby, 2003, p.44).

---

<sup>1</sup> Rosalyn Ashby, da Universidade de Londres, integra o seu estudo “the concept of historical evidence: curriculum demands and children’s understandings” nas actas das 2ª Jornadas Internacionais da Educação Histórica.

<sup>2</sup> Projeto fundado pelo ESRC, levado a cabo no Instituto de Educação da Universidade de Londres. O projeto explorou os conceitos dos alunos acerca da investigação histórica e explicação histórica.

Nestes seis níveis foram aplicados, de forma hierarquizada, “ideias mais ou menos poderosas com que os alunos parecem operar, quando tratam fontes materiais e em resposta a questões levantadas às fontes” (p.44), isto porque não se pretende que o aluno interprete uma fonte de forma simples.

No projeto foram apresentadas ideias de alunos do 3º, 4º e 7º ano, nos quais tiveram que realizar tarefas de forma a explorar as suas compreensões acerca do conceito evidência e avaliar as suas afirmações históricas. As tarefas foram distintas consoante o ano de escolaridade do aluno. Para os alunos do 3º ano, foi-lhes dado o seguinte material: “foram dadas duas afirmações históricas (apresentadas como História A e História B) e quatro fontes (apresentadas como pistas); aos outros grupos etários foram dadas três afirmações históricas (apresentadas como História A, História B e História C) e seis fontes (apresentadas como pistas)” (p.45). Como tarefas, os alunos tiveram que através do que já sabem e as fontes que possuem, decidir qual das histórias era a melhor e explicar a escolha. Interessava neste caso o uso, pelos alunos, das fontes como um conjunto, além de entendê-las como evidência. Contudo, vários alunos fizeram as suas escolhas rejeitando as fontes, atribuindo o facto à quantidade de informação contida nas fontes; no entanto, os alunos consideram-nas fontes válidas. Outro facto é de que alguns alunos trataram as fontes considerando, pormenores como nomes, datas e números, factos que evidenciam a sua validade. Para outros, é referida também a importância de uma história detalhada, expansiva, estimulante ou mais longa, em relação a uma história mais simples e generalizada nas suas afirmações. Muitos alunos tinham propensão a isolar detalhes nas afirmações e tratá-las somente para a informação que apoiava essas particularidades, ignorando eventuais conflitos que existiam nas afirmações. Estes poderiam ser detetados se os alunos tivessem usado as fontes como um conjunto e como evidência, daí que os alunos que “revelaram uma compreensão sofisticada” trataram as fontes como um conjunto e “reconheceram o valor de algumas fontes que os ajudou a medir a credibilidade da informação apresentada por outra” (Ashby, 2003, p. 49). O estudo revelou que os alunos mais velhos revelaram uma compreensão da evidência mais sofisticada mas que há alunos mais novos que mostraram pensar a níveis mais elevados que alguns alunos mais velhos.

Ashby termina questionando o que se poderá fazer para conseguir desenvolver as ideias tácitas dos alunos de forma a promover compreensões mais complexas e contestar ideias alternativas permitindo o progresso dos alunos. Reportando para o facto de muitas vezes se

considerarem, erradamente, as fontes como não credíveis, a autora defende que estas “podem ser consideráveis credíveis ou não, no contexto do seu uso como evidência” (p.49), isto é, deve-se dar uma resposta fundamentada e sustentada uma teoria que valide a informação. Para compreender uma fonte como evidencia os alunos terão que ter capacidade para “fazer distinção entre a natureza intencional de uma fonte e a sua natureza não intencional”; como tal o aluno deve questionar sobre “o a que fonte nos quer dizer? O que esta fonte pode dizer-nos, sem que jamais tenha tido intenção de fazê-lo?” (ibidem). É importante que os alunos aprendam a analisar eficazmente uma fonte, sobretudo, questionando-a.

G. Moreira (2005) explorou a construção do conhecimento sobre a Revolução agrícola e industrial, por alunos do 8º ano, com base na utilização de fontes (escritas e iconográficas) veiculadas no manual adotado na escola desses alunos. Concluiu, entre vários resultados que os alunos fazem inferências históricas sobretudo a partir de fontes escritas; eles gostam de fonte iconográficas mas dizem que muitas vezes não as conseguem interpretar.

Surgem também alguns trabalhos no Brasil, como é o caso do trabalho de Pereira e Seffner (2008) que abordam o uso das fontes nas aulas de História. Os autores referem que nos dias que correm, o professor usa os documentos/fontes históricas como base da sua aula. Quer isto dizer que estes apoiam a utilização destas fontes como fundamentação do que estão a lecionar, para dar uma certa realidade ao tema abordado. Os autores consideram que mais importante do que simplesmente ler com os alunos o documento e dar veracidade ao que está a ser dito, o professor deve trabalhar esses documentos com os alunos de forma a “estimulá-los a elaborar a crítica das representações que hoje produzimos sobre nosso próprio passado”. (p. 119). Pereira e Seffner (2008,p.127), para além de outros fatores inerentes ao ensino da História, consideram importante “ensinar aos estudantes a especificidade da narrativa histórica em relação a outras narrativas do passado (como a televisão e os jornais) [...] queremos que o estudante se torne alguém capaz de reconhecer na História o estatuto de uma ciência, com seus limites e suas possibilidades”. Desta forma o professor estaria a dar oportunidade ao aluno de pensar por si próprio, ter uma opinião e pensar criticamente sobre o conteúdo científico que lhe foi apresentado. O uso de fontes na sala de aula é extremamente vantajoso pois revela ao aluno “a complexidade da construção do conhecimento histórico e tira do documento o caráter de prova, desloca o estudante da noção de verdade que utiliza no cotidiano e, sobretudo, permite abordar o relato histórico como uma interpretação” (Ibidem, p.127).

Em Portugal, no campo da televisão na sua relação com aprendizagem da História, Olga Moreira (2002)<sup>3</sup>, questiona a validade do conhecimento jornalístico e televisivo, dado que a informação transmitida pela televisão, é geralmente deita de forma fragmentada, “ como uma sucessão de factos isolados, sem nenhuma ligação uns com os outros” (Moreira, 2002, p.26). A autora vai abordando a importância do papel dos pais em refletir com os filhos as mensagens televisivas. Nas escolas tem sido crescente a utilização de fontes audiovisuais e, por isso, será importante apostar na formação crítica para os conteúdos de multimédia e, sobretudo, os de carácter informativo. Por outro lado, a autora refere a ligação entre a História e o trabalho jornalístico uma vez que “ para a história, os acontecimentos sociais, transformados em factos históricos, é que vão determinar a maneira pela qual se compreende o presente, a transformação das sociedades, a partir da processualidade e da sucessão destes acontecimentos. (Said cit. Por Moreira, 2002, p.30). Os jornalistas escrevem as notícias sobre esses acontecimentos, que posteriormente serão elevados à condição de factos históricos (ibidem).

Também Wanderley cit. por Huysen (2012) considera que o trabalho jornalístico, na produção de matérias relacionadas com o passado, necessita de ser complementado com o dos historiadores. Assim, o autor (2012, s/ p.) refere que “embora o jornalismo investigativo sério seja essencial para a construção pública de discursos de memória nacional, o seu enquadramento temporal é necessariamente limitado ao presente e ao passado recente, por isso o jornalismo precisaria ser complementado pelo trabalho historiográfico”.

Ao longo do seu trabalho, O. Moreira vai enfatizando a utilização das imagens em movimento, por parte dos professores na sala de aula. Desta forma os alunos reconhecem nas imagens que veem os factos históricos que lhes foram ensinados ao longo do seu percurso académico e que lhes poderá incitar a curiosidade e incutir-lhes ambições criativas, por exemplo numa tarefa prática e crítica, implementada pelo docente. Aqui coloca-se a questão da autenticidade das imagens visualizadas, como tal é importante facultar um documento histórico escrito como forma de comparação com as imagens em movimento, pois os alunos terão “ diferentes pontos de vista para se trabalhar a evidência contida nas imagens fílmicas”(Gunnig cit. por Moreira, 2002, p.111).

---

<sup>3</sup> Na tese de mestrado, Olga Moreira aborda a questão da percepção dos alunos em relação aos conteúdos televisivos e a aprendizagem histórica. Utiliza como fonte de estudo os documentários e o Telejornal. Um estudo feito com alunos do 7º ano.

Em conclusão da sua investigação, com alunos do 7º ano de escolaridade e que pretendia perceber as concepções dos alunos acerca da relação televisão e aprendizagem histórica, Moreira (2002, p. 192) sugere que os alunos têm consciência “do papel da televisão como fonte de aprendizagem da História” e que estes “problematizam essa informação embora muitas vezes ao nível da deteção do certo ou errado, pelo confronto da informação transmitida pelo professor”.

Mais do que uma fonte de motivação, o professor deve utilizar as imagens em movimento de uma forma mais “desafiadora no plano cognitivo”, deve organizar essas fontes de forma estratégica e “construtivista, que estabeleçam pontes entre o conhecimento transmitido pela TV e o conhecimento histórico”. Como tal deve enfatizar na aula a “discussão e reflexão sobre as variadas opiniões ou visões do mesmo fenómeno ou realidade [...], cruzar fontes secundárias e primárias, incluindo programas televisivos, formular tarefas problematizantes e não meramente a velha rotina de simples perguntas a uma fonte isolada” (Moreira, 2002, p.194).

### **3. A investigação em ensino de Geografia.**

Na área de ensino da Geografia em Portugal, são raros os trabalhos referentes a esta área de estudo. No entanto têm surgido alguns trabalhos do Brasil que têm proposto a experiência com a utilização de notícias na sala de aula.

Por exemplo, Rosa Martins (2008)<sup>4</sup> começa o seu artigo pelo contributo da globalização na mudança da sociedade e para um conhecimento cada vez mais centralizada em todas as áreas, e que resultam em grandes mudanças na história da humanidade. Refere-se à chamada economia de mercado, que surge neste século, devido à revolução técnico-científica, e que elimina barreiras geográficas entre países e continentes. Segundo a autora, daqui têm surgido novas realidades e projetos “repensados e redefinidos, abrindo discussões de aspetos sobre o local e regional, a integração e fragmentação do espaço” (p. 2).

Assim, todas estas transformações têm interferido diretamente na escola no sentido em que a educação também pode ser afetada pelos conflitos da sociedade, daí que tenha como função criar condições para que os alunos possam analisar e compreender a realidade vivida, podendo participar nela de forma consciente e participativa. Deve também, a escola, assegurar ao aluno a compreensão da realidade para que haja novos conhecimentos e que este saiba se situar no espaço e no tempo. Daí que, como afirma Martins (2008), “ a reflexão sobre questões que envolvam a vida cotidiana contribui para levar os educandos a uma consciência dos fenómenos que eles vivenciam o presenciam no dia-a-dia” (p.3).

Martins alerta para a necessidade de repensar os conceitos e conhecimentos definidos, pois é importante reconhecer as modificações e dinâmicas ocorridas no espaço geográfico bem como a contextualização histórica e social desse espaço. Neste sentido, considera ser fundamental, perceber como estas mudanças têm influenciado o ensino da geografia na escola básica. Como tal, “para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona [...]. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro” (Santos cit. por Martins, 2008, p. 4).

---

<sup>4</sup> Rosa Martins no seu trabalho “ O ensino da Geografia e o uso de notícias na sala de aula” pretende fazer uma reflexão sobre a importância e o compromisso da disciplina de geografia na educação básica de conduzir o aluno a compreender a organização espacial da sociedade que o homem transformou através da sua intervenção. O trabalho envolveu a pesquisa em jornais, revistas, internet, de notícias sobre o Brasil, tendo como objetivo proporcionar o desenvolvimento das habilidades de leitura e análise e a reflexão sobre questões que envolvem a vida quotidiana dos alunos.

A autora refere ainda a contribuição da Geografia como ciência, com informações úteis necessárias para perceber os avanços e domínios dos territórios, destacando a importância de promover a educação do povo de um estado-nação. Deste modo pretende-se “criar uma identidade para os cidadãos pelo estudo do território, dos mapas, da população, dos recursos naturais e do sistema político e econômico” (Martins, 2008, p. 4).

Refletindo sobre o papel da escola no que diz respeito às questões contemporâneas, a autora assegura que o cidadão tende a adquirir competências de acordo com o tempo e o espaço em que vive. Daí que a escola surge como pilar da educação, desde cedo, do cidadão em saber estar no mundo e torná-lo num cidadão crítico e criativo. Refere, para isso, a Geografia como disciplina apropriada para esta ação de “formar” o aluno para a compreensão da organização do espaço, que o próprio Homem tem vindo a transformar pela sua intervenção, pela sua atitude e estar em sociedade. Defende que para isso é importante que na escola e na disciplina de Geografia se adote novas temáticas ligadas e mais próximas do quotidiano dos alunos. No entanto, reconhece a complexidade desta “tarefa”, não é um tema em voga, mas é fundamental compreendê-la. Para isso o contributo da Geografia, como ciência social, é primordial para a compreensão destes aspetos.

Constata um desafio que deve ser encarado pelos docentes da disciplina de Geografia, na promoção de um ensino que inclua a prática em fontes diversas de informação, nomeadamente a TV, filmes, documentários, jornais e trabalhos de campo. Pois é, através da exploração destes recursos, possível que o aluno esteja inserido na realidade em que vive e, desta forma, adquirir uma aprendizagem significativa para a sua formação como cidadão, no sentido de saber interpretar e relacionar fatos desse espaço ou dessa realidade que está inserido.

Martins (2008, p. 7) pretende conseguir, no espaço da sala de aula, grandes e importantes momentos de interação com o intuito de preparar os alunos “para a vida social, para a consciência, para o exercício da cidadania e o entendimento de que é urgente repensar essa sociedade onde há tanta discrepância social e baixa qualidade de vida”.

No que se refere à metodologia do seu trabalho investigativo, desenvolvido com duas turmas da 6ª série, a autora pretende tornar as aulas mais dinâmicas, participativas e ligadas ao quotidiano dos alunos. A sua experiência em sala de aula centra-se num tema que diz respeito

às características do território brasileiro, nomeadamente, o processo que envolve a estruturação socioeconómica, o quadro natural, a constituição do Estado e a população. Pretendeu desenvolver as competências de observação e análise de jornais, revistas, notícias online. Os alunos foram divididos em cinco grupos, cada um responsável por pesquisar uma região do Brasil. Antes de avançar com o projeto foram feitos, nas duas aulas anteriores, análise, comentários e diálogos com os alunos sobre o que se iria fazer de modo a prepará-los para as aulas seguintes. Martins considera fundamental esta fase de preparação dos alunos para este tipo de estímulo e que para os envolver são vários os desafios que mobilizam a aprendizagem, tanto por parte do professor como do aluno. Para ter este tipo de aulas, há muito trabalho e responsabilidade na recolha e seleção da informação e o envolvimento de todos os intervenientes é essencial “para que o trabalho tenha um caráter científico e a sala de aula seja um local onde há interação da Geografia com o mundo” (Martins, 2008, p.8). Cada grupo realiza a sua pesquisa por temas relacionados à sua região, seleciona imagens e textos de jornais, revistas, ou extraídos da internet. As notícias devem respeitar temas atuais e relacionados com fatos da sua região, de forma a desenvolver nos alunos a “reflexão, o questionamento e o confronto de ideias” (ibidem, p.8).

Martins destaca pontos positivos e negativos. Na sua experiência, embora não apresente uma análise sistemática dos dados, destaca a motivação e o interesse dos alunos em continuar a ler jornais e revistas, quanto ao segundo, destaca a falta de responsabilidade de alguns membros dos grupos na recolha do material para a apresentação do trabalho. Não obstante, reconhece a necessidade de realizar com maior frequência este tipo de atividades em grupos para estimular a competência de organização e cooperação, e divisão de tarefas entre os elementos dos grupos. Considera que os alunos se envolveram com a pesquisa e com a leitura de jornais e revistas, e assim puderam estabelecer uma relação entre o conhecimento adquirido nas aulas de Geografia e o mundo real. Sendo assim, este projeto pode ser uma boa alternativa para motivar e despertar o interesse dos alunos pelas aulas da disciplina.

A autora defende que é preciso acabar com a ideia que a Geografia é só ter conhecimento de informação geográfica, é preciso, portanto, que os alunos saibam relacionar essas informações com o seu quotidiano. Que possam, ainda, compreender a sua dimensão e nele interaja, participe, interprete e analise criticamente a complexidade de elementos que se interligam. Isto para que saiba usar esse conhecimento a seu favor, isto é, que seja

independente e que aprenda contornar as transformações sociais de uma sociedade que se quer mais humana e menos desigual.

Noutro trabalho do género da autora anterior, Alves e Cardoso (2008)<sup>5</sup> trabalharam com os alunos com o objetivo de tornar a Geografia mais próxima do seu quotidiano e que o professor pode utilizar os meios de comunicação da sala de aula, “possibilitando que os estudantes investiguem, critiquem e questionem as informações obtidas através da mídia e realizem uma interligação com os conteúdos trabalhados nas aulas de Geografia” (p.19). Uma forma de motivar os alunos para aprender a estudar esta disciplina de uma forma integral e consciente.

Reportando-se para os parâmetros curriculares nacionais do ensino médio, estes autores destacam o grande objetivo em aproximar a Geografia para a vida real do aluno, que se torne útil no seu dia-a-dia e que os auxilie na sua formação como cidadão crítico, ativo e participante em todos os aspetos da sua vida. Isto é uma forma de estimular os alunos a possuírem o interesse geográfico. O facto de se memorizar os conceitos e outras informações geográficas não significa que houve compreensão e, portanto, é importante a contextualização do conceito científico e assegurar-se de explicar com casos reais. De forma a aproximar a Geografia do aluno, o professor tem um papel fundamental pois se pretende dele “ a organização de atividades, levando em conta as necessidades individuais e sociais dos alunos, as condições concretas em que o ensino se realiza e os modos mais adequados de tratamento de conteúdos [...] é o de buscar clareza quanto à utilidade dos conhecimentos que a Geografia veicula para a vida das pessoas em geral e para a dos alunos” (Cavalcanti cit. por Alves & Cardoso, 2008,p. 20). Deste modo, o aluno será capaz de saber interpretar corretamente as informações de que tem acesso e ao mesmo tempo reconhece que estas fazem parte da sua vida.

Alves e Cardoso referindo-se aos conflitos entre os meios de comunicação e a escola dizem que tem sido uma constante. Relativamente à televisão, a mais contestada, por razões já discutidas neste trabalho, considera que “ao invés de reclamarmos da TV, como ela sendo a grande inimiga do processo educacional, devemos trazê-la para o nosso lado, utilizando-a como instrumento de ensino” (2008, p. 21). Devemos aproveitar a sua influência na sociedade e torná-la cúmplice. Por sua vez, o jornal é um instrumento mais fácil de utilizar na aula e mais de

---

<sup>5</sup> Alves e Cardoso, no seu artigo “Geografia e a mídia na sala de aula” pretendem demonstrar a utilização dos meios de comunicação, em especial das notícias publicadas nos jornais impressos, no processo de ensino/aprendizagem de Geografia. Foram aplicadas algumas atividades em sala de aula envolvendo notícias de jornal e sobre conteúdos de Geografia do Brasil.

questionar a informação. Neste sentido, compete ao professor auxiliar o aluno na interpretação da notícia. No entanto, há um outro fator que poderá deixar dúvidas quanto à sua utilização, a persuasão a que o leitor está sujeito. Quer isto dizer que o jornalista, pela forma como escreve pode formar e conformar o ponto de vista do leitor, sendo então que “ a sua capacidade de influenciar na vida das pessoas é consideravelmente grande, pois ele age diretamente no pensamento crítico dos indivíduos” (Ibidem, p. 21). Desta forma, esta persuasão e depois como cada indivíduo a assimila, irá ditar as direções tomadas pela sociedade em geral.

Ora, o uso dos conceitos científicos na aula de Geografia, permitirá ao aluno ser capaz de se afastar dessa persuasão pois terá a competência de conseguir distinguir o conteúdo geográfico da notícia, de compreender termos usados e estabelecer uma relação entre a notícia e os conteúdos. Logo, formarão uma opinião própria a respeito da notícia e nas discussões sobre a mesma. Isto tudo leva a que, através do questionamento e da pesquisa, muitas vezes se evite que as informações erradas passem despercebidas e se poderá preencher possíveis lapsos.

Relativamente à presença de notícias da sala aula, estas ” são uma ótima oportunidade para os professores debaterem com os alunos a maneira como eles percebem o mundo em que vivem, compreendendo as relações do homem com a natureza, as relações do homem em sociedade” (Ibidem, p. 22) e, conseqüentemente na interferência dessas relações com a realidade de cada aluno. Nesta perspectiva de debate defende-se que é primordial ouvir o que o aluno tem a dizer para que o docente perceba se este interpreta de forma correta o que está a ser dito ou lido. Os autores defendem que o diálogo é fundamental no contexto de sala de aula e a utilização do jornal vem acentuar estes momentos de interação, porque provoca no aluno a ânsia de compreender o que está a ser lido no jornal. Este recurso é uma ótima ferramenta para alargar os horizontes de um docente no sentido de que este “ amplia a sua capacidade de educar, de transmitir conhecimentos, de auxiliar na formação do pensamento crítico do aluno na relação ensino/aprendizagem” (Ibidem, p. 22).

Desta forma, as aulas tornam-se mais atraentes e dinâmicas e havendo esta interação entre professor e aluno, a aula acaba por ser benéfica para ambos. O aluno percebendo a importância do que se está a ser discutido na sala aula saberá aproveitar e usar dos conhecimentos adquiridos, nessas interações, para o seu dia-a-dia.

No que respeita à metodologia desta experiência relatada neste artigo, constata-se que o trabalho desenvolvido com os alunos foi aplicado em duas fases distintas e com notícias distintas.

Na primeira fase, foram utilizadas notícias relacionadas com os problemas sociais da população brasileira. Durante os diálogos de discussão da notícia houve margens para assunto que não estava diretamente ligados ao assunto em questão. O tema foi proposto por ser um tema atual e que ajuda a perceber o modelo de urbanização atual das cidades brasileiras uma vez que todas elas podem ser atingidas pela violência. O medo gerado pela violência conduz a transformações nas sociedades e nos espaços em que se inserem, na medida em que estas adotam outras atitudes, optam por outros caminhos para fugir da violência. Desde logo, achou-se importante, antes de passar as notícias propriamente ditas, falar um pouco desta temática, fazer uma breve introdução ao tema de forma a inteirar os alunos com o assunto da violência urbana no seu contexto histórico e social brasileiro. Depois de fornecido o material, em pares ou grupos de três os alunos leram individualmente a notícia e depois discutiram em grupo as ideias do texto e a impressão que cada um teve a respeito do tema. Durante os diálogos que foram fazendo deu-se especial atenção a possíveis relatos de que conhecessem alguém próximo ou que cada um tivesse vivido alguma situação relacionada com a criminalidade. E constatou-se que muitos já viveram ou conheceram alguém que passou pela experiência de ser assaltado nas ruas. De seguida, foi discutida a influência do medo, pela criminalidade no processo de produção espacial ligada “ao processo de segregação urbana, em parte motivado pelo acirramento das desigualdades sociais, fruto do modelo de desenvolvimento económico do país” (Queiroz cit. por Alves & Cardoso, 2008, p.23). Este foi o ponto debatido que os autores consideraram ser o que mais ênfase teve na sala de aula. Foi proposto aos grupos que redigissem um texto de 25 linhas de acordo com a sua perceção acerca da violência urbana na cidade. Depois de analisadas as respostas percebeu-se que a maioria dos textos tinha em comum a associação da educação com a violência e outros problemas sociais brasileiros.

A notícia de jornal funcionou como um instrumento de contextualização do conteúdo e originou discussões/ debates entre o professor e os alunos, tendo em consideração diversos pontos de vista. Considera-se que os alunos foram estimulados a elaborar pensamentos e opiniões, tiveram contatos com outras apreciações e discutiram ideias próprias. Com esta atividade foi possível perceber que com a Geografia se pode e deve discutir os aspetos de

violência urbana. No debate “ estão embutidas as relações sociais, as características de ocupação e formação do espaço, os aspetos económicos e políticos que atingem a sociedade brasileira, o modo de produção que acaba gerando a exclusão social dos integrantes das camadas não beneficiadas por ele” (Alves & Cardoso, 2008, p.24).

Na segunda fase do estudo, que foi aplicada da mesma maneira que o anterior, diferindo apenas na temática da notícia, refere-se à temática da População Económica Brasileira. A notícia de jornal trata do crescimento do desemprego na região Metropolitana de Porto Alegre. Nesta notícia houve uma maior necessidade de explicar os vários conceitos presentes no texto escrito. De seguida foi debatido com os alunos como que o trabalho e as suas relações tem influência na formação da sociedade e do espaço e consequentes transformações territoriais. Por exemplo, um cidadão desempregado procura melhoras condições de vida mesmo que isso implique mudar de cidade ou de país. Neste caso, a notícia escrita serviu como base e exemplo para que alunos pudessem compreender melhor os conceitos científicos integrados nos temas discutidos em grupo na sala de aula, bem como uma melhor interpretação da notícia em questão.

Na sua investigação, Alves & Cardoso (2008) consideram que o trabalho com os alunos foi positivo, bem como a resposta dos mesmos e que, unir as informações obtidas no quotidiano vivido fora da escola aos conceitos científicos trabalhados na sala de aula, se resumiu num elevado interesse pelo assunto. Isto porque incentiva o aluno em querer saber mais detalhes, as dúvidas surgem e se intensifica os diálogos entre professor e alunos. Como vimos com a experiência, Alves e Cardoso destacam o papel mais participativo do aluno na aula. Os autores deixam duas ideias fundamentais e que se resumem ao motivo da realização deste estudo, para alertar que é um dever da educação geográfica formar cidadãos participantes e ativos na sociedade e que consciencializem que isto é importante para o rumo do país. Ao docente compete aproximar os alunos à realidade e criar a possibilidade de que este tenha a perceção que a Geografia está ao seu redor e que a exploração dos meios de comunicação comprova essa noção.

Em Portugal, C. Martinha (2009) mostra-nos a sua experiência com alunos da Universidade Júnior do Porto<sup>6</sup>. O seu projeto denominado de “Vem para Fora cá dentro”, incluiu a participação de alunos do ensino secundário, com idades compreendidas entre os 15 e 17 anos. Neste projeto misturam-se competências e atividades pedagógicas da área da Geografia e da História e foi projetado fora do contexto formal de aprendizagem, ou seja, para lá das atividades convencionais, o “ que promove aprendizagens importantes e diferentes no âmbito do conhecimento geográfico e histórico da cidade do Porto” (p. 181).

Com o principal objetivo de desenvolver competências geográficas mas também históricas nos alunos, o projeto passou, numa primeira fase, pela realização de percursos pela cidade do Porto. Os alunos tiveram que fotografar e gravar pequenos filmes pelos diferentes locais por onde passavam. A fase seguinte e já com a informação adicional sobre esses locais os alunos tiveram que, em contexto de sala de aula e juntando o material recolhido (textual e iconográfico), realizar pequenos filmes que retratassem a sua perspetiva histórica e geográfica acerca da cidade do porto. Pretendia-se com este trabalho tornar a sala de aula mais produtiva e, sobretudo, promover o gosto pelo conhecimento geográfico, seguindo um conjunto de competências adequadas a este projeto, como a localização, leitura e utilização de mapas e leitura da paisagem. A questão essencial para “entender como está organizada a cidade do Porto, nas suas mais diversas vertentes; a informação é obtida através de observação direta e pesquisa documental; [...] apresentam a “sua” resposta à questão de forma adequada e proactiva” (Martinha, 2009, p. 183), podendo mostrar argumentos sobre eventuais problemas com que os alunos se depararam na aérea que percorreram. A autora considera que os alunos aderiram bem a este projeto pelo facto de poderem conhecer melhor a cidade e por ser algo diferente do que estão habituados nas aulas. Foi possível a articulação entre a História e a Geografia, com o uso nas duas áreas de competências básicas, que por si só apelam “a uma abordagem do processo de ensino-aprendizagem pelo prisma da interdisciplinaridade” (p.184). Termina, apelando à promoção o conhecimento da Geografia e História local através de “atividades inovadoras e trabalho didático “mais livre” das orientações curriculares para os professores e onde estes poderiam desenvolver a sua criatividade, valorizando as aprendizagens dos alunos de forma mais significativa e conectada com a sua realidade local” (ibidem).

---

<sup>6</sup> A universidade acolhe alunos do 5º a 11º ano de escolaridade. Este programa que funciona no verão pretende preparar o aluno para o ambiente universitário. São propostas diversas atividades e projetos em áreas tão diversificadas como as ciências, as tecnologias, as humanidades, as artes ou o desporto

Pelos estudos acima mencionados podemos considerar que a imprensa pode revelar-se assim num instrumento de ensino-aprendizagem na sala de aula. O professor pode trabalhar um jornal, por exemplo em torno de causas, consequências e contextos de um determinado problema, que muitas vezes pode ser próximo do aluno, levando este a procurar e construir saber. Também o trabalho de campo, como vimos no estudo de Martinha (2009), será importante para a proximidade do aluno a determinado problema. Nestes tipos de exercícios, o trabalho de fontes textuais e iconográficas foram fundamentais para o desenvolvimento de competências básicas tanto em História como em Geografia. É de ressaltar que independentemente da fonte que se esteja a usar na sala de aula é importante que se evidencie “ a importância da aprendizagem da perspectiva do outro, do diálogo entre pontos de vista diferentes, da construção fundamentada de pontos e de consenso e de divergência e da assunção de decisões coletiva e livremente tomadas” (Pinto, 1995, p. 37). Cabe ao professor mediar estes pontos e cumpri-los ao máximo, fundamentais para o bom funcionamento da aula e sobretudo para auxiliar a formação do aluno e de um bom cidadão.

## Capítulo II - Metodologia

### 1. Objetivos e questão de investigação

Neste campo pretendeu-se explorar em sala de aula duas notícias de jornal sobre uma determinada temática em História, e uma notícia em vídeo em Geografia. Nas duas disciplinas, a tarefa de alunos consistiu em, após a leitura das notícias ou a visualização do vídeo resolverem um questionário para interpretação das fontes. A intenção era que, em Geografia, os alunos interpretassem no vídeo o que se relaciona com os conteúdos da aula. A mesma atividade foi feita nas aulas de História com o uso de jornais. No caso do uso dos jornais há a considerar o uso dos jornais da época, que veiculam perspetivas coevas da política da época. No caso da imprensa portuguesa antes do 25 de Abril, sabemos que era altamente censurada, apenas relatando ou assumindo-se como forma de propaganda do governo; posteriormente, ela assume o direito à liberdade de expressão e, por isso, transmite-nos com mais autonomia os pontos de vista dos seus autores.

As questões foram feitas com o objetivo de perceber como os alunos interpretam a informação veiculada pelas mensagens das notícias televisivas ou das notícias jornalísticas, que compreensão histórica e geográfica os alunos obtiveram e que relações fazem com a temática abordada na aula ou com outras abordadas anteriormente. A partir dos resultados na atividade pretendeu-se perceber que estratégias os alunos usaram na resolução do questionário.

Depois de ter analisado os dados obtidos em Geografia e em História, procurou-se perceber como os alunos deram determinado tipo de resposta e se houve diferenças de resultados na interpretação dos dois tipos fontes apresentadas. Ou seja, em qual das situações os alunos tiveram mais facilidade ou dificuldade em interpretar, qual dos questionários tiveram maior ou menor número de respostas adequadas. Das respostas, tentei perceber as suas opiniões em relação ao seu contributo para a sociedade atual e se estabeleceram alguma relação com o seu quotidiano.

Com a análise dos dados recolhidos procurei responder essencialmente à questão chave desta investigação:

**- Como os alunos interpretam a informação veiculada pelo notícia televisiva e pela notícia de jornal, e que compreensão histórica e geográfica obtiveram?**

## **2. Caraterização dos alunos participantes**

### **2.1. Caracterização do contexto escolar**

É necessário conhecer o contexto da escola na qual se desenvolve uma investigação pedagógica. Como tal, segue-se uma breve caracterização da escola/agrupamento em que ela se realizou. Esta baseia-se nos dados disponíveis no Projeto Educativo do Agrupamento, nas informações disponíveis no *site* da escola e também no documento de avaliação externa de escolas realizado em 2008.

A escola E.B. 2 e 3 foram inauguradas em 1971/72 e insere-se nas escolas do ciclo preparatório do ensino secundário (CPES) que foram criadas pelo Dec. Lei n.º 47480, de 2 de Janeiro de 1967. A escola foi legalmente instituída através da constituição da república portuguesa, através da Lei de Base (LBSE) e dos decretos-lei 43/98/115 A/98 e Lei 24/99. Abriu com aproximadamente 1900 alunos que se dividiam por turmas aproximadamente de 30 a 31 alunos.

A escola situa-se no centro da cidade de Braga, num local com bons acessos e concentração de serviços, tornando-se assim num pólo atrativo para a frequência dos alunos. A escola EB 2,3 está inserida na configuração de escolas desde 2001 até à reorganização definitiva da rede escolar em 2003, funcionando atualmente como sede do agrupamento de escolas.

Segundo o relatório de avaliação externa de escolas de 2008, o agrupamento era frequentado por 2.447 alunos. A sede do agrupamento acolheu, em 2012, 554 alunos no 5.º ano e 285 alunos no 6.º ano dos quais 58 são de origem estrangeira dominando a origem romena seguindo-se a brasileira. No 3.º ciclo totalizavam 691 alunos dos quais 252 frequentam o 7.º ano, 216 frequentam o 8.º ano e 213 frequentam o 9.º ano. No terceiro ciclo, 66 alunos eram de origem estrangeira provenientes do Brasil, seguindo a Angola. No 3.º ciclo, existia para além do ensino regular uma turma constituída pelo Cef, com 26 alunos, assim como os Efas ministrados no estabelecimento prisional de Braga, mas sem qualquer aluno inscrito. No 3.º ciclo de ensino regular as idades dos alunos variavam entre os 12 anos e os 17 anos de idade, predominando no 7.º ano 194 alunos com 12 anos. O 3.º ciclo no ano 2009/10 abrangia 274 alunos contemplados pelo benefício de auxílio económico, metade abrangidos pelo escalão A e a outra metade pelo escalão B. Relativamente á sua área espacial e através da observação da

planta, esta sede de agrupamento é constituída por vários equipamentos dos quais importa destacar, a Biblioteca (PBX).

Julgo que as instalações boas ou más de uma escola interferem com a prestação escolar de um aluno. Pela minha experiência e pelo que pude observar das salas de aulas em que leccionei (duas), nenhuma delas tinha condições favoráveis ao ensino e aprendizagem. A sala das aulas de Geografia era bastante fria, e que motivações têm os alunos encasacados e com frio para escrever, ou prestar atenção? O chão em cimento, com cabos elétricos cobertos com uma tábua. O projetor de má qualidade não projetava a cor real das imagens, e as mais escuras nem se viam, por exemplo numa das aulas em que apresentei imagens, destas, algumas não eram perceptíveis, obrigando-me a descrevê-las nos seus elementos básicos. A sala era bem iluminada mas nem sempre isso é favorável pois metade da sala era composta por janelas viradas para o recreio escolar. A sala de História era bem melhor que a de Geografia, mas no dia em dava aulas naquela sala podíamos ouvir a aula de outra turma da docente de francês. Era bem audível a voz da professora do outro lado da sala, bem como dos alunos, e o barulho próprio de qualquer aula. Pude perceber enquanto observava as aulas das colegas de estágio que, numa das salas, nos dias de chuva, pingava água do teto e que caía na mesa e material escolar dos alunos. Viam-se baldes por entre os corredores das mesas a amparar a água que pingava do teto. Contudo, a escola encontra-se, atualmente, em fase de reconstrução.

## **2.2. Caracterização da turma participante**

A turma H do 9º ano era constituída por 23 alunos, com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos, sendo que 21 alunos tinham 14 anos e apenas dois alunos com 15 e 17 anos de idade. Destes, 16 eram do sexo masculino e 7 do sexo feminino. Relativamente aos apoios sociais, 7 alunos usufruíam o escalão A e 3 alunos o escalão B, os restantes 13 alunos não tinham qualquer escalão. Na turma não havia nenhum aluno com necessidades educativas especiais. No entanto, 5 alunos tinham um plano de recuperação na disciplina de História, e em Geografia desconhece-se se há alunos com planos de recuperação, contudo poucos eram os alunos com negativa a esta disciplina.

O número de pessoas constituintes do agregado familiar dos alunos varia de 1 a 3 elementos. Os pais dos alunos tinham idades compreendidas entre os 33 e os 54 anos de idade,

com profissões muito díspares, variando entre os setores secundário e terciário, sendo que 9 são desempregados. As habilitações literárias predominavam entre o 4º ano e o 12º ano de escolaridade verificando-se apenas um pai com licenciatura.

O contexto social do aluno é importante mas pode ou não ter influências na sua prestação escolar. Por exemplo, um aluno que tenha pais/ e ou encarregados de educação com habilitações literárias mais elevadas poderá ter uma maior prestação na sua vida escolar, podendo contar com a ajuda destes na elaboração de tarefas e escolar bem como apoios e motivações para o seu desempenho académico. Um ambiente familiar orientado para a escola favorece determinadas crianças. Pais atentos são mais rápidos a detetar eventuais dificuldades e a remediá-las. São fatores que podem muito bem influenciar e a aprendizagem dos alunos.

Desde início foi-nos dito pelas professoras orientadoras que a turma tinha algumas dificuldades na aprendizagem e nos níveis de comportamento, era uma turma bastante faladora e distraída. No entanto, desde os anos anteriores veio a melhorar o seu comportamento.

### **3. Instrumentos Utilizados**

#### **Em História.**

O projeto de intervenção na disciplina de História foi implementado na quarta e última aula de 90 minutos de História referente à temática “Portugal Democrático: a Revolução do 25 de Abril e o processo revolucionário”. O instrumento é constituído por duas notícias de jornal, uma do Jornal do Comércio do Porto e outro do Jornal de Notícias também do Porto, com notícias que retratavam os acontecimentos na baixa portuense no dia da revolução e um questionário sobre essas notícias (ver anexo 1, p. 49 a 51).

O questionário era composto por um conjunto de questões sobre as duas notícias de jornais, contemporâneas dos acontecimentos do 25 de Abril de 1974. Essas questões tinham como objetivo a interpretação de fontes e a relação das respetivas mensagens com a sociedade atual.

Os alunos teriam que ler as duas notícias que retratavam um momento particular da revolução e responder ao questionário elaborado por mim que incluía no confronto das mensagens das duas fontes. A tarefa foi dada praticamente no início da aula e antes de iniciar a temática. Antes de realização da tarefa, as notícias foram lidas em voz alta por alunos escolhidos pela docente, para captar a sua atenção para todo o texto, uma vez que na leitura individual, silenciosa, os alunos poderiam não ler o texto na íntegra. A tarefa levou mais 15 minutos do que o tempo previsto (25 minutos) quando realizado o plano de aula.

Os alunos mostraram-se pouco ativos na resolução do exercício do projeto. Não reagiram muito bem quando viram o tamanho do texto das notícias. Desde logo pude averiguar que os alunos não estavam habituados a procurar diferenças e semelhanças entre uma e outra notícia, facto que pude constatar com as dúvidas que os alunos me colocavam.

## **Em Geografia**

O projeto de intervenção na disciplina de Geografia foi implementado numa segunda aula referente à temática “O efeito de estufa: consequências e medidas” com a duração de 90 minutos. O instrumento era constituído por uma notícia da RTP vidogravada, que abordava uma das consequências do aquecimento global: o aumento efeito de estufa (ver anexo 3, p. 55).

O questionário era composto por um conjunto de questões com o objetivo de os alunos interpretarem as mensagens principais da notícia e de problematizarem a importância do assunto para a sociedade atual.

Os alunos teriam que visualizar a notícia televisiva, depois de recebido o questionário entregue pela professora, com cerca de 2 minutos de duração. No final os alunos teriam que responder ao questionário que consistia essencialmente na interpretação da mensagem que a fonte tenta passar. A tarefa levou mais ou menos 10 minutos, o tempo planeado.

# Capítulo III – Análise de dados

## 1. Na disciplina de História

### 1.1. Análise qualitativa dos dados

As respostas dos alunos ao questionário foram analisadas de forma indutiva, segundo quatro categorias:

Válidas

Não válidas

Desajustadas

Sem resposta

As duas primeiras questões (3a e 3b) eram mais simples. Na primeira das questões, de resposta imediata, da identificação dos jornais, todos os alunos apresentaram uma resposta válida. Na segunda questão (3b), que perguntava o acontecimento histórico de que tratavam as notícias e que requeria uma interpretação global das mensagens, alguns alunos não responderam ao que realmente tratava a notícia (podemos atribuir tal facto à falta de interpretação cuidada da notícia destes alunos). Estes responderam de acordo com as ideias prévias que possuem, referido a factos ligados ou que resultaram do dia retratado nas notícias, a revolução de 25 de Abril de 1974. Como exemplo, um aluno responde “ refere-se à queda do regime de Salazar”, outro responde “ o dia da liberdade” A grande maioria das respostas foram consideradas globalmente válidas, dado que de facto as notícias referem-se à revolução do dia 25 de abril de 1974.

A terceira questão (4) que pergunta o que tem em comum as duas notícias, foram poucos os alunos que responderam de forma objetiva. Ambas as notícias referem confrontos das manifestações com a polícia na baixa portuense e grande parte dos alunos respondeu de uma forma muito superficial mencionando apenas o acontecimento histórico. Estes responderam “ambas as notícias falam do 25 de Abril”. Este tipo de resposta leva-me a pensar que os alunos não se deram ao trabalho de ler os pormenores das notícias, de encontrar factos em comum às duas notícias. Outros alunos dão respostas desajustadas como:

- “ ambas foram lançadas no mesmo dia”
- “ o grande acontecimento é o 25 de Abril”

Nesta questão pretendia-se que os alunos referissem aspetos presentes na notícia, como é o caso destas respostas que revelam mais factos e que andaram mais perto de uma resposta considerada válida:

- “ As duas notícias retratam confrontos entre a guarda e a população no dia do 25 de Abril”.
- “...ambas falam dos confrontos com a população e a polícia. Ambas até falaram dos agentes da PSP dispararem contra população.

Na quarta questão (4.1) onde se pedia a justificação da resposta da pergunta anterior, 4 alunos limitaram-se a não responder à questão ou a dizer que já tinham respondido na resposta anterior, como se a resposta anterior servisse de qualquer justificação. Nesta questão pretendia-se que os alunos justificassem o que responderam anteriormente de uma forma fundamentada, com argumentos do texto ou até com recurso a expressões das duas fontes (A e B) para comprovar os pontos que têm em comum. Alguns alunos respondem de forma desajustada:

- “ Na fonte A estão a decorrer os acidentes e na fonte B está a notícia retratada, no dia anterior”.
- “ O dia foi muito importante para o povo português e por isso falam no jornal”.

Há 2 alunos que utilizaram expressões dos textos, mas referem-se a situações factuais diferentes; estes dois alunos apresentam exatamente as mesmas expressões, revelando que um deles copiou pelo outro:

- “Na fonte A temos “entretanto, na Praça da Liberdade os civis apoderavam-se de pedras e atacavam a policia que procurou refúgio”, na fonte B temos “ vozes em unísono proclamavam «o povo unido jamais será vencido». ” ”.

Neste caso o aluno em questão ao citar a Fonte B deveria citar em paralelo com a fonte A: “ Estes socorreram-se de algumas pedras. Alguns policiais recuam em fuga forçada para a praça...”.

A maioria da turma responde de forma vaga pois, apesar dos seus argumentos serem aceitáveis, não justificaram a resposta. Estes apresentaram uma resposta muito simples e incompleta, e grande parte deles dando praticamente a mesma resposta da questão anterior:

- “As notícias têm em comum os confrontos entre os manifestantes e a polícia”.

Um aluno respondeu de forma mais completa e, além de explicar que as notícias descrevem ao pormenor os acontecimentos decorridos na baixa portuense, deu um exemplo de detalhes de que ambas falam:

- “ Ouviram-se com frequência vivas às Forças Armadas” e “vozes em uníssono proclamam «o povo unido jamais será vencido» ”.

Seguidamente, a quinta questão (5) pedia que os alunos mencionassem as diferenças entre as duas fontes. Esta questão julga-se ser mais fácil uma vez que existem vários pontos que diferem uma notícia da outra. Desta vez apenas um aluno não respondeu, e a julgar pelo seu questionário foi por falta de tempo, pois não respondeu a nenhuma das questões 4, 4.1, 5 e 5.1. Nesta questão 8 alunos deram uma resposta adequada, a maioria respondeu, e quase nas mesmas palavras, da seguinte forma:

- “ Na fonte A mostra mais a revolução da população e na fonte B especifica mais a intervenção dos comandos”.

Este tipo de resposta é válida mas seria mais completa se os alunos acrescentassem para além da intervenção dos comandos também o da PSP. Apesar da resposta ser considerada válida fica a ideia que estes alunos responderam de uma forma genérica e denota-se que estes ficaram com esta ideia vaga por lerem por alto o texto.

Os outros dois alunos responderam diferentemente dos anteriores destacando-se por terem abordado factos pormenorizados, e que revela a sua atenção na leitura das duas fontes como podemos ver nas seguintes respostas.

- “ No Jornal de Notícias os manifestantes atacaram a polícia e no Jornal Comércio diz que a polícia atacou os manifestantes”

- “ Só numa fonte se usa o conceito comandos”.

Prosseguindo com a análise, 5 alunos deram uma resposta não válida a esta questão. É possível que 2 destes alunos tivessem copiado, uma vez que apresentam a mesma resposta e apenas um é que refere a fonte:

- “Uma notícia correu sem algum incidente (fonte A) e na fonte B correu com muitos incidentes”.

Com uma resposta parecida com a anterior, outro aluno responde que:

- “ Na fonte A, a PSP não intervém e na fonte B a PSP intervém”.

Estes alunos mais distraídos revelam que não leram com atenção as notícias e sobretudo o título, que são fundamentais para saber do que fala a notícia. Neste caso a Fonte A tem como título “ Recontros com a polícia na avenida dos aliados” que por si só revela logo que houve incidentes. Ora, o termo “recontros” está especificamente marcado com uma nota de rodapé em que explica o significado da palavra (confrontos), e estes alunos não a leram, quando no início da leitura das fontes a professora chamou atenção para o termo utilizado.

Quanto às respostas consideradas desajustadas, 3 alunos, nesta situação, responderam reportando-se para as diferenças nos títulos das fontes e os outros 3 para o facto de os jornais terem nomes diferentes.

A questão 5.1 onde se pedia a justificação da resposta dada na questão anterior, pareceu mais difícil para os alunos dado que a maioria ou respondeu mal ou nem respondeu. Apenas dois alunos responderam relativamente de forma válida. Uma vez que esta questão está ligada com a resposta antecedente, destaco em primeiro lugar a resposta com alguma validade do aluno que destaca, no JN, alusão aos confrontos em que os manifestantes atacaram a polícia (embora após uma primeira carga policial) e, no Jornal C. do Porto, um excerto que diz o contrário. O aluno justifica com expressões do texto:

- “ No jornal de Noticias diz “ ... os civis apoderaram-se de pedras e atacam a polícia que procurou refugio” e no jornal Comércio diz “ Elementos da PSP surgem repentinamente da Praça da Liberdade armados... afastando alguns manifestantes. Estes socorreram-se de algumas pedras”.

O outro aluno, que anteriormente respondeu que a primeira fonte fala mais da revolução das populações e a segunda dos movimentos dos comandos cita, para o primeiro caso, os gritos

de saudações do povo e no segundo a ida do pelotão dos comandos para o quartel da CICA. Os restantes alunos voltaram a escrever o mesmo que na resposta anterior, e os que haviam dado respostas válidas citaram os títulos dos jornais para justificar a sua resposta. Uma das respostas podia ser também a forma entusiástica que a primeira fonte descreve os acontecimentos utilizando expressões como “ vivia-se...um clima de ansiedade”, “ a praça encheu-se de gente”, “pessoas que beijavam o capitão”, “ os civis apoderavam-se de pedras” e “ milhares de pessoas que se apinhavam”. São expressões que são pormenorizadas e que mostra bem a intenção de mostrar o entusiasmo do povo e a vontade das pessoas em querer estar ali e defender algo que era do interesse de todos. Os títulos dos jornais, que tanto os alunos destacaram mas não por razões aceitáveis, também mostram essa diferença. A primeira fonte destacava desde logo o cerne da questão, a que realmente se refere a notícia (aos confrontos com a polícia) e que acaba por criar maior interesse que “grandes manifestações”.

Quanto à questão 6, que pedia a principal mensagem de cada um dos jornais, três alunos não responderam a questão. No entanto, esta teve um tipo de resposta mais equilibrado pois, a grande maioria da turma deu importância a união do povo, como é o exemplo das respostas seguintes:

-“Os jornais tentam mostrar que o povo tem direito à liberdade e que unido consegue aquilo que quer”.

- “Cada um dos jornais tenta passar a mensagem de que se o povo não fizer nada, não se unir, nada consegue contra a corrupção do estado”.

Esta última mensagem leva a supor que este aluno ao falar de uma temática do passado faz uma ligação com a atualidade quando utiliza a expressão “corrupção”, muito utilizada nos dias de hoje. Dentro do mesmo padrão de resposta e fazendo uma ligação também com os dias de hoje, observei duas respostas e passo a citar uma delas:

- “ ...para hoje não fazemos o que se fez antigamente, para não cometermos os mesmo erros”.

Presumo que estes alunos se refiram ao descontentamento das populações, que levou ao ponto de se revoltarem alertando para a importância de não ter de se fazer o mesmo, para

que as populações se possam manifestar de forma mais apaziguada e sem os incidentes que as notícias mencionam.

Nas restantes respostas os alunos basearam-se em factos que falam basicamente no que aconteceu “ as manifestações da população” ou naquilo que resultou nelas alguns referem que a ditadura de Salazar tinha acabado, o que se pedia era contextualizar o significado do que aconteceu e no que representou para as populações.

Finalmente na questão 7, que questiona a importância da notícia para a sociedade atual, não foram consideradas respostas não válidas uma vez que se tratava de uma resposta que pedia um ponto de vista pessoal. Apenas considerei as respostas válidas e as desajustadas, nos casos em que os alunos mencionaram factos que nem são abordados nas notícias.

Apenas 2 alunos não responderam á questão. Os restantes tiveram uma posição muito diversificada, umas mais avançadas do que outras. Temos como por exemplo algumas respostas que não abordam de facto a importância para a sociedade atual: “ foi um dia importante para o nosso país”, “ já não vivemos num regime autoritário”, “ acabou a ditadura”, “ Portugal conseguiu a liberdade”, opiniões que abordavam indiretamente a importância para a sociedade de hoje porque de facto foi muito importante o que aconteceu nesse dia pois não seríamos o povo que somos hoje, não cresceríamos como nação e certamente não tínhamos a liberdade que temos hoje. Entretanto um outro aluno respondeu de forma curiosa, dizendo que estas notícias são um “alerta” para a sociedade atual pois:

- “ ...Se não fizermos nada os representantes de Portugal fazem de nós “marionetas” com que possam brincar”.

Este aluno considerou que as manifestações são um direito do povo e que se não estivermos contentes com a política do governo devemos manifestarmo-nos e mostrar isso mesmo, esse descontentamento. Não nos devemos manter calados pois estamos a concordar com as medidas que nos são impostas. Terá o aluno feito alguma ligação com o que vê nos noticiários ou ouve no seu meio? Há um grande aumento do número notícias nas televisões que mostram o descontentamento, as manifestações e as greves numa altura de crise e que cada vez se tem que fazer mais sacrifícios.

Houve outro tipo de respostas que referem pelo que passaram as pessoas e no que tiveram que lutar para conseguir o que queriam. Para terminar, um aluno<sup>7</sup> fez um comentário curioso mostrando claramente o seu gosto pela disciplina, como já tinha confidenciado, responde de uma forma curiosa que passo a citar:

- “ A História ensinou-me que não existe nenhum regime autoritário que dura para sempre, o mesmo aconteceu em Portugal, o povo lutou pela sua independência e com algum esforço conseguiu-o. Também aprendi que devemos aprender com os erros do passado, com os erros que nós estudamos, para que não se repita em diante. Vivemos no regime democrático e fazemos tudo por tudo para que não violemos as leis da democracia. Acima de tudo, liberdade!”.

O conteúdo deste aluno revela a forma como a História é significativa para ele, com um papel importante de ...no tempo presente.

---

<sup>7</sup> Este aluno, de nacionalidade angolana, confidenciou nos que quando for grande quer ser político no seu país de origem.

## 1.2. Análise quantitativa dos dados

A tabela 1 resume, numa abordagem quantitativa, a frequência de respostas dos alunos em cada item, pelas quatro categorias de análise.

**Tabela 1 – Frequência de respostas dos alunos por categorias de análise em História. Alunos participantes: 20**

Questões	Válidas	Não Válidas	Desajustadas	Sem Resposta
Q3a)- Indica o nome e a data dos jornais	20	0	0	0
Q3b)- Qual o acontecimento histórico de Portugal a que se referem as notícias?	17	0	3	0
Q4- O que têm em comum as duas notícias?	6	3	11	0
Q4.1- Justifica a resposta.	4	5	7	4
Q5- O que têm de diferente as duas notícias?	8	5	6	1
Q5.1 – Justifica a tua resposta.	2	9	1	8
Q6 - Indica a principal mensagem que cada um dos jornais tenta passar.	9	4	4	3
Q7 – Qual a importância da notícia para a sociedade atual?	7	0	11	2

Nota: Neste questionário, falta a resposta de três alunos da turma que não estavam presentes na aula.

## **2. Na disciplina de Geografia**

### **2.1. Análise qualitativa dos dados**

Na questão 1 que perguntava qual a principal mensagem veiculada pela notícia, 6 alunos não responderam de forma válida podem se ler respostas como: “o efeito de estufa”, “os gases do efeito de estufa” e o “aquecimento global”. Estes alunos responderam de uma forma simples e responderam como se a questão fosse qual o tema abordado no vídeo. Os alunos limitaram-se a usar palavras soltas e mencionar o problema em questão. Os restantes alunos mencionaram uma resposta válida, dividindo-se em duas respostas:

- “gases de efeito de estufa estão a aumentar / piorar “

-“ as alterações do clima como o aumento da temperatura”

As respostas destes alunos seriam mais completas se abordassem estes dois factos, isto é o problema e o resultado desse problema, que são o principal alerta que a notícia tenta passar. Então a resposta seria mais completa se referissem que os gases de estufa estão a aumentar consideravelmente provocando alterações no clima, sobretudo o aumento da temperatura.

Porém, ao contrário destes alunos que referiram o problema em questão, quatro alunos mencionaram a solução do mesmo:

“ ... para usar energias alternativas para diminuir o efeito de estufa”.

Considereei estas respostas como desajustadas, pois apesar de serem cientificamente válidas, não são a principal mensagem da vídeo. Este mostra um alerta para o mundo de que os gases do efeito de estufa estão a aumentar e que isso trará consequências graves para o clima, sendo realçado o aumento da temperatura.

A questão 2, que pede que os alunos mencionem as palavras-chave do vídeo, foi feita com o intuito de perceber se os alunos conseguiram retirar do vídeo o mais importante. Nesta questão, 4 alunos não responderam ao que era pedido. De facto, alguns deles nem sabiam o

que era para responder a questão, não sabiam o que significa escolher as palavras-chave e que palavras deveriam escolher<sup>8</sup>.

Foram dadas respostas do género: “energias alternativas para diminuir os gases de efeito de estufa”, “ O aquecimento global e o efeito de estufa estão aumentar sucessivamente” (resposta que servia perfeitamente para a primeira questão e que este aluno respondeu de forma incompleta) e “poluição na atmosfera”. O outro aluno dá uma resposta interessante, apesar de não responder corretamente à questão, por mencionar factos que não são mencionados no vídeo e que demonstra ter conhecimentos da temática:

- “ Nas mudanças climáticas a temperatura, pluviosidade e a nebulosidade tendem a estar mais elevados, ficando assim espécies em extinção, migrações ambientais e recessão de economia”.

Este aluno tentou mostrar que tem conhecimentos à cerca deste assunto mas acabou por errar quando fala de factos soltos sem ligação e usa termos que tinham sido abordados na aula antes da realização desta tarefa.

O uso de palavras-chave são importantes para perceber do que fala o vídeo e neste caso, mencioná-las por ordem que surgem no vídeo poderemos perceber com clareza a mensagem principal da notícia. Todas as respostas foram diferenciadas uns a mencionarem mais palavras que outros. Na tabela 2 podemos ver as palavras mais mencionadas e a frequência com que foram mencionadas.

---

<sup>8</sup> Nesta questão os alunos iam-me chamando para lhes dar exemplos de palavras-chave pois não sabiam o que responder e, por isso, foi-lhes explicado o conceito de palavra-chave. Apenas no caso de um aluno que continuava com dúvidas foi-lhe dado um exemplo mas de um tema completamente diferente.

Tabela 2- As palavras-chave mais usadas nas respostas dos alunos.

Palavras-Chave	Nº de respostas dadas
Dióxido de Carbono	8
CO <sub>2</sub>	2
Monóxido de Carbono	2
<b>Aquecimento Global</b>	<b>9</b>
<b>OMM (organização mundial de meteorologia)</b>	<b>5</b>
Atmosfera	4
Gases	7
<b>Energias alternativas</b>	<b>4</b>
Efeito de estufa	12
Clima	1
<b>Alterações climáticas</b>	<b>1</b>
<b>Gases de efeito de estufa</b>	<b>2</b>
Metano	1
<b>Mudanças na Temperatura</b>	<b>1</b>
Radiações solares	1
Temperatura	5
Calor	2

Pela tabela anterior podemos observar que os alunos mencionaram as palavras-chave relacionadas com a mensagem principal da notícia, ainda que estas devessem ser mais abrangentes como as que podemos ver a negrito na tabela. Estas palavras-chave mais adequadas foram as menos utilizadas pelos alunos, à exceção do termo Aquecimento Global.

Quanto à questão 3, pretendia-se que os alunos mencionassem situações apresentadas no vídeo e que as ligassem com conteúdo<sup>9</sup> que estava a ser tratado na aula onde foi elaborado o

<sup>9</sup> Antes da realização do questionário foi abordado com os alunos o processo do efeito de estufa, os fatores que têm contribuído para o aumento desse efeito, nomeadamente a atividade industrial. Foi ainda mostrado aos alunos quais os gases do efeito de estufa e como estes se comportam na atmosfera, o que leva ao aumento do efeito de estufa e ao consequente aumento da temperatura.

questionário. A grande maioria dos alunos respondeu citando uma frase do Secretário-geral Adjunto da OMM:

- “Entre 1990 e 2010 houve um aumento no aquecimento do nosso clima devido aos gases de efeito de estufa”.

Estes alunos apenas citaram uma passagem do vídeo mas não a relacionaram com a matéria que estava a ser dada. Outros responderam conforme as imagens que foram passando referindo as secas extremas numa região e as cheias na outra. Houve quem acrescentasse que sobretudo em Africa há muitas dificuldades em utilizar os terrenos para agricultura devido a estas alterações climáticas. Embora fossem poucos os alunos que relacionaram uma passagem da notícia com a matéria dada, um aluno responde:

-“ O grande aumento de gases com efeito de estufa que não se via desde a revolução industrial e a poluição que a agricultura moderna está a causar”.

Este aluno fala da revolução industrial, uma vez que as múltiplas atividades humanas contribuem para a libertação de gases que provocam o aumento do efeito de estufa e, nesta ação do Homem, estão incluídas as atividades industriais e a pecuária que vem de encontro à agricultura moderna, como menciona o aluno.

Na questão 3.1, que pede que se justifique a resposta anterior, nesta questão um aluno não respondeu e outros dois alunos responderam com frases copiadas do manual escolar e por isso, as respostas não foram consideradas suficientemente válidas. Usaram expressões retiradas das legendas das imagens que tinham sido previamente analisadas na aula. Esta questão revelou dificuldades dos alunos em fundamentar autonomamente a sua resposta, já que mais de metade dos alunos deram respostas válidas na questão anterior não tiveram sucesso na sua justificação. Apenas 4 alunos conseguiram justificar a razão de escolherem determinada passagem do vídeo. Por exemplo, dois alunos que referiram, na resposta anterior, as percentagens de aumento do efeito de estufa respondem da seguinte forma:

-“ Estes valores são um alerta para as pessoas, porque entre 1990 e 2010 a temperatura aumentou tanto, e que se as pessoas não poluírem menos pode vir aumentar mais”.

- “ Esta afirmação mostra claramente que há um descuido da nossa sociedade porque os gases na superfície terrestre estão a aumentar sucessivamente”.

A primeira resposta alerta para que algo seja feito, neste caso para diminuir a poluição, pois os resultados serão piores. E na segunda há um apontar de dedo à sociedade que não pensa nos efeitos que a sua ação pode provocar na estabilidade do planeta. No seguimento desta resposta, um outro aluno que havia respondido da mesma forma que este, na Q3, dá uma justificação algo dramática:

- “ É importante porque da para ver se a cada 20 anos o CO<sub>2</sub> aumenta 29%, dentro de 70 anos o nosso planeta irá ter 101,5% de aumento de CO<sub>2</sub>, ou seja se ninguém fizer nada em relação a isso em 2080 o nosso planeta irá ser CO<sub>2</sub> por completo”.

Este aluno fez as contas para saber que, se em 20 anos houve este aumento, quanto seria daqui a 70 anos, mostrando que com esses valores não seria possível viver na terra e, como tal é urgente fazer alguma coisa, tomar medidas para não deixar aumentar os gases de efeito de estufa.

Finalmente na questão 4, o resultado surpreendeu-me pela positiva pois os alunos conseguiram-se expressar melhor e desenvolver mais a sua ideia. Contudo, houve dois alunos com respostas inválidas, pois responderam mais ou menos dentro deste registo: “ a importância é o aumento do efeito de estufa”. Três alunos deixaram um comentário confuso e sem indicar o que pedia a questão.

A maioria dos alunos que responderam de forma válida basicamente indicaram o cerne da questão. Uns de forma mais completa que outros dizem que a notícia serve para alertar as pessoas de que o planeta está a passar por alterações climáticas graves, das quais estamos já a sofrer as consequências, e que devemos tomar medidas o mais rápido possível. Essas medidas passam pela utilização crescente de energias renováveis. Seguidamente, passo a citar os comentários dos alunos que refletem esta ideia:

- “... para as pessoas deixarem de poluir e reduzir nas atividades que contribuem para o aquecimento global, como por exemplo a desflorestação que

diminui a absorção de CO<sub>2</sub> pelas árvores... isto afeta as temperaturas médias da terra.”

- “É importante para alertar a sociedade atual que estamos a sofrer as consequências dos nossos atos, e que precisamos de fazer mudanças para vivermos num mundo melhor”.

- “... temos que encontrar alternativas nas energias renováveis para diminuir o problema do aumento do efeito de estufa”.

- “ ...deve-se ao facto de o homem ser um ser ganancioso porque ele mesmo provoca a poluição, e sabe o que pode acontecer e a continuar assim poderá não existir vida para as gerações futuras ”.

Estes quatro comentários dos alunos mostram a importância desta notícia para os alunos. Conseguiram produzir uma ideia pensada autonomamente sem influências do que foi dito na notícia. Eles próprios chegaram à conclusão de que é um problema grave e é preciso consciencializar a sociedade de hoje.

## 2.2. Análise quantitativa dos dados

A tabela 3 resume, numa abordagem quantitativa, a frequência de respostas dos alunos em cada item, pelas quatro categorias de análise.

**Tabela 3- Frequência de respostas dos alunos por categorias de análise em Geografia. Alunos participantes: 22.**

Questões	Válidas	Não Válidas	Desajustadas	Sem Resposta
Q1- Indica a principal mensagem que a notícia tenta passar.	12	6	4	0
Q2- Assinala, com base no que visualizaste, as palavras-chaves à cerca do tema.	18	4	0	0
Q3 - Indica algumas passagens mais importantes do vídeo face ao tema em estudo.	9	4	9	0
Q3.1- Justifica a resposta.	4	4	13	1
Q4 – Qual a importância da notícia para a sociedade atual?	17	2	3	0

Nota: Neste questionário, falta a resposta de um aluno que não estava presente na aula.

## Capítulo IV – Reflexões Finais

### 1. O resultado do estudo: comparação de dados de História e de Geografia

Neste ponto, irei fazer um balanço do que foi analisado anteriormente quer na disciplina de História quer na de Geografia.

No que diz respeito ao uso de notícias de jornal em História, desde cedo os alunos à medida que iam respondendo ao questionário iam colocando várias questões à professora, colocando dúvidas sobretudo sobre o que deveriam responder em determinada questão. Leva-me assim à conclusão que os alunos apresentam algumas dificuldades de interpretação das questões de cruzamento de fontes escritas relativamente extensas, em formato de notícias de jornal.

É importante que se leia sempre todas as questões antes de responder para não acontecer o que aconteceu com alguns dos alunos que deram respostas que poderiam ser válidas mas para outras questões. Os alunos deveriam ter lido as questões de forma a não repetir a mesma resposta ou colocar factos que devem ser respondidos na resposta seguinte, como aconteceu no caso da História, nomeadamente nas questões 4 e 5. Daqui podemos supor pelos dados recolhidos que os alunos não leram na íntegra as fontes apresentadas, pois muitos recorreram apenas aos títulos e as informações dadas pela docente no final de cada notícia, nomeadamente as notas e a informação da notícia (o dia em que foi escrita e o jornal que difundiu a notícia)

Pude também perceber pela maioria das respostas dos alunos que estes leram com mais atenção a segunda fonte (fonte B) em relação à primeira (fonte A), talvez por a Fonte B ser mais pequena. São ilações que pude retirar das respostas incompletas e por justificações que abordavam apenas os factos da segunda fonte.

Algumas das respostas estavam exatamente iguais, houve 4 casos de alunos que copiaram pelo colega do lado.

A análise de fontes em História revelou-se ser mais difícil, pois há uma confrontação de fontes e que levou muitas respostas demasiado genéricas ou que não foram respondidas, sobretudo as questões que pediam respostas mais desenvolvidas. Como podemos observar na tabela 1, as últimas três questões foram as que ficaram mais em branco, talvez por cansaço, falta de motivação, preguiça ou o facto de terem levado muito tempo a elaborar as primeiras questões.

Concluo que a turma apresentou bastantes dificuldades na interpretação das notícias e das questões que lhes foram apresentadas, obrigando a docente a dar mais tempo que o planeado. Os alunos levaram 40 min a responder ao questionário e, mesmo assim, nem todos conseguiram acabar, daí que as últimas questões não foram respondidas.

No que diz respeito à interpretação do vídeo em geografia, embora menos que em História os alunos iam colocando dúvidas, sobretudo quanto ao que deveriam responder em determinada questão. Leva-me assim a pensar que, mais uma vez, a maioria dos alunos apresentaram algumas dificuldades de interpretação das questões colocadas.

Foram poucas as respostas copiadas pelos colegas do lado. Em contrapartida, algumas respostas dos alunos foram copiadas pelo manual. Ainda assim, nesta área os alunos apresentam maiores conhecimentos relacionados com o vídeo, talvez por ser uma questão mais atual e que está inserida no seu quotidiano. É um facto que a temática do ambiente sempre foi um dos temas que mais agradam e motivam os alunos.<sup>10</sup>

Fiquei com a sensação de que os alunos, sobretudo na área da Geografia, poderiam ter desenvolvido mais as suas respostas, talvez por uma questão de preguiça em escrever mais, uma vez que notava-se que estes alunos percebiam a matéria e possuem alguns conhecimentos. Isto porque alguns alunos não se limitaram a escrever o que a notícia falava, iam mais além, mencionando aspetos que foram abordados nas aulas.

Os alunos levaram menos tempo na elaboração de respostas a este questionário - que era mais breve. Este facto pode ser também explicado pelo grau de dificuldade do questionário de História ser mais elevado e por haver confrontação de notícias extensas.

Quanto aos resultados quantitativos, por categorias, podemos concluir que, na última questão, os alunos tiveram respostas mais elaboradas no questionário da Geografia, quer pelo maior número de respostas válidas, e menor número de respostas não válidas. Houve nos dois casos respostas desajustadas. Isto prova que estes alunos, independentemente da fonte que interpretam, possuem dificuldades na construção de uma resposta válida e fundamentada com coerência. Também se notam diferenças no número de alunos que realizaram as questões: em geografia apenas um aluno não fez uma questão, e em História, sobretudo nas que pediam maior desenvolvimento, os alunos não responderam à pergunta.

---

<sup>10</sup> Um facto que foi logo abordado pelas duas professoras orientadoras como forma de nos despreocupar com a possibilidade de não conseguirmos prender a atenção dos alunos.

Em ambos os questionários foram notórias dificuldades na resposta, a grande maioria dava respostas muito curtas e diretas, sem explicar ou fundamentar a sua resposta. É possível que estes alunos estejam habituados a perguntas de resposta direta e sem grandes desenvolvimentos. Em história houve apenas um aluno que respondeu autonomamente e com uma resposta mais desenvolvida sendo claro o seu gosto pela disciplina. Em geografia, na última questão do questionário verifiquei que os alunos desenvolveram mais as suas respostas. Outro facto que se verificou é que em ambas as disciplinas, nas questões que se pretendia a justificação das respostas anteriores, uma minoria apresentou uma justificação fundamentada e construtiva. Os restantes davam justificações muito incompletas que pouco ou nada tinham a ver com a resposta anterior.

Notei que foi mais difícil captar a atenção dos alunos perante as notícias de jornal enquanto que a fonte multimédia despertou maior atenção, daí que talvez os resultados obtidos fossem melhores em geografia. Em resumo, talvez o tema tivesse influenciado os alunos, o tipo de fontes, o facto de na Geografia o tema ser mais familiar do que o de História cujo o questionário exigia mais dos alunos, apresentando-se mais longo e um grau de dificuldade mais elevado em relação ao questionário da Geografia.

## **2. Limitações do estudo**

Foram várias as limitações que se verificaram ao longo desta experiência, mas foi sobretudo na fase de implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica que houve maiores dificuldades. Logo no primeiro semestre, as aulas curriculares e os trabalhos e o desenho no projeto impediram a presença nos contextos de intervenção, pois, para além de iniciarmos tarde este processo, foram poucas as horas disponibilizadas para assistir às aulas das orientadoras e assim conhecer melhor o comportamento da turma e, em particular, alguns alunos mais problemáticos ou aqueles com mais dificuldades na aprendizagem.

Já na fase de implementação do Projeto, no segundo semestre, o tempo não ajudou. Foram poucas as aulas distribuídas pelas estagiárias nas duas disciplinas. Desta forma foram 3 aulas para a disciplina de História e três aulas e meia (45 minutos) para a disciplina de Geografia. Estas aulas foram intercaladas com a outra professora estagiária que estava na mesma turma e o professor cooperante, algo prejudicial sobretudo na disciplina de Geografia. Não foi possível garantir um fio condutor a nível de conteúdos entre algumas das aulas lecionadas. Outro constrangimento com que me deparei foi a exigência de cumprir à regra os conteúdos programáticos, por imposição da escola. Uma exigência compreensível uma vez que os alunos são avaliados nos testes e precisam de ter as temáticas em ordem para esses momentos de avaliação, mas a verdade é que essa imposição acabou por afetar as aulas de implementação do projeto. O apertado calendário<sup>14</sup> e a preocupação em cumprir o plano de aula obrigou-me a acelerar alguns conteúdos, inclusive o tempo estipulado para aplicar os questionários que sustentaram este projeto de intervenção pedagógica, bem como a intenção de apresentar um outro questionário para perceber as ideias dos alunos relativas à aprendizagem que adquiriram com o trabalho das fontes que lhes foram fornecidas. Ainda a respeito dos conteúdos, até bem pouco tempo antes da leção das aulas permanecia a incerteza das temáticas que me cabia lecionar. Permanecia dependente de outra professora estagiária, sempre na incerteza se cumpriria o seu plano, o que me levou à elaboração dos planos de aula pouco tempo antes das aulas que tinha de lecionar. Ora esta incerteza limitou-me na escolha do para implementar o projeto. Assim, o tempo para encontrar o recurso (as notícias) adequado e prepará-lo para a aula era diminuto. Outra grande dificuldade neste projeto foi o cumprimento do plano de aula, foram poucas as aulas em que estes foram cumpridos. O fraco desempenho na

globalidade da turma participante foi evidente a quando da análise de dados ao nível da escrita e da interpretação.

Relativamente aos recursos da escola, também mencionado neste relatório considero que as medianas condições espaciais e sonoras das salas de aula influenciaram o rendimento escolar dos alunos.

Finalmente, no que concerne à realização deste relatório, houve algumas dificuldades em descobrir fundamentação que me ajudasse no tipo de intervenção que adotei e com os recursos que utilizei tanto em História como em Geografia. A produção teórica deste trabalho foi realizada após uma intensiva procura de trabalhos que me auxiliasse no que pretendia. Por outro lado, na análise de dados não foi tarefa fácil enquadrar as respostas dos alunos nos vários níveis de resposta.

Apesar destas limitações com que me deparei no decorrer destes meses da sua realização acabo por fazer um balanço positivo e que de facto apesar das adversidades, aprendi bastante quer na minha experiência como professora, no que diz respeito à minha interação com os alunos, na discussão de matérias ou na realização dos exercícios, no planeamento das aulas, mas também na realização deste relatório. Assim, esta experiência foi bastante gratificante.

### **3. Implicações para o desenvolvimento profissional**

Apesar das limitações evidenciadas no ponto anterior, considero que este projeto foi uma mais-valia para a minha aprendizagem como futura professora. Daí que numa nova experiência eu tomaria opções diferentes. Aprendi com alguns erros cometidos, sobretudo no planeamento das aulas e de algumas tarefas e é com uma nova faceta e forma de encarar as adversidades que pretendo melhorar esses erros.

Constatedei que o professor é um constante investigador e que o leva a refletir sobre as suas práticas pedagógicas. Neste sentido, o professor deve centrar-se na forma como os alunos desenvolvem as suas competências, procurar trabalhar e desenvolver essas competências com os alunos, para ajudar a formar jovens reflexivos. Os próprios professores devem ser autorreflexivos no seu trabalho e perceber se estão a fazer um bom trabalho, se as suas tarefas são desafiadoras ao ponto de exigir aos alunos trabalhar essas competências. Não basta apresentar uma fonte rica e não trabalhá-la adequadamente com os alunos, não basta ter ideias inovadoras e captar atenção dos alunos e chegar à conclusão de que eles não aprenderam nada ou que não interpretaram a mensagem, que apresentarem fontes que não exigem ao aluno a ação de pensar, refletir ou problematizar essa fonte. Julgo que este trabalho deve ser feito gradualmente e com um grau de dificuldade crescente para que o aluno possa desenvolver cada vez mais competências.

Esta experiência alertou-me para a importância da realização de fichas de metacognição, que acabei por não usar e que seriam essenciais para que o aluno melhorar o seu conhecimento e as suas aprendizagens. São úteis para os professores perceberem o nível de conhecimento, perceber os seus pontos fracos quando existem e tentar melhorá-los.

No final deste relatório vejo-me a refletir e a repensar a forma como irei desenvolver as minhas práticas docentes no futuro. Deverá ser um exercício que todos os professores devem fazer de forma a melhorar a sua atividade de ensino e o processo de aprendizagem dos alunos.

Finalmente fica a ideia que esta experiência deveria ser mais prolongada. O curto período de aulas disponíveis, a para da implementação do projecto, desviou-nos do grande objetivo que deveria estar centrado no trabalho reflexivo com os alunos e no desenvolvimento de competências que favorecessem tanto o processo de ensino como o de aprendizagem.

## Referências Bibliográficas.

ABRANTES, J. Carlos (org.) et al (1995). *A Imprensa, A Rádio e a Televisão na Escola*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

ALVES, Murilo & CARDOSO, Eduardo (2008). Geografia e a Mídia na sala de aula, *Geografia: ensino & pesquisa*, Santa Maria, v.12, n° 2, p. 18-26.

ASHBY, R. (2003). O conceito de evidência histórica: exigências curriculares e concepções de alunos. In: BARCA, I. (org.). *Educação histórica e museus*. Braga: Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, p. 37 - 57

BARCA, Isabel (2004). *Aula Oficina: do Projeto à Avaliação*. In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED) / Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, p. 131 – 144.

CACHAPUZ, A. et al (2002). *Ciência, educação em ciência e ensino das ciências*. Ministério da Educação, Lisboa.

CAVALCANTI, Lana de Souza (1998). *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus.

FOSNOT, Catherine Twoney (1996). *Construtivismo e Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

MARTINHA, Cristiana (2009). *Reflexão em torno do Desenvolvimento das competências geográficas. O caso de actividade da “universidade Júnio” da Universidade do Porto*. In BARCA, I & Pinto, Helena (org) *Actas da IX Jornadas Internacionais em Educação Histórica*. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED) / Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, p. 177 – 185. Não publicado.

MARTINS, Rosa (2008). *O ensino da Geografia e o uso de notícias na sala de aula*. *Geo UERJ*, ano 10, v.2, n°18, p.198-207.

MCARTHUR, C. B. (1980). *Television and History. Television Monograph 4*. London: British Film Institute.

MOREIRA, M. G. (2005). *As Fontes Históricas propostas no Manual e a construção do conhecimento histórico*. Braga: Instituto da Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

MOREIRA, Olga (2002). *As concepções dos alunos e acerca da relação Televisão e Conhecimento histórico*. Braga: Instituto da Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

PEREIRA, N. Mullet & SEFFNER, Fernando (2008). *O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula*. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128.

PEREIRA, Sara (2001). *Os desafios educativos dos media na educação de infância*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

PINHEIRO, R. Lopes (2010). *A Televisão e os adolescentes: preferências e expectativas face à programação educativa*. Braga: Instituto da Educação da Universidade do Minho.

PINTO, Manuel (1995). *A Televisão no Quotidiano das crianças*. Braga: Instituto das Ciências Sociais da Universidade do Minho

WANDERLEY, Sonia (2012) *Cultura histórica, mídia e ensino de história: problemas políticos de ensinar e aprender*. XV Encontro Regional da História: Ofício do Historiador, ensino e pesquisa da Associação Nacional de História (ANPUH), Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

## **Anexos**



Mestrado de Ensino de História e Geografia do 3º ciclo do ensino básico e secundário 2011/2012

Estágio - Escola EB 2,3 André Soares

Nome aluno: \_\_\_\_\_ 9º H

Professora estagiária- Diana Maciel, pg 18085

### Projeto de Intervenção – 23 de Maio de 2012

**1. Lê atentamente as notícias que se seguem sobre o mesmo conhecimento. Deves ter em atenção a, a data, a localização do acontecimento noticiado e o jornal em que foi escrita a notícia.**



#### “Recontros<sup>1</sup> com a polícia na avenida dos aliados”

Pouco depois do meio-dia vivia-se na Baixa portuense um clima de ansiedade. Comentava-se em vários tons os acontecimentos da madrugada e da manhã, ainda mal definidos – apesar de os comunicados da Forças Armadas terem sido divulgados através da Rádio. Aos poucos, a Praça da Liberdade encheu-se de gente. Passara-se dos murmúrios às conversas abertas.

O tempo corria. Ouviram-se com frequência vivas às Forças Armadas. Calmos os guardas da PSP viviam com expectativa sem intervirem nos acontecimentos. Mas, a dado momento, um grupo de jovens iniciou uma manifestação reclamando bem alto «amnistia»<sup>2</sup>.

Entretanto, um grupo de civis corria da Praça da Liberdade para a Rua de Elísio de Melo, sob uma carga da PSP. Tanto bastou para que os «comandos» saltassem dos veículos e fossem oferecer proteção aos civis. A PSP retrocedeu, perante a intransigente atitude dos homens das Forças

Armadas. Logo ali, entoaram uns, o hino nacional outros, vitoriaram as forças revolucionárias. Chegou-se ao ponto de haver pessoas que beijavam o capitão dos «comandos».

Entretanto, na Praça da Liberdade os civis apoderavam-se de pedras e atacavam a Polícia que procurou refúgio. Mais tarde, uma outra força daquela corporação surgiu na Praça de Almeida Garrett. Procurou tomar posições estratégicas. Não o conseguiu porque a população, portuense (particularmente os jovens) obrigou os guardas a retroceder. Foi igualmente corrida à pedrada. Houve feridos.

Mais tarde, o pelotão dos «comandos» manobrou para o quartel do CICA 1- local onde estão instaladas as forças de Lamego. Cercas das 18 horas e quando, precisamente, duas forças da PSP se instalavam juntos Paços do Concelho, ladeando-o, alguns civis manifestaram-se contra essa atitude, apedrejando quer o edifício do Palácio

dos Correios, quer ainda o da Câmara Municipal. Ato contínuo, os guardas da PSP dispararam alguns tiros, os homens da PSP alvejaram a população.

Algum tempo depois, as forças da PSP desapareciam da Avenida. Mas o povo, esse manteve-se firme: gritavam-se os nomes dos generais Spínola e Costa Gomes.

Alguns minutos depois das 19 horas e quando alguns portuenses teimavam em ficar na Baixa, ignorando os apelos para que regressassem a casa, uma companhia de «comandos» saiu para a rua, tendo sido aclamada durante todo o percurso por milhares de pessoas que se apinhavam. Viam-se pessoas nas janelas, que acenavam aos militares. Formou-se um cortejo automóvel, buzinando.

*Jornal de Notícias, 26 de abril de 1974  
Pag. 7 (sem nº de serie) (adaptado)*

1- Entende-se por confronto; encontro.

2-Entende-se por perdão; anulação ou diminuição de algo que foi imposto.



## “Grandes Manifestações na baixa portuense”

No dia de ontem, após o almoço, começaram a verificar-se na baixa citadina pequenas aglomerações populares, discutindo entre si as últimas informações acerca do acontecimento cujas dimensões eram, ainda nesta hora, desconhecidas. A partir das 15 horas os grupos começaram a engrossar. A expectativa era enorme. Aguardavam-se as últimas notícias, os últimos comunicados. Concretamente, o maior ajuntamento de pessoas começara a esboçar-se exatamente em toda a Praça da Liberdade e pela Avenida dos Aliados.

Um ‘placard’ anuncia que o presidente da República, o chefe e membros do governo estavam cercados no quartel da GNR, do Carmo e no Regimento de Lanceiros 2. Vozes em uníssono proclamavam «o povo unido jamais será vencido». Grupos aqui e além começam a gritar «Amnistia, Amnistia». Inicia-se, então, o desfile que

se prolongaria pela tarde fora e a constante entoação de vários «Slogans». Elementos da PSP surgem repentinamente da Praça da Liberdade armados, de longos cassetetes e sobem pela avenida, afastando alguns manifestantes.

Estes socorreram-se de algumas pedras. Alguns polícias recuam em fuga forçada para a Praça, enquanto que outros avançam contra os manifestantes. Alguns são atingidos, com as pedras. Em corrida com as metralhadoras aferradas, aparecem elementos do exército, comandados por um tenente, vindos da Rua Elísio de Melo. Acompanhados pelos manifestantes dirigem-se aos elementos da PSP, obrigando-os a retirar. Os militares são vitoriosos e ovacionados pela multidão.

Foi, então que o mais grave incidente se registou. Quando as

centenas de pessoas se aproximava, da Praça do Município, novos elementos da PSP surgem do lado esquerdo da Câmara Municipal e abrem fogo. Estabeleceu-se grande confusão de atropelos e corridas desvairadas. A multidão dispersa pelas várias artérias que desembocam na Avenida para reaparecer meia hora depois, mais compacta, agitando casacos feitos bandeira e entoando ritmadamente «o povo unido jamais será vencido». Pelas 22h10, A Baixa animou-se novamente. No fundo da Praça surge uma coluna composta por seis viaturas peçadas de militares seguida de dezenas de carros que festivamente buzonavam em saudação às forças armadas.

*Comércio do Porto, 26 de Abril de 1974,  
Pag. 7, nº 114, (adaptado)*

---

### 2. Responde às seguintes questões.

3 a) Indica o nome e a data dos jornais.

---

---

b) Qual o acontecimento histórico de Portugal a que se referem as notícias?

---

---

4 - O que têm em comum as duas notícias?

---

---

4.1 – Justifica a tua resposta.

---

---

---

---

5 - O que têm de diferente as duas notícias?

---

---

---

5.1 – Justifica a tua resposta.

---

---

---

---

6 - Indica a principal mensagem que cada um dos jornais tenta passar.

---

---

---

---

7 – Qual a importância da notícia para a sociedade atual?

---

---

---

---

Obrigada pela tua colaboração.

A professora.



Mestrado de Ensino de História e Geografia do 3º ciclo do ensino básico e secundário 2011/2012

Estágio - Escola EB 2,3 André Soares

### **4º Plano de Aula História**

---

Professora estagiária- Diana Maciel, pg 18085

Professora cooperante- Patrícia Braga

---

**4ª aula - História – 9º H – Sala 20 – 10.05h às 11.35h – 23 de Maio de 2012**

---

#### **Sumário:**

Portugal Democrático: a Revolução de Abril e o processo revolucionário.

A independência das colónias e os retornados.

Os problemas do desenvolvimento económico; a integração europeia.

---

#### **Visão Geral da aula.**

Descontentes com a política de continuidade de Marcelo Caetano, os militares do MFA (criado em 1973) organizaram-se num movimento que conduziu à Revolução de 25 de Abril de 1974. A continuidade da guerra colonial, a falta de liberdade e as dificuldades económicas levaram os militares, com o apoio da população, a por fim ao regime. O poder fica entregue à Junta de Salvação Nacional, criada pelos militares sob a presidência do general Spínola. Segundo os principais medidas impostas no programa criado pelo MFA, destaca-se abolição de todas as estruturas repressivas e da censura, a libertação de presos políticos e a criação de eleições livres, que levou à Constituição da República em 1976.

O fim do regime em Portugal despertou alegria nas colónias portuguesas, que após várias reuniões entre políticos portugueses e africanos, no espaço de um ano foi-lhes concedido a sua independência. Porém, esta liberdade não foi benéfica para os portugueses que viviam

nas colónias, seguiram-se períodos ataques aos portugueses. Estes viam-se obrigados a deixar tudo para trás e regressar a Portugal.

---

A economia portuguesa nas vésperas da revolução estava em decadência, fundamentalmente pelos imensos gastos com a guerra colonial. Porém, a perda dos territórios africanos significou a perda de mercados coloniais agravando ainda mais a situação económica.

Uma dos objetivos do MFA era democratizar e desenvolver Portugal e a opção é a integração de Portugal na CEE. Passado quase uma década do pedido de adesão, em 1986 Portugal torna-se, finalmente, membro da Comunidade Europeia.

---

**Competências:** Análise e interpretação de fontes diversas, incluindo, as diferentes mensagens.

---

### **Questões Orientadoras:**

Como se encontrava Portugal a nível político, social e económico depois da Revolução de Abril?

Que dificuldades enfrentaram os portugueses que viviam nas colónias, após a independência desses territórios?

Que valores defendia a CEE que explicam a insistência da adesão de Portugal?

---

**Conceitos:** Democratização

Descentralização

Autonomia Regional

Poder Autárquico

MFA

---

### **Experiências de Aprendizagem:**

1º Momento – Depois de ditar o sumário aos alunos, será feito um levantamento das ideias prévias dos alunos relativos a noção de Democratização e Descentralização. Ideias essas que serão registadas no quadro negro as quais irão ser reconstruídas ao longo da aula. (15 min – Av. Diagnostica)

2º Momento – Depois de uma breve abordagem sobre o que levou à Revolução de Abril e o processo revolucionário, será dado aos alunos, uma ficha do projeto de intervenção. Esta é

composta de duas notícias escritas, sobre um momento particular da revolução, e perguntas, das quais os alunos deverão responder. (25min – Av. Formativa)

3º Momento – Neste momento será projetado um quadro que diz respeito às características políticas, económicas e sociais do Portugal democrático. Os alunos devem passar, o quadro para o caderno diário e preencher. Será fornecido aos alunos, as paginas que devem ver para poderem preencher. A correção desta atividade é, depois de ouvir as repostas dos alunos, projetada e ao mesmo tempo explicada pela professora. (20min – Av. Formativa)

4º Momento – Neste momento será abordado a questão da independência das colónias e a situação dos retornados e das dificuldades que encontraram em Portugal depois de terem deixado tudo o que tinham nas colónias. Assim, os alunos serão chamados atenção para o documento 8 A e B da Página 193. (20 min – Av. Formativa)

5º Momento – Para terminar a aula, será abordado o processo da entrada de Portugal na CEE, quase uma década depois da sua adesão. Será mostrado aos alunos, através do documento 10 e 11 da página 195, os motivos que levaram a insistência de Portugal na adesão à Comunidade Europeia. (10 min – Av. Formativa)

---

**Instrumentos Utilizados ao longo da aula:** Manual escolar, Caderno diário, PPT, Ficha de Trabalho.

---



Mestrado de Ensino de História e Geografia do 3º ciclo do ensino básico e secundário 2011/2012

Estágio - Escola EB 2,3 André Soares

**Projeto de Intervenção – 02 de Maio de 2012**

Nome aluno: \_\_\_\_\_ 9º H

Professora estagiária- Diana Maciel, pg 18085

**Depois de visualizares a notícia responde às seguintes questões.**

1- Indica a principal mensagem que a notícia tenta passar.

---

---

2 - Assinala, com base no que visualizaste, as palavras-chaves à cerca do tema.

---

---

3 - Indica algumas passagens mais importantes do vídeo face ao tema em estudo.

---

---

3.1 – Justifica a resposta.

---

---

---

4 – Qual a importância da notícia para a sociedade atual.

---

---



Mestrado de Ensino de História e Geografia do 3º ciclo do ensino básico e secundário 2011/2012

Estágio - Escola EB 2,3 André Soares

## **2º Plano de Aula Geografia**

---

Professora estagiária- Diana Maciel, pg 18085

Professora cooperante- Manuela Afonso

---

### **2ª aula - Geografia – 9º H – Sala 20 – 10.05h às 11.35h – 2 de Maio de 2012**

---

**Sumário:** Mudanças climáticas a nível regional e local.

O efeito de estufa: consequências e medidas

Impactos do efeito de estufa em Portugal.

---

### **Visão Geral da aula.**

As mudanças climáticas verificam-se não só a nível global como também a nível regional e local. As cidades estão sujeitas a formação de cúpulas de poluição, devido aos movimentos ascendentes do ar. Apresentam hoje o chamado clima urbano devido aos maiores níveis de poluição e temperatura mais elevada em relação as zonas rurais, resultante da poluição industrial e emissões de CO dos transportes.

Graças à Atmosfera, cria-se um efeito de estufa natural permitindo que as temperaturas sejam amenas à superfície terrestre. No entanto, devido às atividades humanas e alguns processos naturais levam a modificações do efeito de estufa natural, através da maior presença dos gases de efeito de estufa, acentuando o seu processo e provocando, sobretudo, aumento da temperatura e outras consequências que levam o desequilíbrio da natureza (desertificação, subida do nível do mar, alterações de ecossistemas, etc.)

**Competências:** Leitura e interpretação documentos, mapas e gráficos.

---

**Questões Orientadoras:** Que relação existe entre a poluição e o efeito de estufa?

Que medidas para reduzir o efeito de estufa?

---

**Conceitos:** Cúpulas de poluição

Clima Urbano

Efeito de estufa.

---

### **Experiências de Aprendizagem:**

1º Momento – Depois de ditar o sumário aos alunos, é feita a revisão da matéria da aula anterior. Será entregue aos alunos um crucigrama sobre os principais conteúdos da aula anterior. A correção é feita oralmente. (15 min – Av. Formativa)

2º Momento - Será feito um levantamento das ideias prévias dos alunos relativos a noção de efeito de estufa. Ideias essas que são registadas no quadro negro e que irão ser reconstruídas ao longo da aula. (5 min – Av. Diagnóstica)

3º Momento – Momento expositivo sobre as mudanças climáticas a nível regional e local, exigindo sempre a intervenção dos alunos às perguntas que lhes são colocadas acerca do conteúdo e das imagens que serão analisadas, fig. 26 e 27 (p.108), em simultâneo de modo a que percebam que a temperatura nos espaços urbanizados é mais elevada em relação à periferia. E para a fig. 29 da página 109 que diz respeito à concentração de poluentes em várias cidades do mundo. (10min – Av. Formativa)

4º Momento – Momento mais expositivo em que será explicado aos alunos que o efeito de estufa é um fenómeno natural, positivo e importante para manter o equilíbrio térmico da Terra. Este momento será explicado dando o exemplo com duas bolas (representam a terra), uma delas está coberta (representa a camada atmosférica que protege a Terra), em frente a uma lareira (representa o sol) e fazer uma série de questões que levem o aluno a construir o seu próprio conhecimento a respeito do processo do efeito de estufa. No entanto, a ação do Homem, através da emissão dos gases poluentes para a atmosfera, tem acentuado o efeito de estufa, aumentando assim a temperatura. Para mostrar como este processo (o acentuado efeito de

estufa) se desencadeia, serão analisadas as imagens 36 e 38, das páginas 112 e 113, respetivamente. A professora pede a um aluno que interprete a imagem e só depois dará a explicação. O mesmo processo será feito com a outra imagem. (25 min – Av. Formativa)

5º Momento – Neste momento será implementado uma parte do projeto de estágio, assim, será mostrado aos alunos, um vídeo/notícia (cerca de 2min) sobre o aumento do efeito de estufa. A professora entregará uma ficha com algumas questões nas quais os alunos deverão responder e entregar à professora. (10 min – Av. Formativa)

6º Momento – Para alertar os alunos que o aumento global da temperatura média do planeta, causado pelo crescente efeito de estufa, tem provocado desequilíbrios da natureza, como representa o quadro 5 da página 114, que diz respeito as consequências do efeito de estufa. O quadro será analisado com os alunos e com o apoio de imagens do PPT, referentes ao degelo, a consequente subida do mar e com o exemplo de Portugal. A professora chamará atenção para a fig31 da página 110, para que os alunos percebam o que poderá acontecer, a longo prazo, com a continuada subida do mar. Em consequência, será igualmente analisado o quadro 6 (p.115), referente à solução aos problemas referidos anteriormente, também com o apoio de imagens, do PPT, de forma a exemplificar as medidas mencionadas no manual.

De seguida será pedido a um aluno que leia o documento 10 da mesma página, para que a turma perceba que os países, responsáveis pela emissão de gases de efeito de estufa, têm consciência do problema, através da realização de conferências e acordos internacionais, neste caso o Protocolo de Quioto. Mas que, nem todos aceitam as medidas ou não conseguiram cumpri-las dentro dos prazos estabelecidos, neste último temos o exemplo de Portugal, como retrata a fig. 39. Para terminar, os alunos terão que responder às questões da atividade da página 115. A correção é feita oralmente. (25 min – Av. Formativa)

---

**Instrumentos Utilizados ao longo da aula:** Notícia televisiva em vídeo, Manual escolar, Caderno diário, ficha de trabalho, PPT.

---

Tabela 4- Frames da notícia videogravada da RTP apresentado aos alunos na aula de Geografia

 <p>26 22 Miami 2ª Circular BOM DIA PORTUGAL 08:24</p>	 <p>A quantidade de gases com efeito de estufa na atmosfera</p> <p>Milao A1 BOM DIA PORTUGAL 08:24</p>	 <p>JEREMIAH LENGUASA Secretário Geral Adjunto OMM</p> <p>atingiu os níveis mais elevados em 2010.</p> <p>Montreal A5 BOM DIA PORTUGAL 08:24</p>
<p>0:09 seg.</p>	<p>0:16 seg.</p>	<p>0:20 seg.</p>
 <p>Entre 1990 e 2010, houve um aumento de 29%</p> <p>Oslo IC 19 BOM DIA PORTUGAL 08:24</p>	 <p>devido aos gases com efeito de estufa.</p> <p>Paris Lisboa BOM DIA PORTUGAL 08:24</p>	 <p>E o dióxido de carbono que é um dos gases com efeito de estufa</p> <p>Pequim Lisboa BOM DIA PORTUGAL 08:25</p>
<p>0:34 seg.</p>	<p>0:40 seg.</p>	<p>0:43 seg.</p>
 <p>representa 80% deste aumento.</p> <p>Perth Lisboa BOM DIA PORTUGAL 08:25</p>	 <p>25 25 Praia Porto BOM DIA PORTUGAL 08:25</p>	 <p>THOMAS STOCKER Painel Mudanças Climáticas ONU</p> <p>e magnitude das temperaturas diárias extremas.</p> <p>Roma Porto BOM DIA PORTUGAL 08:25</p>
<p>0:50 seg.</p>	<p>0:58 seg.</p>	<p>1:20 min.</p>
 <p>E haverá a diminuição das temperaturas frias extremas.</p> <p>Salt Lake Porto BOM DIA PORTUGAL 08:25</p>	 <p>26 25 S. Tomé Porto BOM DIA PORTUGAL 08:25</p>	
<p>1.22 min.</p>	<p>1.40 min.</p>	